



A ASTROLOGIA

SUZEL FUZEAU-BRAESCH

Jorge Zahar Editor

18 Coleção Cultura
Contemporânea

A ASTROLOGIA

Suzel Fuzeau-Braesch

A ASTROLOGIA

Tradução:

Lucy Magalhães

Revisão Técnica:

Stella van Weerelt

Astróloga e psicóloga clínica

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Título original:
L'Astrologie

Tradução autorizada da primeira edição francesa publicada em 1989 por Pressas Universitaires de Franca, de Paris, França, na coleção "Que sais-je?"

**Copyright © Pressas Universitaires de Franca, 1989
Copyright ©1990 da edição em língua portuguesa:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031 Rio de Janeiro, RJ**

**Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)**

[Edição para o Brasil]

Impressão: Tavares e Tristão Ltda.

**ISBN: 2-13-042610-7 (ed. orig.)
ISBN: 85-7110-141-8 (JZE, RJ)**

SUMÁRIO

Capa - Orelha - Contracapa

Introdução 7

capítulo 1

**Componentes gerais da técnica astrológica
ocidental** 9

I. O zodíaco, 9; II. O Sol, a Lua e os planetas, 14; III. O céu real, 20; IV. Interpretação psicológica, 25; V. Previsões, 27

capítulo II

**Origem dos diferentes elementos da técnica
astrológica e sua evolução** 32

I. Primeiros conhecimentos astrológicos da Antigüidade, 32; II. A astrologia helenística, 39

capítulo III

**Da expansão antiga à revolução
copernicana** 47

I. Roma, 47; II. O início do cristianismo, 50; III. A astrologia árabe, 51; IV. A Idade Média, 53; V. A imprensa e o heliocentrismo: do século XV ao XVII, 57

capítulo IV

**Do Século das Luzes à época moderna:
declínio e renovação** 61

I. O Século das Luzes, 61; II. Evolução particular da astrologia na Grã-Bretanha, 64; III. Esquecimento e reaparição da astrologia na França, 69; IV. A Alemanha e o Terceiro Reich, 73; V. Balanço e tendências da astrologia atual, 76

capítulo V

A astrologia diante da ciência

84

I. As estatísticas, 86; II. A psicologia, 96; III. A biologia, 104; IV. A astronomia, 108; V. O racionalismo militante contra a astrologia, 113

Conclusões

117

Bibliografia

120

INTRODUÇÃO

A astrologia é antes de tudo um dado da civilização ligado à tomada de consciência, pelo Homem, do tempo que se escoou e dos ritmos da natureza.

Sua história se estende ao longo de um período de mais de 5.000 anos, e sua evolução prossegue, simultaneamente, mas de modo descontínuo, nos planos temporal e geográfico.

A observação do céu, o conhecimento dos movimentos do Sol ou da Lua, dos planetas e das estrelas, a sucessão dos dias e das noites e também das estações logo impressionaram o espírito do Homem. E por isso que diversos sistemas espaços-temporais de natureza astrológica apareceram durante o desenvolvimento de numerosas civilizações como a egípcia, a hindu, a helenística, a chinesa ou a maia.

Nascida das tradições egípcia, mesopotâmica e grega, a astrologia ocidental é a única que estudamos neste livro. Esta pequena obra deseja, situando-a historicamente em bases descritivas, reunir os elementos objetivos de que dispomos.

Entretanto não nos pareceu possível oferecer um panorama sério da astrologia sem, previamente, conhecer suas linhas essenciais e sua substância principal. Expomos assim, no primeiro capítulo, os componentes da técnica astrológica geralmente aceitos na atualidade. Isso nos pareceu indispensável em razão da extensão do uso da palavra 'astrologia' e de sua grande imprecisão, quase paradoxal, no espírito popular.

Assim, poderemos melhor compreender a origem e melhor acompanhar os desenvolvimentos e formas de seus elementos, desde a Babilônia até nossos dias, ao longo de três capítulos históricos.

Depois de bem definida e situada historicamente, torna-se então possível, no quinto capítulo, confrontar a astrologia e a ciência moderna — problema dos mais difíceis e espinhosos. Indicaremos, o mais objetivamente possível, os fatos mais marcantes da questão, antes de tentar uma conclusão provisória, que o próprio leitor poderá retomar.

NOTA

No texto, os algarismos entre colchetes se referem à bibliografia final. Esta compreende as obras diretamente utilizadas.

Os algarismos superiores referem-se às notas de rodapé, entre as quais encontrar-se-ão todas as referências provenientes de publicações periódicas. Elas são numeradas de 1 a n, em cada capítulo.

capítulo I

COMPONENTES GERAIS DA TÉCNICA ASTROLÓGICA OCIDENTAL

O conhecimento preliminar da técnica astrológica ocidental, como esta é geralmente aceita na atualidade, é indispensável à boa compreensão de sua história e de suas relações com as ciências, o que será objeto dos capítulos seguintes. Adotamos aqui o vocabulário reunido no *Dictionnaire Larousse de l'Astrologie* [1].

O estabelecimento de um mapa astral de um indivíduo, ou carta natal, ou horóscopo, *nativity ou birth chart* em inglês, é a base de toda a astrologia: seus métodos serão expostos, seguidos de um resumo das técnicas e formas de interpretação [2, 3, 4, 5, 6, 7].

1. O ZODÍACO

Definição. O zodíaco é uma zona de nossa abóbada celeste, situada de lado a lado da eclíptica, de uma largura aproximada de 18°, na qual se pode ver evoluir o Sol e os planetas. A eclíptica não é outra coisa senão a trajetória aparente do Sol, descrita durante o ano, em torno da Terra, tal como se apresenta a um habitante de nosso globo. E pois um dado do sistema geocêntrico.

O plano da eclíptica está atualmente inclinado de 23° aproximadamente em relação ao equador celeste e o corta em dois

pontos, que são os equinócios: equinócio da primavera ou ponto "vernal" e equinócio do outono.

Ao longo de sua revolução anual sobre a eclíptica, o Sol percorre os doze signos do zodíaco, avançando aproximadamente 1° por dia (= 360° por ano). De fato, sabe-se que é o deslocamento real da Terra em torno do Sol que produz o movimento aparente do Sol pelos doze signos zodiacais (quadro 1 e fig. 1).

QUADRO I		
Os doze signos zodiacais, suas longitudes e suas datas aproximadas		
<i>Signo</i>	<i>Longitude</i>	<i>Data</i>
Áries	0-30°	21 de março - 20 de abril
Touro	30-60	21 de abril - 20 de maio
Gêmeos	60-90	21 de maio - 21 de junho
Câncer	90-120	22 de junho - 22 de julho
Leão	120-150	23 de julho - 22 de agosto
Virgem	150-180	23 de agosto - 22 de setembro
Libra	180-210	23 de setembro - 22 de outubro
Escorpião	210-240	23 de outubro - 21 de novembro
Sagitário	240-270	22 de novembro - 20 de dezembro
Capricórnio	270-300	21 de dezembro - 19 de janeiro
Aquário	300-330	20 de janeiro - 18 de fevereiro
Peixes	330-360	19 de fevereiro - 20 de março

Os doze signos zodiacais correspondem às doze constelações de estrelas fixas, como foram vistas e definidas na Antigüidade, das quais conservaram os mesmos nomes: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes,¹ convencionalmente definidos por suas longitudes, a partir do ponto vernal = 0° Áries, até 360° Peixes.

Na realidade, o ponto vernal se desloca de modo contínuo,

1 Em latim: Áries, Taurus, Gemini, Cancer, Lio, Virgo, Libra, Scorpius, Arceteneus, Caper, Anphora [também chamada de Aquarius (N.R.T.)] Pisces — nomes reservados às vezes às constelações de estrelas reais para distingui-las dos signos do zodíaco.

em consequência do movimento lento do eixo de rotação da Terra, acarretando o fenômeno de "precessão dos equinócios". É assim que o ponto vernal recua no zodíaco aproximadamente 1° em 72 anos: a coincidência dos signos zodiacais e das constelações se reproduz a cada 26.000 anos² e há uma defasagem de um signo entre o zodíaco e as constelações a cada 2.160 anos.³

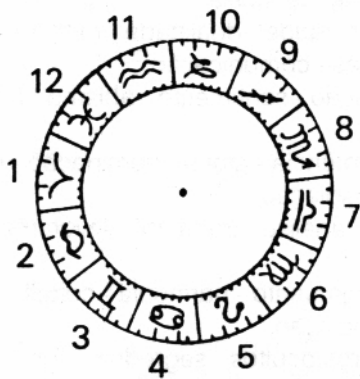


FIGURA 1

Representação do zodíaco astrológico mais comumente utilizada na França (graduada de cinco em cinco graus). Circunferências projetadas sobre o plano da eclíptica. Doze signos com seus símbolos numerados segundo o Quadro I.

O signo zodiacal astrológico é, pois, a representação da posição sazonal do Sol em nossa situação terrestre; e ele leva o nome da constelação que lhe correspondia quando o zodíaco foi instaurado. Lembremos enfim que cada signo costuma ser dividido em três "decanatos" de dez dias.

2 Aproximadamente. (N.R.T.)

3 Assim, para um nativo de Áries, por exemplo, o Sol se encontra no signo zodiacal de Áries, mas na realidade atravessa atualmente a constelação de Aquário (1).

Significados dos signos. A cada um dos doze signos é atribuído um certo número de características definidas. Estas podem ser resumidas por algumas palavras-chave simples, que sintetizam sumariamente as acepções mais geralmente aceitas, mas que apenas possibilitam a percepção do "clima" próprio a cada signo.

1. Áries: impulso - energia - vontade - entusiasmo - ardor - ação.
2. Touro: paciência - perseverança - estabilidade - materialidade - fertilidade - teimosia.
3. Gêmeos: adaptabilidade - dualidade - mobilidade - flexibilidade - mudanças - comunicação.
4. Câncer - imaginação - sentimento - abismo - família - lar - passado.
5. Leão: criação - potência - glória - dominação - magnanimidade - ideal - irradiação.
6. Virgem: método - análise - trabalho - devotamento - ciência - engenho - pudor.
7. Libra: justiça - julgamento - harmonia - conciliação - indecisão - paz - associação.
8. Escorpião: poderes ocultos - segredos - agressividade - mistério - sexualidade - desejo.
9. Sagitário: abertura - viagens - filosofia - religião - ideal.
10. Capricórnio: seriedade - austeridade - realização - trabalho - ambição - paciência - exatidão - lentidão.
11. Aquário: futuro - relações sociais - amizades - invenções - altruísmo - originalidade - independência.
12. Peixes: irracionalismo - vulnerabilidade - sacrifício - impressionabilidade.

(Exposições detalhadas dessas características serão encontradas em todas as obras citadas [1 a 7].)

Diferentes classificações dos signos do zodíaco. Sendo diretamente ligada às estações do hemisfério norte, onde nasceu a astrologia, uma classificação notoriamente conhecida vem logo à mente, a dos signos "cardinais, fixos e mutáveis".

Os signos cardinais ou móveis correspondem ao início de estações, ou seja:

- Áries — depois do equinócio da primavera.
- Câncer — depois do solstício do verão.
- Libra — depois do equinócio do outono.
- Capricórnio — depois do solstício do inverno.

Os signos fixos se situam no meio de estações:

- Touro — na primavera.
- Leão — no verão.
- Escorpião — no outono.
- Aquário — no inverno.

Os signos mutáveis no fim de estações: Gêmeos — fim da primavera.

- Virgem — fim do verão.
- Sagitário — fim do outono.
- Peixes — fim do inverno.⁴

As classificações dos signos, que, como veremos, têm origem muito longínqua, compreendem também a que se baseia sobre a distinção entre os quatro elementos fundamentais, que corresponde à divisão do ciclo anual em três vezes quatro quartos. Sucedem-se então os quatro elementos: Fogo, Terra, Ar e Água, atribuindo-se ao signo de

- Áries — o elemento Fogo;
- Touro — Terra;
- Gêmeos — Ar;
- Câncer — Água

para o quarto inicial do ano, e assim por diante.

Pode-se reunir num quadro sintético a dupla classificação dos doze signos [6] mais utilizada (quadro II).

⁴ Note-se que, como escreve o autor, essas indicações se referem ao hemisfério norte. (N.T.)

QUADRO II				
As duas classificações mais utilizadas dos signos do zodíaco: suas correspondências				
	<i>Fogo</i>	<i>Terra -</i>	<i>Ar</i>	<i>Água</i>
CARDINAL	Áries	Capricórnio	Libra	Câncer
FIXO	Leão	Touro	Aquário	Escorpião
MUTÁVEL	Sagitário	Virgem	Gêmeos	Peixes

Deve-se acrescentar também uma terceira classificação: a dos signos ditos femininos e masculinos. Os signos do Fogo e do Ar são masculinos, o da Terra e da Água são femininos. Enfim, assinalemos que a expressão "par" e "ímpar" é às vezes considerada, principalmente por astrólogos anglo-saxões, em função do número atribuído a partir de Áries = n° 1.

II. O SOL, A LUA E OS PLANETAS

Os elementos de um mapa astral. O Sol é uma estrela, ao passo que os planetas são definidos pelos astrónomos como corpos celestes não-luminosos por si mesmos, que giram em torno do Sol. Os planetas considerados pela astrologia são em número de oito: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão,⁵ por ordem crescente de suas respectivas distâncias em relação ao Sol (a Terra situa-se entre Vênus e Marte; Mercúrio e Vênus são chamados de 'planetas inferiores'). A Lua, enfim, é apenas nosso satélite. Para a astrologia, Sol e Lua são qualificados de "luminares" e posicionados nas Efemérides geocêntricas como os planetas.

Uma carta natal também deve comportar a posição no zodíaco de dez elementos figurados, aos quais pode acrescentar-se

5 Só os cinco primeiros eram conhecidos na Antigüidade, por serem visíveis a olho nu. Urano foi descoberto em 1781 por Herschel, Netuno em 1846 em consequência dos cálculos de Le Verrier, Plutão em 1930 por P. Lowell e C. Tombaugh.

a posição de "nodos", geralmente lunares, dados nas tábuas. Esses "nodos" (norte e sul) são os pontos de interseção da órbita de um planeta com o plano da eclíptica. Os nodos dos planetas se deslocam muito pouco e não são utilizados. Em contrapartida, os nodos da Lua são calculados em astrologia, geralmente julgados como desprovidos de influência própria, mas considerados em sua relação com os outros elementos do mapa astral.

Dois tipos de coordenadas permitirão posicionar os elementos de uma carta natal: as coordenadas *equatoriais* — ascensão direta e declinação; as coordenadas *eclípticas* — latitude e longitude. As Efemérides [8] dão a longitude, ângulo formado pela distância do ponto vernal ao ponto ocupado pelo elemento celeste. Conta-se de 0° (ponto vernal) até 360° no sentido direto do percurso solar, ou seja, na figura 1, no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio. As Efemérides fornecem também a declinação ou altura angular do elemento acima ou abaixo do equador celeste, dada em graus (0 a 90° em direção norte ou sul).

Nesse ajuste geocêntrico, o Sol percorre o zodíaco em um ano, e os planetas o fazem segundo as durações que lhes são próprias, registradas no Quadro III, onde também está indicado o símbolo que os representa.⁶

Convém observar que o "signo zodiacal" muitas vezes conhecido por uma pessoa é apenas um elemento de seu mapa astral: a posição do Sol no dia natalício. A figura 2 dá um exemplo de posicionamento para um nativo de 1989.

Certos astrólogos posicionam, enfim, outros pontos fictícios além dos nodos lunares, como a "Lua Negra": é o segundo foco da órbita da Lua.

6 Os asteroídes [Os asteroídes são usados por um número reduzido de astrólogos, principalmente nos EUA, como um ramo à parte dos que estudam a astrologia tradicional.(N.R.T)] pequenos planetas que circulam entre as órbitas de Marte e de Júpiter, incalculáveis para um mapa, não são levados em consideração pela astrologia. Assim também não se consideram eventuais planetas transplutonianos, às vezes levados em conta pelos astrólogos e pelos astrônomos.

QUADRO III	
Os planetas da astrologia: Seus tempos de revolução	
	<i>Tempo de Revolução</i>
Sol	1 ano
Lua	27 dias
Mercúrio	87 dias
Vênus	224 dias
Marte	687 dias
Júpiter	11,86 anos
Saturno	29,44 anos
Urano	83,80 anos
Netuno	163,83 anos
Plutão	245,49 anos

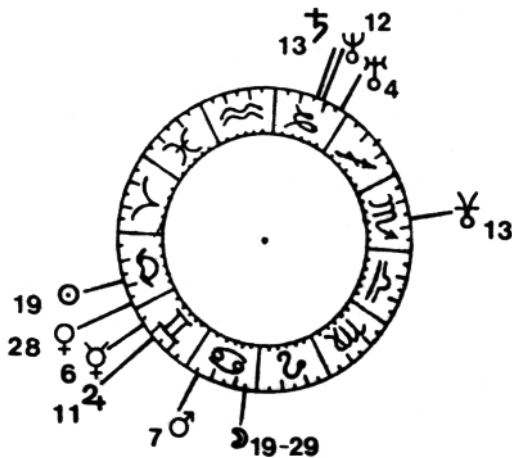


Figura 2

Zodíaco e posição dos dez elementos astrológicos do céu de um nascimento a 10 de maio de 1989. Cada planeta está representado por seu símbolo (Sol, Lua e mais oito planetas), com o grau correspondente no signo. Ver significado dos símbolos no Quadro III.

Ao contrário da realidade heliocêntrica do sistema solar, no qual, cada um segundo sua velocidade e órbita, os planetas se deslocam sempre no mesmo sentido, as Efemérides dão em

certos casos valores tais que o planeta recua em relação ao conjunto definido acima. E o fenômeno da "retrogradação" aparente, fácil de compreender quando lembramos que a astrologia trabalha em sistema geocêntrico. Assim, por exemplo, no ano de 1989, Saturno, visto da Terra, retrogradou de 2 de maio a 13 de setembro, de 13°5' a 7°1' de Capricórnio, para retomar sua marcha para a frente e reencontrar sua posição zodiacal anterior no mês de dezembro do mesmo ano.

Significados dos planetas. A cada planeta se atribui um significado próprio. Este é mais fácil de formular para os planetas conhecidos há mais tempo, e menos para os três recentemente descobertos (Urano, Netuno e Plutão), sobre os quais os astrólogos têm opiniões bem menos homogêneas.

Apesar disso, e de modo tão sumário quanto para os signos do zodíaco, eis as características importantes dos planetas, sob forma de palavras-chave mais utilizadas .

- Sol: faculdades individuais, força vital, vontade, masculinidade.
- Lua: emoções, sensibilidade, vida cotidiana, feminilidade.
- Mercúrio: sistema mental, funções de relação.
- Vênus: sentimentos, amor, harmonia, beleza, artes.
- Marte: luta, guerra, rivalidade, energia, agressividade.
- Júpiter: maturidade, autoridade, sociedade, sucesso, riqueza, expansão, desenvolvimento.
- Saturno: tempo, experiência, reflexão, solidão, retração, lentidão.
- Urano: mudança, diretividade, originalidade, invenções, progresso.
- Netuno: inspiração, intuição, receptividade, maleabilidade, sonho.
- Plutão: subconsciente, coisas ocultas, marginalidade.

Como se pode supor, os três planetas transaturninos são objeto de pesquisas e reformulações por parte de um certo número de astrólogos [12, 13].

Forças e fraquezas dos planetas. Cada planeta tem seus significados parcialmente modificados pelo signo zodiacal no qual ele se encontra.

A astrologia define de modo muito geral as localizações escolhidas que valorizam ou desvalorizam, reforçam ou enfraquecem o significado de cada planeta. São as "dignidades" ou "domínios": domicílios e exaltações, e as "debilidades": exílio ou queda.

Domicílio: há perfeita identidade de ação entre o planeta e o signo; suas forças cooperam harmoniosamente. Por exemplo: Marte em Áries ou Sol em Leão. Geralmente, um planeta em domicílio não é capaz de ser prejudicial.

Exaltação: as características do signo e do planeta se reforçam mutuamente; por exemplo, Mercúrio é exaltado no signo de Virgem: as faculdades mentais são então exacerbadas, conforme o caráter analítico e metódico do signo.

Exílio: o planeta ocupa o signo oposto ao seu domicílio no círculo zodiacal. Sua força não é interrompida, mas age ao contrário do sentido a que o signo a impulsiona. Por exemplo, com Marte em Libra (signo oposto a Áries), a energia tenderá a pôr-se a serviço da harmonia do signo, que pode sofrer de um excesso de agressividade.

Queda: o planeta ocupa o signo oposto à sua exaltação; torna-se nocivo às características de que é portador, que por sua vez ficarão empobrecidas. Por exemplo, Vênus, em exaltação no signo de Peixes, fica muito alterado em Virgem, pois seu princípio de amor acha-se contrariado pela predominância racional desse signo.

O Quadro IV dá a distribuição dos dez planetas astrológicos nessas quatro situações. Notaremos que alguns deles têm duas "dignidades" e que, embora recentemente descobertos, Urano, Netuno e Plutão foram incluídos nesse sistema, em função das características já reconhecidas pelos astrólogos.

Aspectos interplanetários. Chama-se "aspecto" um ângulo observado existente entre as longitudes dos planetas. A tradição astrológica distingue:

QUADRO IV
"Dignidades" e "debilidades" dos planetas (segundo [4]).

<i>Planeta</i>	<i>Domicílio</i>	<i>Exaltação</i>	<i>Exílio</i>	<i>Qüeda</i>
Sol	Leão	Áries	Aquário	Libra
Lua	Câncer	Touro	Capricórnio	Escorpião
Mercúrio	Gêmeos	Virgem	Sagitário	Peixes
	Virgem		Peixes	
Vênus	Touro	Peixes	Escorpião	Virgem
	Libra		Áries	
Marte	Escorpião	Capricórnio	Libra	Câncer
	Áries		Touro	
Júpiter	Sagitário	Câncer	Gêmeos	Capricórnio
	Peixes		Virgem	
Saturno	Capricórnio	Libra	Câncer	Áries
	Aquário		Leão	
Urano	Aquário	Escorpião	Leão	Touro
Netuno	Peixes	Leão	Virgem	Aquário
Plutão	Escorpião	Áries	Touro	Libra

— os aspectos harmônicos: "conjunções", os astros têm a mesma longitude, "trígonos" = 120° e "sextis" = 60° (aos quais acrescentam-se às vezes o Semisextil = 30° e o quincúncio = 150°).

— os aspectos discordantes: "oposições" = 180° e "quadraturas" = 90° (aos quais podem acrescentar-se a semiquadratura = 45° e a sesquiquadratura = 135°).

Num mapa, o aspecto é tanto mais característico quanto mais exata for a medida de seus graus. Na prática, admite-se que ele exista em uma zona estreita situada de lado a lado do aspecto exato: a orbe. O valor da orbe é variável segundo os autores, na maioria das vezes de 10° para a conjunção e para a oposição, 8° para a quadratura e para o trígono, 5° para o sextil.⁷

⁷ Este valores variam de Escola para Escola, embora pouco, e levam em conta também os aspectos entre os quatro elementos: fogo, terra, ar e água. (N.R.T.)

III. O CÉU REAL

Apenas uma semi-esfera celeste pode ser vista de um ponto de nosso globo, estando a outra sob o horizonte. Todos os planetas astrológicos (os planetas, o Sol e a Lua), nascem a leste e se põem a oeste, percorrendo, pois, o céu visível em razão da rotação da Terra em torno de si mesma

Horizonte e meridiano. Uma operação importante do astrólogo é definir a linha do horizonte real no zodíaco sobre o qual ele situou os dez elementos e também obter o traçado da linha meridiana correspondente ao zênite onde o Sol culmina ao meio-dia. Evidentemente, nessa operação, o lugar e a hora exatos são fundamentais.

O lugar é definido geograficamente por sua longitude e sua latitude [9]. As posições dos quatro pontos ou "ângulos": horizonte Leste (= ascendente = AS), horizonte Oeste (= descendente = DS), meridiano (meio do céu = MC) e seu oposto (= fundo do céu = FC) são dados nas Tábuas apropriadas [10] em função da hora sideral do nascimento.

Essa hora sideral é calculada a partir do valor dado pelas Efemérides [8] para meio-dia [ou para a meia-noite (N.R.T.)] do dia do nascimento, retificada em função da hora local desse nascimento, transcrita em horas GMT segundo o regime horário do lugar [11], por um lado; e por outro, em função da longitude e da latitude correspondentes.

Na França, os astrólogos têm atualmente o hábito de orientar o zodíaco, representando a linha do horizonte real AS-DS na horizontal, estando o AS à esquerda (fig.3).

Domificação. A linha MC-FC é mais ou menos inclinada em relação à vertical do esquema (à esquerda ou à direita). De fato, o meridiano corresponde à interseção da eclíptica com o círculo da esfera celeste que passa pelos pólos e a vertical do lugar do nascimento. Mas na representação que é feita, ele define com o horizonte quatro partes, cada uma delas dividida em três "casas" (ou setores), zonas do zodíaco que o Sol percorre a cada duas horas no sistema geocêntrico da astrologia; daí a

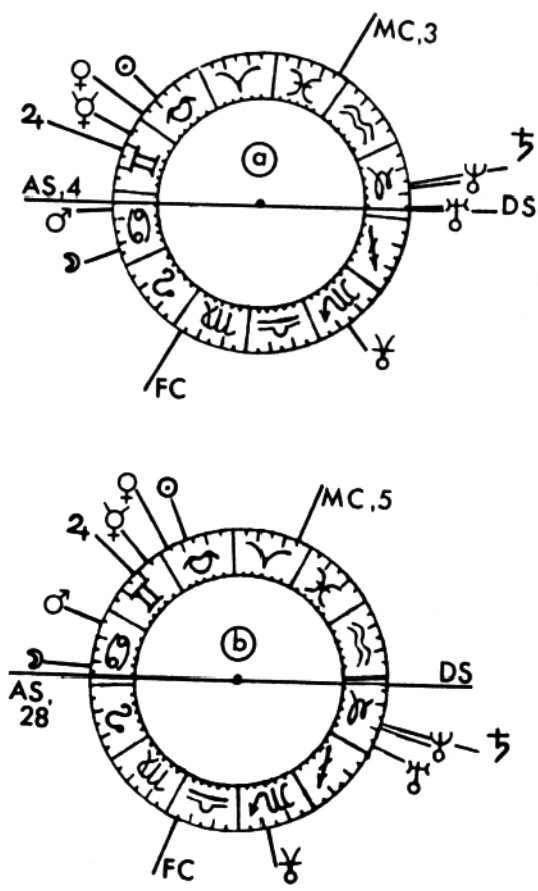


FIGURA 3

Dois exemplos de orientação do zodíaco para um nascimento do mesmo dia que a figura 2, a) às 9 horas e b) às 11 horas. As posições dos planetas são as mesmas. Só mudam os "ângulos": AS = ascendente e DS = descendente (= linha do horizonte), MC = meio do céu, e FC = fundo do céu (linha meridiana). Para os astrólogos, o indivíduo nascido às 9 horas possui entre seus grandes regentes os planetas Marte e Urano = energia, diretividade e dinamismo, enquanto que o nascido às 11 horas é fortemente lunar = passividade, receptividade e sensibilidade. Dois temperamentos extremamente diferentes.

variação do percurso e a inclinação em questão. Efetivamente, sendo o plano da eclíptica oblíquo em relação ao equador terrestre, o Sol, em certos momentos, fica mais tempo em certos signos que em outros, pelo seu movimento aparente cotidiano em torno da Terra. Essa representação permite respeitar as posições reais dos planetas vistos da Terra.

As doze casas assim definidas — seis acima e seis abaixo do horizonte — são situadas no mapa por sua ponta ou "cúspide", cujas longitudes em graus de eclíptica sobre o zodíaco⁸ são fornecidas pelas Tábuas de casas [10].

O zodíaco fica assim dividido em doze signos iguais e doze casas desiguais⁹ numeradas no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio (fig.3).¹⁰

O sistema de domificação mais utilizado que evocamos aqui provém dos trabalhos de Placidus; outros métodos vizinhos existem, e citaremos seus autores na parte histórica.

Pode-se notar que, quando a latitude cresce, aproximando-se do pólo, a extensão das casas diminui, mas a linha do horizonte AS-DS continua definível, mesmo além do círculo polar. Um mapa astral de um nativo de Narvik no inverno, por exemplo, não tem casas Placidus utilizáveis, mas esse mapa será caracterizado pela posição relativa dos planetas abaixo do horizonte em sua quase totalidade - Júpiter estando acima nesses anos. (Precisamos esse fato, pois ele se encontra no centro de uma das polémicas antiastrológicas.)

O princípio da domificação para as latitudes do hemisfério sul difere de modo simples da que foi descrita acima: ao tempo sideral do dia do nascimento dado para o norte nas Tábuas, acrescentam-se ou diminuem-se 12 horas e lê-se na Tábua das casas o signo oposto para cada uma delas. Exemplo: casa 1 a 17° de Capricórnio torna-se 17° de Câncer.

Um ponto delicado de todas as domificações: elas não

8 As doze casas são representadas em certos países, particularmente entre os anglo-saxões, por doze triângulos no interior de um retângulo.

9 Em certas épocas, o grafismo inverso é utilizado: doze casas iguais e doze signos zodiacais desiguais.

10 Existe um sistema de casas iguais, de 30°, a partir do cálculo do Ascendente. É pouco usado por não levar em conta a declinação do Sol durante o ano, quando ele varia consideravelmente. (N.R.T.)

levam em conta as latitudes dos planetas. Isso não é tão importante quando estes são fracos. Mas a de um planeta como Plutão pode ir até 17°. Por exemplo, um Plutão acima do ascendente segundo a Efeméride pode estar na realidade abaixo, o que pode ser importante para as interpretações. O astrólogo Y. Lenoble propõe, pois, que se realize separadamente um mapa de "domitude", através de cálculos precisos para cada planeta, levando em conta as suas posições reais em latitude.¹¹

Significados e classificações. Como o grau do ascendente marca o início do ciclo do dia, da mesma forma que o 0° de Áries marca o início do ciclo anual, ambos divididos em doze partes (casas e signos), estabeleceram-se correspondências entre cada casa e cada signo: a casa 1 com Áries, a 2 com Touro... até a casa 12 com Peixes. Esse princípio é geralmente aceito. E assim que significados precisos são atribuídos pelos astrólogos a cada casa. Resumiremos aqui a sua essência, com as palavras-chave mais comuns. De modo geral, considera-se que as casas localizam na Terra e na vida cotidiana as influências dos signos e dos planetas anteriormente descritas. Assim a casa:

- 1 — personalidade visível;
- 2 — aquisições, posses;
- 3 — relações, inteligência, comunicação;
- 4 — lar, família;
- 5 — criatividade, prazeres;
- 6 — trabalho, saúde, vida doméstica;
- 7 — associações, rupturas;
- 8 — crises, perdas, sexualidade;
- 9 — longínquo, espiritualidade;
- 10 — mundo social, carreira, honras;
- 11 — afinidades, amigos, projetos;
- 12 — provas, segredos, subconsciente.

Evidentemente, esse novo código que se superpõe ao

11 Y. Lenoble, 'Le thème de domitude', in Cahiers Conditionnalistes, n° 4, Paris, COMAC, 1981.

zodíaco inspirou a reflexão de muitos astrólogos. Assim numerosas classificações foram tentadas, muitas delas com lógicas intrínsecas interessantes, das quais daremos alguns exemplos. Sua finalidade comum é, naturalmente, a de facilitar as interpretações.

Classificação das casas segundo Barbault [3]. As casas se organizam segundo eixos: assim como o eixo Gêmeos-Sagitário é o da mobilidade e das viagens, o eixo das casas 3-9 é o dos deslocamentos pequenos e grandes. Assim também o eixo 5-11 é o dos intercâmbios sentimentais e amistosos, etc.

Segundo Hades [4]. As casas são:

- angulares: 1, 10, 7, 4;
- sucedentes: 2, 5, 8,, 11;
- cadentes: 3, 6, 9, 12,

com importâncias diferentes.

Segundo Nicola [6]. Na circunferência do zodíaco, pode-se ligar as casas três a três, por triângulos equiláteros, segundo os agrupamentos realizados pelo astrólogo inglês Bailey. Obtêm-se assim:

- triângulo do indivíduo: 1, 5 e 9 = o sujeito em pessoa, suas emoções, viagens e crenças;
- triângulo do objeto: 10, 2 e 6 = objeto do destino social, objetos materiais e cotidianos;
- triângulo da relação: 7, 11 e 3 = relações principais, amistosas e múltiplas;
- triângulo da integração: 4, 8 e 12 = filiação a uma família, a um conjunto, separação das filiações recebidas no nascimento. Esse sistema é designado por suas iniciais: SORI.

Estando assim a carta natal completamente construída, os astrólogos procuram descobrir o indivíduo¹² a que ela se refere (interpretação psicológica) e realizar previsões sobre seu futuro. Esses dois campos utilizam técnicas tão diferentes que julgamos melhor tratá-los separadamente.

¹² Ou o país, a empresa, etc., pois todas as entidades que têm uma "data de nascimento" precisa podem, segundo alguns astrólogos, ter seu mapa astral estudado, do mesmo modo. Particularmente o que se refere aos países constitui o que se chama "astrologia mundial".

IV. INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA

A leitura da carta natal de um indivíduo é uma operação complexa. Com efeito, tudo o que foi descrito acima, referente à tipologia própria dos signos, planetas, seus aspectos e casas, deve ser levado em conta, reunindo muitos elementos. Só uma mente bem treinada e suficientemente experiente levará a termo essa operação de tradução, indo além da simples adição estática dos elementos sucessivamente descobertos. E por isso que se pode falar de uma 'arte da interpretação', no mesmo nível que a arte do diagnóstico de um médico. O espírito de síntese se impõe, evidentemente, para uma visão global de um ser. Aliás, é coerente descobrir que raramente existem dois mapas semelhantes, assim como, em biologia, dois genótipos idênticos (salvo, por um lado, os gêmeos cósmicos e, por outro, os gêmeos verdadeiros).

Todavia, a maioria dos astrólogos aplicam regras gerais, que tentaremos resumir aqui.

Convém procurar primeiro a dominante ou dominantes de um mapa (às referências acima utilizadas, acrescentam-se as seguintes: [14 a 19]).

Essas dominantes são, em absoluto primeiro lugar, os planetas angulares (fig.3):¹³ situados em conjunções com o AS e o MC, principalmente; e de influência um pouco menos forte, os situados no DS e FC. Como certos mapas não têm planetas

13 Graças a esse método, pode-se, em alguns mapas, verificar a exatidão da hora do nascimento ou achá-la: é a técnica da 'retificação'. Por exemplo, a Sra. C., mulher encantadora, amável, doce, intuitiva, sensível, solicitada por causa de suas boas relações, e ao mesmo tempo dotada de espírito de organização, supunha ter nascido às 4 horas (hora dada pela família). Isso conferia a seu mapa ângulos vazios, Capricórnio regendo, uma AS-MS Escorpião-Virgem: sinal de segurança, dureza e introversão - características incompatíveis com sua natureza evidente. Ao contrário, um nascimento mais cedo às 2 horas, pôe em ângulo, e logo em regência: a Lua no AS = sensibilidade, receptividade; Júpiter no MC = presença, sociabilidade; e Vênus no FC = encanto, doçura. Mercúrio e Urano (comunicação e organização, diretividade) ficam em conjunção com o Sol, e são apenas elementos secundários. É o retrato fiel da Sra. C. A verificação da certidão de nascimento confirmou a hora assim encontrada (observação pessoal). Vê-se pois a grande importância da hora.

angulares, a dominante resultará do signo mais carregado de elementos astrais, ou ainda dos planetas em conjunção com os luminares. A partir da dominante, ou das dominantes, que serão precisadas em função dos signos, da "regência" destes e das casas, a análise se organizará tendendo a uma síntese da imagem de um indivíduo único e específico.

Geralmente, cada planeta representa uma qualidade fundamental, que se expressam signo no qual ele se encontra, no seio do campo vivido que é indicado pela casa referente. Por exemplo, esquematizando um pouco: Vênus = encanto, beleza, amor; em Touro = sentimentos estáveis e fiéis (posição forte, estando Vênus em "domicílio" em Touro), na casa 10 = o encanto será posto a serviço da carreira, ou a carreira se relacionará com as artes.

Os aspectos são elementos que entram na síntese procurada: seu número é variável e pode ser importante. Os planetas em aspecto são tratados em função de suas ligações; "rápidos" e "lentos", eles interagem diferentemente. No caso de tendências psicologicamente contraditórias ou "contrastadas", como por exemplo Vênus e Saturno interligados, há uma problemática: duas possibilidades a observar, segundo a evolução da vida.

Enfim, quando um planeta recebe muitos aspectos, pode tornar-se uma dominante.

Os aspectos harmônicos foram tradicionalmente considerados como benéficos e os discordantes como maléficos. Mas para muitos astrólogos atuais, os aspectos tendem a ser vistos de maneira menos maniqueísta, não sendo mais sistematicamente qualificados como maléficos os aspectos discordantes, mas indicando uma problemática solúvel em função da força psíquica expressa pelos outros elementos do mapa do indivíduo. Acontece o mesmo com os planetas outrora sempre qualificados de maléficos (Marte, Saturno), que são hoje geralmente traduzidos em termos de características psicológicas objetivas.

Os signos próprios dos ângulos (AS e MC principalmente) têm um significado próprio para a psicologia do indivíduo.

V. PREVISÕES

Numerosas técnicas tradicionais são utilizadas pelos astrólogos para emitir previsões a partir de uma carta natal. Alguns deles são especialistas em uma dessas técnicas; outros utilizam apenas uma, outros ainda várias delas. Em suma, os gostos são variados, mas devemos conhecer o essencial desses sistemas de previsão. Resumiremos os cinco principais.

As direções. Esse sistema se baseia na analogia que se pode ver entre a rotação da Terra em torno de si mesma (uma volta em um dia) e o movimento do sol no zodíaco (uma volta por ano).

"Direciona-se" um elemento do céu de nascimento (ângulo, planeta) para um outro, considerado como fixo, conservando sua posição natal. Há, pois, um arco a calcular, para saber quando, em que idade, o elemento, o ângulo, por exemplo, ficará em conjunção com um planeta importante, como o Sol. Assim, o tempo gasto por um grau para passar sobre o meridiano, quatro minutos de tempo sideral, corresponde a um ano de vida.

Esse método, chamado das "direções primárias", exige, como se vê, uma grande precisão dos dados horários do nascimento. Talvez por isso, ele é pouco utilizado.

As "direções simbólicas" se baseiam no mesmo princípio, mas adotam a equivalência um grau = um ano de vida.

Enfim, as "Direções secundárias" ou "progressões" consideram o deslocamento dos planetas à razão de um dia por ano. Assim, para prever o futuro de um indivíduo de trinta anos, deve-se considerar sua carta natal em seu trigésimo dia após o nascimento e proceder à análise em função do mapa de origem. A propósito, Barbault [3] afirma que o encontro direcional Sol-Mercúrio corresponde freqüentemente ao ano em que a pessoa toma consciência de sua personalidade e assume uma orientação profissional (o que leva a supor que uma conjunção Sol-Mercúrio natal anuncia uma vocação precoce).

A revolução solar. Ao contrário das técnicas precedentes,

esta repousa sobre um fato astronômico: a volta do Sol ao lugar exato que ele ocupava no zodíaco no momento do nascimento. Evidentemente, um novo mapa astral é obtido com um novo AS e MC, evocando um "renascimento". Durante cinquenta anos, A. Volguine estudou profundamente essa técnica [20] enfatizando, entretanto, que um bom "previdente" deve integrar esta técnica às precedentes. Ele insiste em que a carta natal da revolução solar seja estabelecida para o lugar em que se encontra a pessoa no dia de seu aniversário. Isso permite considerar a utilização de uma viagem (que desloca os ângulos do céu real) para evitar aspectos julgados nefastos ou indesejáveis, que podem ser previstos antecipadamente. Uma análise muito detalhada desse mapa de "revolução solar é realizada levando-se em conta os elementos novos em relação aos do nascimento.

Os trânsitos. Ainda outra técnica, esta mais simples, baseada na evolução astronômica dos planetas [21].

Os trânsitos correspondem ao deslocamento dos planetas do céu real sobre os pontos sensíveis do mapa astral ou em aspectos com eles. Muitas vezes os astrólogos concordam em considerar os deslocamentos de planetas lentos, como Saturno, Urano ou Netuno. Pode-se, por exemplo, calcular previamente a data exata da passagem de Urano sobre uma posição forte de Vênus do mapa astral: haverá então recrudescência de acontecimentos de tipo venusiano, afetando íntima e afetivamente a pessoa. Aliás, os trânsitos de Urano são considerados por alguns como os mais confiáveis, notando-se que a órbita¹⁴ desse planeta tem uma duração semelhante à da vida humana (84 anos).¹⁵

Esse tipo de técnica é utilizado por muitos jornais na seção

14 De revolução. (N.R.T.)

15 Também aqui se pode utilizar o método ao contrário e pesquisar a hora exata do nascimento, estudando, por exemplo, uma passagem de Urano sobre uma posição-chave, como a do AS, provocando, nas palavras dos astrólogos, um acontecimento importante não definível. O Sr. N. sofreu um acidente súbito, de repercussões amplas, em fins de setembro de 1984: Urano estava a 10° de Sagitário. A pessoa devia ter ali o seu AS. Com efeito havia nascido às 5 horas, o que dava AS = 10° de Sagitário (observação pessoal). Ver nota de rodapé 13.

de horóscopos. Cada signo tem a descrição de seu clima, 'amor, saúde, vida social, etc.', para a semana da publicação. Em geral, a análise tem como base os simples aspectos entre cada signo e o signo dos planetas do céu real. Por exemplo, num semanário feminino de 30 de maio de 1988, os nativos de Áries lêem : 'Amor: o Sol, Vênus e Mercúrio¹⁶ continuarão a ser favoráveis.' Com efeito, os três elementos formam um sextil, reputado aspecto benéfico, com o signo — considerado em sua totalidade — de Áries. Os nativos de Virgem, ao contrário recebem esta informação: 'Amor: incompreensão, nervosismo, mal-entendidos', pois Vênus e Mercúrio estão em quadratura com o signo de Virgem, também considerado globalmente, estando Marte, além disso, em oposição¹⁷ = dois aspectos reputados como maléficos. Nessas previsões jornalísticas, nem a hora, nem o lugar, nem o dia do nascimento são, evidentemente, considerados: a previsão é muito aproximativa em comparação com as precedentes.

Os pontos árabes. Muitos astrólogos usam um cálculo, à primeira vista bastante estranho, denominado "roda da fortuna". Veremos na parte histórica que se trata do vestígio de uma antiga técnica, mais largamente utilizada [22] em certas épocas.

Os pontos requerem a escolha de dois elementos fixos que podem ser os luminares (Sol e Lua), cuja distância se calcula em longitude zodiacal no sentido dos signos, e depois, de um elemento "móvel" significante, como uma posição de casa, que se acrescenta ao ângulo calculado: obtém-se, assim, uma posição no interior de um signo. A roda da fortuna é apenas um dos numerosos pontos calculáveis: ela toma como elemento móvel o ascendente e consiste em reportar o ângulo Sol-Lua a partir do ascendente.¹⁸ Nota-se que quando uma pessoa nasceu em dia de Lua Nova (conjunção Sol-Lua), sua roda da fortuna está no ascendente. Esta é pois, em resumo, uma expressão do estado lunar do nascimento. A interpretação desse ponto fictício é passível de desconfiança, pois os astrólogos se dividem: uns o

16 Todos em Gêmeos. (N.R.T.)]

17 Marte em Peixes, portanto oposto a Virgem. (N.R.T.)]

18 A fórmula é Ascendente + Lua-Sol. (N.R.T.)]

interpretam em função do signo, outros em função da casa em que ele se encontra.

Os ciclos. Para terminar a exposição desse métodos, devemos evocar a utilização dos ciclos planetários astronômicos. Muitos astrólogos procuram definir períodos regulares no curso da vida, capazes de perceber um clima, uma forma de vida, uma atitude geral reprodutíveis.

Um deles, bastante comum, é baseado no ciclo de sete anos (o 12° do ciclo Completo de Urano) segundo o qual a vida é dividida em períodos dessa duração: do nascimento aos sete anos = reações básicas instintivas, relacionadas com o primeiro signo, Áries; depois, de sete a 14 anos (Touro) = crises que afetam a natureza sexual e emocional; 14 a 21 anos, etc.

Nesse campo dos ciclos vitais uma recente "Teoria das Idades" considera, ao contrário, as durações orbitais de cada planeta, desde o mais próximo do sol até o mais afastado, que seriam sucessivamente 'integrados' pela criança, pelo jovem e pelo adulto, segundo este esquema [23, 24]:

- 1° mês: Lua;
- 2° - 3° meses: Mercúrio;
- 4° - 8° meses: Vênus;
- 9 meses - 1 ano: Sol;
- 1 a 2 anos: Marte;
- 2 a 12 anos: Júpiter;
- 12 a 30 anos: Saturno;
- 30 a 84: Urano;

períodos que correspondem muito bem à natureza astrológica atribuída a cada planeta.

O estudo dos ciclos de retorno das conjunções de nascimento é também às vezes utilizado para a previsão de grandes etapas da vida. Efetivamente, é fácil calculá-los segundo a fórmula:

LxR/L - R

em que L = duração da revolução do planeta mais lento e R = duração do mais rápido.

Assim, as conjunções de Saturno (30 anos) com Júpiter (12 anos) se repetem a cada 20 anos e possuem um significado previsível segundo o lugar zodiacal em que elas se reproduzem no mapa estudado.

capítulo II

ORIGEM DOS DIFERENTES ELEMENTOS DA TÉCNICA ASTROLÓGICA E SUA EVOLUÇÃO

Os diferentes elementos expostos anteriormente tiveram sua origem na necessidade de medir o tempo cotidiano e anual em regiões de baixas latitudes, como a Mesopotâmia e o Egito. As civilizações mediterrâneas testemunharam posteriormente a expansão dessas técnicas.

Excetuadas as miraculosas coleções de milhares de tabuinhas de argila da Babilônia, descobertas recentemente, não resta praticamente nada das antigas coleções de livros do mundo mediterrâneo. Os soldados de César queimaram a biblioteca de Alexandria, e os cruzados incendiaram a de Constantinopla. O mundo ocidental atual recorre, pois, às cópias da Idade Média, que percorreram um longo caminho que não abordaremos aqui. Possuímos delas boas traduções em francês, com suas análises [1, 5, 25 a 31].¹

I. PRIMEIROS CONHECIMENTOS ASTROLÓGICOS DA ANTIGÜIDADE

O início. O homem primitivo, vivendo em contato estreito com a natureza, observou, muito antes da invenção da escrita, as fases

da Lua e o movimento diurno do Sol e dos elementos luminosos da abóbada celeste noturna.² Como agricultor, logo reconheceu a importância dos solstícios e dos equinócios. Quatro estações na Mesopotâmia, três no vale do Nilo, ritmadas pelas cheias, levaram à criação de calendários, a fim de prever a sucessão das atividades anuais.

Com a volta das mesmas posições do Sol, o ano foi acompanhado através de suas doze lunações, o que constituía uma referência fundamental.

No Egito, a primeira cronologia dividia o ano em 360 dias (+ 5), por volta de 3.000 anos antes de Cristo. Os meses de trinta dias eram divididos em três semanas de dez dias (os "decanatos", que serão mais tarde introduzidos na astrologia grega). O dia era dividido em 24 horas desiguais, duas vezes doze horas, diurnas e noturnas, ligadas a doze animais sagrados: gato, cão, serpente, escaravelho, asno, leão, bode, touro, gavião, macaco, íbis, crocodilo... Poucas observações diretas do céu: os calendários eram ligados à própria vida do Nilo. Com efeito, o Egito faraônico era, antes de tudo, caracterizado por seu apego a esses conhecimentos milenares, que permitiram o domínio do rio. Matemáticos, astrônomos, engenheiros — a elite intelectual em estreito contato com a casta sacerdotal — transmitiam essas ciências ensinadas nos templos. O Sol era objeto da veneração desse povo, numa região onde só chovia raramente, principalmente no Alto Egito, e o culto solar remontava à mais alta antigüidade.

Babilônia. Na Mesopotâmia, tudo começou entre o Tigre e o Eufrates, sob uma latitude propícia à agricultura, às manifestações das estações (aproximadamente 30° de latitude norte), e à observação do céu.

Entre o VI e o I milênios antes de nossa era, a região estava dividida entre a Suméria ao sul e a Acádia ao norte. Inicialmente simples lembretes práticos e concretos, as inscrições em argila com juncos talhados, abundantes nessa região fluvial, tornaram-

2 Vestígios de observações da Lua teriam sido encontrados em objetos do Paleolítico e do Mesolítico europeu. Ver Marshok, 'Lunar notation on upper paleolithic remains', Science, 1964, 146, 743-745.

se uma verdadeira escrita, dita "cuneiforme", de base fonética. Invenção fundamental dos sumérios, retomada pelos acádios, que depois dominaram a Suméria, essa escrita iria tornar-se a do reino de Babilônia, a partir do II milênio a.C. Conservada e desenvolvida por uma elite aristocrática, ela lhe conferia grande poder e privilégio, o que também acontecera no Egito.

Mas o importante, para o que nos interessa, é que esses aristocratas letrados desenvolveram uma extraordinária tradição de observação e de conservação dos documentos mais diversos e dos fatos de todo tipo,³ inclusive os que se relacionavam com o céu. A primeira tabuinha astronômica encontrada data do século VIII antes de nossa era. Uma outra tabuinha descreve todos os eclipses lunares que ocorreram na Babilônia entre o reinado de Nabonasser e o ano de 317 a.C., ou seja, durante quatrocentos anos. Algumas destas tabuinhas são provenientes de observações diárias e se constituem, assim, em Efemérides astronômicas. Elas se tornaram numerosas a partir do século IV; e mostram grande objetividade em observações como: "nublado, não pude observar", em lugar de uma cifra. Ao mesmo tempo em que se registravam essas observações metódicas, desenvolveu-se uma astronomia matemática muito complexa. Sabe-se também que os "zigurates", grandes edifícios encimados por uma torre, permitiam o trabalho dos astrônomos (Babilônia, séculos VII-VI a.C.).

Depois do movimento diurno e das fases da Lua, os astrônomos determinaram os pontos cardeais e seguiram a evolução do Sol entre as constelações. Identificaram os cinco planetas (= astros errantes) visíveis a olho nu — Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno —, depois de terem, a princípio, considerado duas vezes os dois primeiros, em razão de suas posições, ora matinal, ora vespéral.

3 Nenhum dado nos diz por que os babilônios consagraram tanta energia e esforços à redação dessas tabuinhas: registravam mês a mês, ano a ano, século a século tudo o que observavam e sabiam, sem que sua motivação profunda nos seja verdadeiramente conhecida. Por exemplo, nas ruínas de Nínive, em Kouyoundjik, mais de 25.000 tabuinhas foram encontradas a partir de 1847, e 50.000 no templo de Nipur, perto de Babilônia.

Deuses foram atribuídos a cada astro. O deus lunar Sin reinava sobre a vegetação, os meses, os anos, os dias e o destino dos homens. O deus solar Shamash era o senhor da vida; o senhor da justiça, Ishtar, deus do amor, correspondia a Vênus. Os outros astros, fixos ou errantes, eram os "bibus", ou carneiros, uns domésticos (estrelas fixas), outros errantes ou selvagens (planetas). Entre estes últimos, a "estrela branca" (Júpiter) era o criador Marduk, deus protetor da Babilônia. Seu filho e companheiro Nabu foi identificado como Mercúrio: é o deus que segura o estilete das tabuinhas do destino, o deus das ciências. Marte era Nergal, deus dos infernos e das armas, arauto de infelicidade, com seu inquietante brilho vermelho. Saturno, cuja evolução lenta foi notada, era assimilado a um velho Sol fatigador; Ninib, o estável, astro da justiça e da ordem.

Assim, nessa religião politeísta da Babilônia, aparecem nitidamente as simbólicas astrológicas descritas no capítulo I.

Os presságios eram estudados (4.000 tabuinhas de presságios na coleção do rei Assurbanipal, 669-626 a.C.), sem que se possa verdadeiramente compreender os métodos utilizados. Os perigos podiam ser afastados, aliás, com sacrifícios ou ritos: na Babilônia não se acreditava de modo algum em um destino inelutável. Os "oráculos" celestes eram a Lua, o Sol, os eclipses, os meteoros, o trovão e a chuva. Uma coleção muito importante de oráculos foi encontrada, abrangendo os temas mais variados: fantasmas, demônios, construção de casas, barulhos, inundações, animais, poços etc. Algumas predições se referiam a acontecimentos públicos: morte de um rei, invasão de um território, qualidade das colheitas, fome, epidemias, chuvas (por ser habitual, o tempo bom nunca era mencionado...).

Os primeiros calendários mesopotâmicos foram estabelecidos, conciliando-se os dias, as lunações e os anos. Comportavam doze meses, começando pela primavera.⁴

O dia foi dividido em doze partes iguais de uma hora dupla, dividida em sessenta minutos duplos, segundo o cálculo sexagesimal

4 Nisan (março-abril), aiar, siwan, tammuz, ab, ebul, teshrit, arashsamma, kesilimmu, tebet, shebat, adar.

adotado pela primeira vez aqui, e que se imporia por toda a parte.

O círculo graduado dividia-se em doze partes iguais e o primeiro zodíaco descoberto data de 419 a.C. O ponto de partida dos signos do zodíaco era uma estrela fixa brilhante, e não o ponto vernal de nossos dias (= zodíaco tropical); tratava-se de um zodíaco sideral (ver capítulo 1 a passagem de um para o outro, em razão da precessão dos equinócios).

As origens dos signos do zodíaco. Damos a seguir o resumo do que se pôde reconstituir dos doze signos do zodíaco dessa época:

Áries: os antigos povos pastores, criadores de gado de pequeno porte, observaram uma correspondência entre a volta da primavera, a transformação da Terra e a proliferação dos rebanhos.

Touro: este signo seria proveniente dos criadores de gado de grande porte da Ásia Menor. Certamente muito antigo, estaria ligado ao culto solar introduzido pelos sumérios vindos do leste. Encontraram-se, em selos, representações de touros e escorpiões: 3.000 anos antes, o Sol se levantava na constelação do mesmo nome a 21 de março e se punha no outono em Escorpião.⁵

Gêmeos: este nome se encontra em antigos textos cuneiformes. Um dragão bicéfalo, para os semitas do norte, transformava-se em dois homens, não se sabe sob que influência.

Câncer: inicialmente eram as cabeças aproximadas de um dragão macho com cabeça de abutre e de uma fêmea com cabeça de leão; tornou-se posteriormente a imagem de um lagostim ou de um caranguejo.

Leão: em antigos relevos da Babilônia, o Leão assumia freqüentemente a forma de demônio. Tornou-se Leão na qualidade de animal real, símbolo dos soberanos reinantes na Mesopotâmia, havendo assimilado, talvez, a potência real, como a do Sol, no zênite de sua força.

⁵ Ou seja, a 22 de setembro. (N.R.T.)

Virgem: vê-se nesse signo um vestígio do conceito matriarcal que por muito tempo dominou o mundo mediterrâneo pré-indo-europeu, da Espanha ao Eufrates. A deusa da fecundidade era expressa numa Virgem, que as mulheres da Babilônia cultuavam sob o nome de Ishtar.

Libra: seria um signo recente, pois a epopéia de Gilgamesh, escrita pelos antigos sumérios, da qual se acharam numerosos fragmentos, não o menciona. Corresponderia ao "guardião da Balança", representando o mercador das primeiras grandes cidades da Mesopotâmia.

Escorpião: o animal foi muito temido na Babilônia, pois os anais citam mortes de reis provocadas por sua mordida. Nos vales de Acácia era Girtab = aquele que morde.

Sagitário: os babilônios o representavam como um signo híbrido, possuindo uma certa majestade. Os gregos faziam dele um centauro.

Capricórnio: na Mesopotâmia, tratava-se de um ser duplo, espécie de temível peixe-cabra. Mais tarde os gregos viam nele uma simples cabra, de certa mansuetude, correspondente às solidões pedregosas da região.

Aquário: na Babilônia, era representado sob a forma de um homem ajoelhado, vertendo a chuva de uma urna. Mais tarde, será o portador de ânfora que trazia as inundações.

Peixes: relacionava-se com os pescadores do Eufrates e do Tigre, que teriam observado correspondências entre essa constelação no céu e a época da desova nos rios.

Esse zodíaco já podia ser visto na tabuinha de Cambises (século VI a.C.).

Aparecimento da astrologia individual. Há vários séculos constituída em disciplina consagrada aos acontecimentos gerais e públicos, a astrologia iniciava um desenvolvimento em direção ao indivíduo: falava-se então de "astrologia genética", palavra de origem grega. A passagem não parece nítida, mas certamente se situou na Mesopotâmia. Há um "horóscopo" babilônio datado de 410 a.C. A Babilônia era então parte integrante do império aquemênida (539 a.C.: conquista de Ciro) e não deixou mais de ser dominada por estrangeiros: Pérsia, Grécia, Pártia e Roma se

sucederam. Parece que sob o domínio dos persas a religião da Babilônia se modificou e, menos baseada na repetição de ciclos naturais impessoais, tendeu a enfatizar o caráter único da existência de cada um e a influência preponderante da configuração do céu na hora do nascimento. Uma série de horóscopos natais foi descoberta sobre tabuinhas de argila, precedendo, sob forma de textos, os primeiros horóscopos gregos em papiro encontrados no Egito (10 a.C.).

Nesses textos, são descritas as posições planetárias no zodíaco, e o horizonte já parecia desempenhar um grande papel, pois o astro que nasce é posto em relevo. As predições são precisas.⁶ São também os primeiros esboços de uma tipologia psicológica, mesclada às predições fundamentais: 'Os acontecimentos lhe serão favoráveis, ele será forte...'

Assim, os babilônios estabeleceram métodos astrológicos de análise dos horóscopos natais individuais antes dos gregos. Os mapas da astrologia ocidental efetivamente aparecem, certamente sob forma rudimentar, mas reconhecível.

Ao declínio da Babilônia (última tabuinha datada de 70 a.C.) correspondeu a difusão da astrologia no mundo mediterrâneo e o início de sua longínqua aventura, que continua até hoje.

Um exemplo de migração astrológica precoce. Uma influência da Babilônia se desenvolveu precocemente fora da Mesopotâmia, entre as populações que chegaram aos planaltos da Anatólia no III milênio a.C. para constituir o império hitita no II milênio. Relações comerciais se estabeleceram com a Babilônia, e os elementos culturais penetraram simultaneamente; daí a escrita cuneiforme. Entre as práticas divinatórias desse povo, encontram-se, assim, traduções de textos astrológicos da Babilônia, mas a versão hitita parece ligar-se a concepções mais primitivas

6 Por exemplo, no horóscopo de 235 a.C. proveniente de Uruk, lê-se: 'A posição de Júpiter significa que sua vida será regular e sem sobressaltos, ele será rico, envelhecerá e viverá até idade muito avançada. Vênus estava a 4° de Touro; a posição de Vênus significa que, em todos os lugares a que ele for, as coisas lhe sairão bem, terá filhos e filhas. A posição do Sol e de Mercúrio significa que ele será corajoso...'

dos fenômenos celestes. Encontraram-se vestígios arqueológicos interessantes, como em Boghaz-Köy.

Mas foi a Grécia antiga que esteve verdadeiramente no centro da evolução da astrologia, na bacia do Mediterrâneo e no Ocidente: é para ela que devemos voltar nossa atenção mais detidamente.

II. A ASTROLOGIA HELENÍSTICA

Não há nenhum vestígio de astrologia na Grécia arcaica, nem na Grécia de Péricles. A astrologia parece surgir apenas no período helenístico, juntamente às conquistas de Alexandre o Grande.

Entre a chegada à Grécia do primeiro astrólogo "caldeu" (termo doravante usado para designar a Babilônia e sua região), Berose, em 330 a.C., e a redação do *Tetrabiblos* por Ptolomeu em Alexandria, em 140 d.C., passaram-se quase cinco séculos, durante os quais conservaram-se as tradições, aprimoraram-se as técnicas, sem que possamos conhecer com precisão as etapas dessa trajetória. Um terreno propício formara-se, certamente, ali, em função das contribuições egípcias, orientais e gregas. A astrologia se tornou, segundo Knappich [26], "o resultado típico de um cruzamento entre a ciência astral oriental, a sabedoria dos templos egípcios, a astronomia da Babilônia, a matemática e a filosofia naturalista gregas".

A contribuição egípcia. No Egito faraônico existia uma crença no destino inelutável. Contava-se que, ao lado de Maât e de Ísis, haveria sete sacerdotisas, as Hathor, que se inclinavam sobre o berço do recém-nascido para anunciar-lhe seu destino, na presença de um deus-escriva. As sete Hathor prefiguram a astrologia genética grega com seus planetas e seus deuses. Uma obra muito antiga dessa astrologia greco-egípcia era citada sob o nome de 'salmeskoiniake'. A astrologia egípcia era ensinada apenas nos templos, e a pesquisa do destino na hora do nascimento só se fazia para os privilegiados, reis ou sacerdotes. Os

sacerdotes especialistas eram chamados *horoscopoi* (= os que observam a hora), inicialmente encarregados de medir o tempo, depois astrólogos do Estado.

A contribuição da Grécia antiga. O desenvolvimento das ciências na Grécia antiga é bem conhecido. Basta evocarmos alguns astrônomos matemáticos e filósofos, precursores do grande desenvolvimento posterior da astrologia, que foi modelada sobre suas concepções.

Uma tradição de astrônomos eruditos remontava à escola de Mileto, de Tales (640 a 548 a.C.) até Anaxímenes, para quem "o homem é semelhante ao mundo como a parte é ao todo". Pitágoras (século VI a.C) e seus discípulos anunciaram os elementos racionais do estudo geométrico do céu do nascimento, segundo o adágio muitas vezes citado: "O que há de mais sábio? — O número. O que há de mais belo? A harmonia." Essas concepções permitiram a elaboração dos aspectos "maléficos" e "benéficos" entre os planetas. Empédocles de Agrigento (490 a 420 a.C.)⁷ introduziu a concepção dos quatro elementos fundamentais do mundo: fogo, terra, ar e água, que mais tarde foram facilmente associados aos doze signos do zodíaco. Aristóteles, preceptor de Alexandre o Grande, fixou a natureza desses quatro elementos de Empédocles: o fogo é "quente e seco", a terra "fria e seca", o ar "úmido e quente" e a água "úmida e fria" — natureza que alguns integraram aos signos do zodíaco. Com Empédocles elaborou-se também uma concepção inteligível da influência dos astros, pois, segundo ele, a luz é "uma emissão de eflúvios que nos chegam depois de destacados do corpo luminoso". Hipócrates (460 a 377 a.C.) se interessou pelos ciclos sazonais das doenças e descreveu quatro temperamentos: bilioso, nervoso, sangüíneo e linfático, correspondendo aos quatro elementos de Empédocles — raiz da primeira tipologia humana. Enfim, o grande filósofo Platão também marcou sua influência sobre o futuro desenvolvimento da astrologia, já que toda a natureza, para ele, é pensamento e inteligência.

⁷ Alguns registram: 490 a 430 a.C. (N.R.T.)

Em suma, todo o 'gênio grego" científico e racional proporcionou um novo nascimento à tradição secular da astrologia caldaico-babilônica.

Balanco da astrologia helenística. Com a vitória de Arbela (331 a.C.), Alexandre o Grande, tendo ultrapassado o Tigre e o Eufrates, conquistou a Mesopotâmia. A Babilônia apresentou-lhe seus conhecimentos, suas riquezas e sua civilização. Berose, um sacerdote caldeu, astrólogo e historiador, foi enviado para a Grécia; fundou uma escola de astrologia em Cós. Após a sua grandiosa epopéia, que o levou a mais de 8.000 km fora da Grécia, Alexandre morreu em 323 a.C. Seus generais dividiram o império entre si e propagaram o helenismo, que evoluiu em contato com todas as civilizações encontradas (reino da Macedônia, Egito dos Ptolomeus, reino da Síria com os selêucidas). Nasceu uma civilização greco-oriental "helenística", cujos grandes centros intelectuais foram Antioquia, Pérgamo e principalmente Alexandria com sua biblioteca de 700.000 volumes, seu "museu"-universidade e seu observatório astronômico.

Foi ali que se fundamentou o horóscopo em bases matemáticas — ciência tão bem representada por sábios como Euclides (306 a 283 a.C.), que ali redigiu o seu célebre tratado de geometria.

Para determinar a posição das estrelas fixas foi criado um sistema de coordenadas que os babilônios não conheciam. Assim, a partir do século 1 a.C., os astrólogos não precisariam mais observar o céu; possuíam efemérides e tábuas de ascensão que lhes permitiam conhecer as posições dos planetas em lugar e hora dados.

Desde o século II a.C., Hiparco, ensinando em Alexandria, fazia comparações de dados provenientes dos antigos astrônomos gregos. Constatou ele que o ponto de partida do ano, ao longo de 150 anos, retrogradou aproximadamente dois graus. É a descoberta da "precessão dos equinócios". O zodíaco sideral, que tomava como ponto de partida uma estrela fixa, foi então substituído pelo zodíaco tropical, começando pelo ponto vernal. Veremos depois a "teoria das eras astrológicas", moderno resultado desse fenômeno.

Na mesma época, o geômetra Hipsicles estabeleceu a teoria da ascensão dos signos do zodíaco sob as diferentes latitudes, e Hiparco aperfeiçoou esse sistema, utilizando os cálculos trigonométricos — progresso muito importante para a técnica de elaboração dos mapas astrológicos.

Assim, o horóscopo grego dessa época foi constituído do zodíaco (do grego zodiacum = figura), dos planetas, das doze casas e dos aspectos geométricos.

Um discípulo de Platão, Filipe de Oponte, já atribuía os nomes dos deuses aos planetas, precisando que estes "pertenciam" às divindades. Saturno era a estrela de Cronos, Júpiter a estrela de Zeus, Marte a estrela de Ares, Vênus a estrela de Afrodite, Mercúrio a de Hermes. Foi sob a influência dos estóicos, persuadidos aliás pela rigidez do destino, que os próprios planetas se tornaram divindades. Segundo a mitologia grega, distinguiam-se os planetas masculinos (Marte, Júpiter, Saturno) e femininos (Vênus, Lua). Os deuses gregos de cada planeta estavam na origem dos sinais convencionais que continuam sendo utilizados pelos astrólogos para representá-los nos mapas:

Saturno = Cronos = kappa = K

Júpiter = Zeus = dzeta = Z

Marte = Ares = alpha = A

Vênus = Fósforo = phi = Φ

Mercúrio = Hermes = eta = H

O Sol e a Lua são representados pelos ideogramas dos hieróglifos (☉ e ☾).

A classificação dos dias se relaciona com a astrologia. Nem os egípcios nem os gregos antigos conheciam a semana de sete dias adotada pelos judeus e pelos povos semíticos. Uma semana planetária de sete dias, característica da cultura híbrida helenística, já estava em uso no século II a.C. Nela, cada dia é regido por um deus planetário, segundo a classificação: Lua - Marte - Mercúrio - Júpiter - Vênus - Saturno, de cujos nomes latinos se derivam os nomes de nossos dias (com transposições de deuses equivalentes em língua germânica, provenientes do século I d.C.). Nessa época foram classificados os signos do zodíaco em

cardinais, fixos e mutáveis. As 'regências' (oecodespotie) foram bem definidas. Instauraram-se as casas pela divisão do movimento diurno do Sol em doze etapas à imagem do movimento anual, seguindo os doze signos do zodíaco.

Os ritmos naturais estavam ligados à prática astrológica.⁸ As quatro casas angulares (*kenra*) foram identificadas como 'nascente' (horoscope), "meridiano superior" (*mesuranema*), poente (*dysis*) e "meridiano inferior" (*hypogaion*). O "tema" ou gênese", isto é, a representação do céu astrológico foi figurado de várias maneiras. Dividiu-se um círculo por uma cruz que representava os quatro ângulos; podia haver também uma grande cruz sem círculo, com os dados escritos segundo os raios das casas.⁹

Enfim, racionalizaram-se métodos de interpretação, que comportavam três partes, correspondendo à astrologia dita "horária", utilizada para tomar uma decisão, à astrologia genética ou natal e à astrologia médica, cuja tradição vamos encontrar mais tarde, na Idade Média.

O "Tetrabiblos" de Ptolomeu. Tudo estava pronto para que um único espírito pudesse sintetizar o conjunto dos conhecimentos astrológicos gregos. Foi esse o trabalho do astrônomo Cláudio Ptolomeu, célebre autor do *Almagesto*, que se constituiu em referência astronômica até a Idade Média, e também de uma *Geografia* muito prestigiada. Em 140 d.C., Ptolomeu reuniu os conhecimentos astrológicos em seu *Tetrabiblos* (= obra em quatro livros), que se tornou a "Bíblia" dos astrólogos [25].

Em seu primeiro livro, distingue astronomia e astrologia, precisando que a última "não atinge a mesma certeza" que a primeira. Ele a considera como menos "certa" e menos "perfeita". Entretanto, segundo ele, "difunde-se uma certa virtude do céu

8 Esquecemos muitas vezes que as festas religiosas ocidentais foram fixadas astronômicamente: a Páscoa é, a cada ano, datada pelo primeiro domingo seguinte à primeira Lua Cheia, após o equinócio da primavera (no hemisfério norte) [Este equinócio significa que o Sol passa pelo ponto vernal zodiacal. (N.R.T.)]

9 Ver O. Neugebauer, e H. B. Van Hoesen, *Greek Horoscopes*, Amer. Philos. soc., Filadélfia, 1959, citado em [26].

sobre todas as coisas que cercam a Terra". Descreve a influência do Sol, da Lua, dos planetas, e afirma que se pode "julgar os humores e temperamentos dos homens por meio da qualidade do céu", reconhecendo também a parte da "qualidade da semente" e a influência dos "alimentos e dos costumes". Eis pois o tom bastante evoluído de um sábio esclarecido, que tomou uma distância crítica da prática secular que deseja estudar.

A previsão astrológica é justificável, pois "fortalece o espírito, de modo que a espera das coisas futuras se passa como se estas já estivessem presentes, preparação que nos permite recebê-las com serenidade", acrescentando: "Não se deve pensar que todas as coisas acontecem aos homens por uma causa celeste."

O livro expõe toda a prática conhecida: papel dos planetas, suas características benéficas ou maléficas, distinção entre planeta "oriental", que precede, pois, o curso do Sol, ou "ocidental", que o segue; signos do zodíaco, "regências" e a análise detalhada do ciclo diurno-noturno e dos ângulos.

As estações — as dos países conhecidos de latitude norte — são descritas na visão do ciclo anual. Em suma, a "Doutrina", diz o autor, é "resumida como um quadro".

No segundo livro, Ptolomeu compôs uma geografia astrológica completa para sua época. Evidentemente, nossos conhecimentos modernos tornaram esse livro ultrapassado... e divertido. Para o autor, a Terra habitada forma uma vasta superfície geométrica dividida em quatro triângulos retângulos ou "quadrantes", recebendo cada um deles o nome de um ponto cardeal. Com subdivisões, Ptolomeu obteve zonas astrológicas em relação com os signos do zodíaco e os planetas dominantes, de onde deduziu as características "raciais" dos povos. Não podemos deixar de citar alguns fragmentos do texto, que evoca o esforço de globalização do autor: "Os países que, no primeiro quadrante da Europa, estão situados no poente solsticial têm a natureza da Triplicidade Áries-Leão-Sagitário e são governados por Júpiter e Marte ocidentais. Esses países são a Bretanha, a Bélgica, a Alemanha, a Itália, a Gália, a Espanha..." "Os habitantes são impacientes para servir, amantes de liberdade, amigos das armas e da guerra, pacientes no trabalho...", "a Bretanha, a Bélgica e a Alemanha têm mais afinidades com a natureza de Áries e de

Marte; é por isso que nesses países os homens são freqüentemente cruéis e sanguinários", "a Itália, a Sicília... têm mais relação com o Leão e o Sol; assim os homens são ambiciosos pela grandeza, benfazejos e magnânimos". A Grécia está bem situada na obra: "Os outros lugares que restam desse quadrante tendem para o meio de toda a Terra: a Trácia, a Macedônia, a Ilíria, a Grécia, Creta..." "Eles tomam a Triplicidade que domina no nascer do sol de inverno: Touro-Virgem-Capricórnio, com os regentes Vênus, Saturno e Mercúrio. Por isso, os homens são mais iguais e mais moderados, desejosos de comandar, generosos, independentes, amantes de música e ciências, apaixonados pela liberdade, legislando para si mesmos..." "No segundo quadrante, que olha para sudeste, encontramos a Grande Ásia, a Índia, a Média, a Pérsia, a Babilônia, a Mesopotâmia, a Assíria... sob a Triplicidade Touro-Virgem-Capricórnio, regidos por Saturno e Vênus em posição oriental... Essas nações são quentes de temperamento e sujeitas ao amor e à lascívia, devotadas à dança, amantes dos ornamentos... Virgem e Mercúrio governam a Babilônia, a Mesopotâmia e a Assíria: seus homens distinguem-se pelo conhecimento das matemáticas e pela observação do movimento dos céus... mas a Índia... está sujeita a Capricórnio e a Saturno; é por isso que seus habitantes são feios, sujos e brutais..." No último quadrante está a Líbia "...sob a Triplicidade do Caranguejo (Câncer), do Escorpião e de Peixes... o que faz com que nessas regiões... são homens muito quentes, que fazem abundante consumo de mulheres..." e assim por diante. Desprovido de interesse astrológico moderno (o segundo livro foi esquecido pelos astrólogos), o texto permite, de qualquer forma, apreciar as opiniões de um sábio grego sobre os seus contemporâneos.

O terceiro livro trata das "causas particulares" ao indivíduo e das predições genéticas realizáveis. A importância da posição do horizonte de nascimento é nitidamente reafirmada, com a reserva prudente de que "só o astrolábio pode informar o minuto do nascimento", sendo os outros instrumentos considerados "muitas vezes enganadores". Ptolomeu levantou a questão da ação dos céus sobre a concepção, e propôs uma idéia muita audaciosa, que chegou até nossa época para ser parcialmente

retomada (ver os trabalhos de Gauquelin capítulo 5): "Depois que o fruto (o embrião) está perfeito", escreveu ele, "a natureza o move, para que saia do ventre (da mãe) em tal posição do céu que corresponda a essa constituição primeira em que ele estava no tempo da concepção." Já era, magistralmente percebido, o problema da hereditariedade e do determinismo astral.

Esse livro também menciona a utilização da "roda da fortuna" ou "número de graus que existem do Sol até a Lua, a partir do ascendente", das "direções primárias e secundárias", assim como das revoluções solares como métodos de previsão (ver capítulo 1). As concepções gregas clássicas a partir de Empédocles, Aristóteles e Hipócrates foram reunidas para uma análise do "temperamento e da constituição física". As doenças também são tratadas de um ponto de vista astrológico: elas acontecem quando os "maléficos... são ocidentais em relação ao Sol e orientais em relação à Lua". Quanto ao caráter, 'qualidades da alma', Ptolomeu consagrou-lhe uma parte importante de seu texto, prefigurando as análises psicológicas modernas.

O quarto livro, enfim, trata de diferentes pontos complementares, como riqueza, profissão, casamento, filhos, viagens, etc. Deve-se mencionar, entre estes, a primeira teoria das idades. Segundo o autor, "em todos os homens, há uma natural conjuntura universal, que começa pela primeira idade e pela órbita que nos é mais próxima (a saber, a da Lua), e acaba na última idade e na mais alta órbita, isto é, a de Saturno."

capítulo III

DA EXPANSÃO ANTIGA À REVOLUÇÃO COPERNICANA

Ao mesmo tempo em que Ptolomeu em Alexandria, com seu *Tetrabiblos*, dava um caráter quase universal à astrologia — técnica que já datava de uns oito séculos — o império romano, o mundo árabe e o ocidente europeu absorviam esse conhecimento.

Até a revolução copernicana, que assinalou uma etapa decisiva, revisando o geocentrismo unânime, vale a pena examinar a aventura ocidental da astrologia durante esses quinze séculos tão ricos em acontecimentos históricos [1, 26, 32 a 35].

I. ROMA

Parece que os romanos, de natureza tolerante, geralmente se opuseram pouco à penetração de numerosas religiões e doutrinas astrais orientais. Muitas crenças foram aceitas. No seio desse povo, originariamente constituído de camponeses e soldados, mais interessados em política que em ciências, a astrologia, entretanto, se enraizou, ao mesmo tempo que penetraram as civilizações orientais, sem que seus fundamentos sejam modificados. Nesse terreno, a astrologia encontrou vicissitudes, adversários e defensores, muitas vezes em relação com a intensa vida política do império e também com o cristianismo nascente. Depois,

ligado ao do paganismo grego-romano, um declínio se iniciou antes da queda do império.

Cícero (106-43 a.C.) abordou a astrologia em vários de seus escritos (*Da natureza dos deuses, Da adivinhação, Do destino*). Um de seus amigos íntimos foi o astrólogo Nigidius Figulus, que conhecia bem os tratados de astrologia greco-egípcios. Um outro sábio astrólogo, Fonteius Capito, escreveu na mesma época tratados de astrometeorologia. A astrologia estava em uma fase ascendente. Pareceu triunfar entre 30 e 100 d.C., desempenhando um papel político. A nobreza de Roma cria na onipotência dos astros. A política dos Césares era influenciada pelos conselhos dos astrólogos. Augusto mandou cunhar uma moeda com a efígie de Capricórnio, provavelmente o signo de seu Sol natal. Sua crença na influência dos astros fora reforçada pela entrada na corte imperial do célebre astrólogo Trasilus, que depois também ficou ligado a Tibério. Em toda a sociedade romana a astrologia esteve na moda, como o provam numerosas jóias e a decoração mural, que evocava os signos astrais individuais. Muitos episódios foram narrados nos escritos do historiador Suetônio. Virgílio, Ovídio e Horácio estavam familiarizados com os astros. Em *Íbis*, Ovídio descreveu com precisão o horóscopo de inimigo. Durante o reinado de Augusto, Manílio compôs as *Astronômicas*, longo poema astrológico dedicado ao imperador, onde retomou o essencial das técnicas helenísticas.¹ Sua atmosfera é a de um fatalismo ilustrado pelo verso de essência estoica: "Fata regunt orbem, *cesta stant omnia lege*."²

Com o reinado de Tibério, começou em Roma uma longa história de expulsões e regressos (ou de permanências) dos "caldeus" — assim eram chamados os astrólogos, entre os quais existia na época um número certamente grande de charlatães. Calígula puniu um astrólogo que divulgara uma predição desfavorável a seu respeito, mas consultava seu horóscopo sempre que o afetava alguma ameaça. Pode-se citar, sob seu reinado, um dos mais célebres astrólogos de Roma: Doroteu de Sidon,

1 Ver J.-H. Abry, "L'astrologie à Rome: les 'Astronomiques' de Manilius", in *Revue d'Etudes Antiques de Toulouse*, 1983, 30, 49-61.

2 "O destino governa o mundo, o universo é regido por uma lei inflexível."

autor de um tratado conhecido, mas que se perdeu. O imperador seguinte, Cláudio, conservou a seu serviço o filho de Trasilio, Balbilo, também astrólogo, mas retomou a expulsão de todos os 'caldeus' da Itália. Balbilo tornou-se depois preceptor de Nero, juntamente com Sêneca. Parece que Balbilo foi um precursor de Ptolomeu na técnica das predições pelas direções primárias.

O fatalismo astral estava na moda. Entretanto, os adversários existiam e se manifestavam no turbilhão político e social da época. Plínio o Velho, por exemplo, rejeitava a crença na influência dos astros sobre o indivíduo, mas estava convencido de sua ação geral sobre as coisas físicas. Era a posição de um pensador esclarecido. Outros se mostravam mais obstinados, como o imperador Domiciano, que detestava os 'caldeus' e os perseguia, porque um deles lhe predissera, em sua juventude, uma morte prematura e violenta.

Ao lado de uma astrologia popular, na qual pululavam os indivíduos ávidos que utilizavam a credulidade geral, existia uma astrologia erudita, principalmente entre os reinados de Nero (54 d.C.) e de Diocleciano (284-305). Sob o reinado dos imperadores Adriano,³ Antonino e Marco Aurélio (117-180), a vida intelectual de Roma se desenvolveu e foi muito influenciada pelo helenismo. Redigiram-se em grego numerosos tratados de astrologia. O filósofo Plotino (205-270) rejeitou a astrologia popular e o fatalismo astral. Escreveu: '*Os astros têm influência?*', e admitiu que estes eram entidades divinas, mas não podiam fazer nem o bem nem o mal.

A astrologia em Roma assumiu assim múltiplas faces, mas é interessante notar que ela se integrou, de algum modo, à 'vida moderna', pois encontrou seus primeiros adversários declarados, abriu-se pela primeira vez às mulheres (a poetisa-astróloga Júlia Balbila, sobrinha de Balbilo, fez parte dos círculos de eruditos amigos de Adriano), e se "institucionalizou" (certos imperadores tinham seus astrólogos, como se repetiu mais tarde com alguns reis de França). Mas, praticamente por toda a parte, a

³ Adriano conhecia bem a astrologia. Quando seu favorito Antino se afogou no Nilo, ele julgou reconhecê-lo numa estrela, e Ptolomeu, posteriormente, deu seu nome a uma constelação.

astrologia tornou-se sinônimo de predição: houve total esquecimento do tema da influência dos astros sobre as características dos indivíduos, não obstante as descrições de Ptolomeu a esse respeito.

II. O INÍCIO DO CRISTIANISMO

Ao mesmo tempo em que se opunha ao culto dos imperadores de Roma, o povo judeu resistia fortemente à astrologia. É evidente que o fatalismo astral de essência estoica estava em contradição com os dogmas de redenção e onipotência divina. Assim, a astrologia foi combatida pelo apóstolo Paulo e pelos Padres da Igreja. Isso não quer dizer que a astrologia antiga não tenha tido influência no início da história cristã: os essênios foram um exemplo claro disso.

A descoberta de vestígios astrológicos nos manuscritos do mar Morto foi muito curiosa. Embora observando a Lei e os Profetas, parece realmente que os essênios haviam adotado técnicas astrológicas para determinar a essência espiritual de cada indivíduo, a 'quantidade de luz e de trevas' e certamente para testar a qualidade dos postulantes ao ingresso na seita. Há o caso de um manuscrito claramente astrológico, que mostra a crença na determinação do destino de um homem pelos astros do dia do seu nascimento.⁴

Certos autores relacionavam a estrela dos Magos, o número 12 dos apóstolos, os sete pecados capitais e a ascensão ao céu, entre outros temas, às tradições astrológicas.

Para os Padres da Igreja, os deuses planetários Marte, Júpiter, Saturno eram demônios ou diabos, e atribuíam à astrologia essência pagã.

Todavia, para Orígenes (185-254), um importante Padre da

4 M.R. Lehmann, 'New light on astrology in Qumran and the Talmud', in *Revue de Qumran*, FRA, 1975, 8,4, 599-602. Trata-se do manuscrito 4Q 186.

Igreja, os astros não podiam nada produzir por si mesmos, mas podiam indicar aquilo que, para Deus, estava antecipado. O provérbio, tantas vezes mencionado, 'astro inclinans, non necessitant' (os astros inclinam, não obrigam), data dos primeiros tempos do cristianismo. Existia pois opposição ou tentativa de conciliação. Veremos com que intensidade essa dualidade se propagou.

O mais célebre dos Padres da Igreja, Santo Agostinho (354-430), reconheceu em suas *Confissões* ter-se consagrado na juventude à astrologia, mas 'com a ajuda da graça divina', ele 'reconheceu e rejeitou as predições mentirosas e as tolices ímpias dos astrólogos'. Manteve a mesma atitude em *A Cidade de Deus*, sua grande obra filosófica. Mas, paradoxalmente, fez-se defensor da doutrina da predestinação (o homem é predestinado à felicidade ou à danação eterna, quaisquer que sejam os seus méritos). Pela primeira vez, em 381, o Concílio de Laodicéia proibiu aos eclesiásticos interessar-se pela astrologia — interdição reiterada em dois concílios posteriores—, o que prova com bastante certeza que foi difícil extirpar a astrologia dos costumes dos cristãos. Muitos textos, aliás, foram perdidos por ocasião dos autos-de-fé organizados freqüentemente pelas autoridades religiosas.

Depois da divisão do império romano em oriental e ocidental (395), medidas mais ou menos duras foram tomadas contra os astrólogos, que, perseguidos, refugiaram-se na Pérsia, onde centros culturais novos conservavam o espírito grego e estavam na origem de um contato com outros povos e outras civilizações, entre os quais os árabes.

III. A ASTROLOGIA ÁRABE

A astrologia se difundiu largamente entre os persas, sírios, árabes e turcos, e acompanhou a conquista muçulmana. O período mais importante de sua história cobriu oito séculos, a partir do século VIII d.C., correspondente ao período islâmico. Tomou o nome de *El hakam el noujd'joun* ou 'julgamento das estrelas'.

Embora a vocação de Maomé tivesse sido a de eliminar da fé as superstições astrais e o pensamento judaico-cristão, o Corão não contém interdição expressa da astrologia. Os astros eram considerados pelo maometano como sinais da vontade de Deus, mas as predições não deviam ter caráter fatídico. Assim, muitos califas mantinham um astrólogo sob seu serviço.

Conhece-se o desenvolvimento da astronomia árabe; ela favoreceu alguns progressos da astrologia. Os principais elementos técnicos do horóscopo natal árabe são de natureza helenística, mas o sistema dos 'pontos', descrito segundo uma única fórmula por Ptolomeu (roda da fortuna) foi especialmente desenvolvido entre os árabes, principalmente por Albumasar (Abu Mas'har al Balkhi), que estabeleceu muitos outros 'pontos'. Pouco a pouco eles caíram no esquecimento, apesar dos esforços de alguns para redescobri-los [22].

No campo da matemática, os sábios árabes deram contribuições importantes à técnica horoscópica. Primeiramente, a determinação algébrica exata das casas intermediárias (enquanto Ptolomeu definira bem os quatro ângulos). Além disso, construíram novos astrolábios, que permitiam a leitura direta das cúspides das casas. Em segundo lugar, efetuaram o cálculo da data dos acontecimentos celestes, graças ao arco equatorial percorrido segundo o movimento diurno aparente de um planeta (rotação do globo terrestre).

Os árabes praticaram também com precisão a astrologia genética e a astrologia horária de estudo dos aspectos momentâneos de um céu. Mas introduziram uma técnica nova, cujos ecos ressoaram no Ocidente: a "astrologia mágica". Seu princípio consistia em combinar a influência de um planeta com metais ou com os signos correspondentes, de que resultava, segundo eles, uma 'força sideral' aumentada. Daí a prática dos amuletos e outros talismãs (do grego *télesma*), cuja descrição, ao que se diz, encontrava-se no *Picatrix*, obra de magia árabe que influenciou nossa Idade Média.

As relações entre os mundos islâmico, ocidental e judeu eram tão complexos que não podem ser expostas aqui. J. Halbronn consagrou uma importante tese ao estudo do 'mundo judeu e a astrologia', [34], na qual se pode acompanhar um

fenômeno de hebraização da astrologia pelos filósofos judeus espanhóis, por volta do século XII (Ibn-Azra = Abu Ezra, Avenarius em latim, autor de uma enciclopédia astrológica escrita em Beziers na primeira metade daquele século).

Em todo esse período, a astrologia teve, evidentemente, os seus adversários. Entre estes, o célebre médico alquimista e filósofo Avicena (Abû Ali Al-Hosein Ibn Sînâ) foi um dos mais severos; evocava o Corão, 'só Deus conhece o futuro', para condenar a astrologia. Ibn Khaldoun, no século XIV, reuniu seus conhecimentos na obra *Do horóscopo*, e afirmou que a astrologia é falsa.

Com o declínio da grande expansão islâmica, a astrologia deixou de ser sustentada pelos sábios, para tornar-se em toda a parte uma adivinhação popular, mais ou menos impregnada de magia.

IV. A IDADE MÉDIA

Depois da queda definitiva do império romano do Ocidente (455), decorreu um período de cinco séculos, designado como 'alta Idade Média'. A tradição astrológica se manteve nas entrelinhas. Depois, precedendo o período de renovação, marcado pelos grandes sábios Galileu, Copérnico e Kepler, começou na Idade Média um nítido florescimento astrológico.

A alta Idade Média. Durante esse período intermediário, o Ocidente não ignorou as obras dos antigos. Boécio traduziu para o latim numerosas obras, inclusive as de Ptolomeu. Isidoro de Sevilha (560-636) redigiu uma volumosa enciclopédia, as *Étimológicas*, na qual classifica a astrologia entre as superstições pagãs, considerando, entretanto, que ela pode ser praticada. Carlos Magno se interessou muito pela astronomia e pela cronologia. As escolas monásticas floresceram. Em certos 'compostos' — manuais de dados variados comuns — foram incluídas crônicas astrológicas (por exemplo, o composto do abade de Saint-Gall).

Assim, não se pode dizer que a astrologia tenha ficado completamente oculta nessa época. De fato, antes do futuro grande contato com a cultura greco-árabe, o Ocidente cristão conservou uma tradição astrológica, dita 'latina' por Thorndike,⁵ fundada sobre traduções de textos gregos de astrologia popular.

Renascimento da astrologia na Idade Média. O século XII foi marcado por uma nova sede de saber. As grandes obras da Antigüidade só eram conhecidas esporadicamente, ou estavam até perdidas, durante as grandes invasões e os tempos merovíngios. Desejava-se conhecer essas obras; eram encontradas nas bibliotecas das grandes cidades muçulmanas de então, e grupos de tradutores trabalharam principalmente em Palermo (Sicília) e Toledo (Espanha). (Conquista de Toledo pelos árabes: 711-713, reconquista pelo Ocidente em 1085; os árabes ficam presentes na Europa até a queda de Granada em 1492.)

Aristóteles, Euclides, Ptolomeu, Hipócrates, Galeno e muitos outros, assim como sábios muçulmanos, foram descobertos ou redescobertos. O livro se tornou um instrumento de trabalho, de formato reduzido, não ilustrado, e a pena de ganso substituiu o junco.

Em Toledo, trabalharam João de Espanha, Geraldo de Cremona, Platão de Tívoli, Roberto de Chester, Hermann o Dálmata, que, sob a bênção de um arcebispo — apenas a Igreja era instruída — traduziram numerosas obras de astrologia.

Santo Alberto Magno, na Alemanha (1193-1280, dominicano de Colônia) considerava que os acontecimentos terrestres são provocados pelo movimento dos corpos celestes, mas não o destino individual do homem, capaz de livre-arbítrio. Assim compreendida, a astrologia era, para ele, compatível com o cristianismo. Além disso, a astrologia conduz os pensamentos do homem para Deus, e os astros são apenas os instrumentos físicos da vontade divina. A Igreja adotou essa concepção por muito tempo. Ela já estava presente em Pedro Abelardo (1079-1142), para

5 L. Thorndike, *A History of Magic and Experimental Science during the First 13 Centuries of our Era*, N. York, 1923, citado por Knappich [26].

quem a astrologia pode predizer as *naturalia* relativas aos fenômenos naturais, referentes tanto à agricultura quanto à medicina.

Em sua obra *Suma teológica*, o italiano Santo Tomás de Aquino, aluno de Santo Alberto Magno, também dominicano (1225-1274), estudou também a questão do livre-arbítrio — problema fundamental da astrologia diante do cristianismo. Suas posições foram objeto de um estudo detalhado de P. Choissard [33].

A doutrina tomista afirma que "o primeiro motor na ordem das coisas corporais é o corpo celeste", "os astros são a causa de tudo o que se passa nos corpos inferiores", "as influências dos astros são diversamente recebidas nos corpos inferiores, segundo as diversas disposições da matéria", "os astros... só exercem uma influência indireta e acidental sobre as potências da alma", "os astros não poderiam ser, imediatamente, por si mesmos, a causa do livre-arbítrio", "o homem pode sempre agir, sob o império da razão, contra a inclinação produzida pelos corpos celestes". Em contrapartida, "procurar prever com certeza os futuros fortuitos e os futuros livres é uma adivinhação supersticiosa e proibida".

O franciscano inglês Roger Bacon (1214-1294), contrariamente aos precedentes, conhecia o hebraico, o grego e o árabe, e lia os antigos no texto original. O *Opus Majus* é sua obra principal. Para esse *doctor mirabilis* (doutor admirável), considerado um dos grandes sábios naturalistas de seu tempo, a alquimia, a astrologia e a magia são os três elementos de base das ciências "naturais". Para ele, nenhuma astrologia erudita pode professar o fatalismo, reservado aos ignorantes e aos amadores. O indivíduo pode, com a força de sua vontade, resistir à influência real dos astros.

De 1450 a 1650, desenvolveu-se uma grande astrologia erudita.⁶ Cada soberano, cada nobre possuía em sua corte *um* ou vários astrólogos, todos *médicos*, que às vezes também serviam como embaixadores e conselheiros. A arte de fazer cálculos lhes

6 O fim da Idade Média foi objeto de um excelente estudo, muito detalhado. Seu autor, um ex-aluno do École des Chartes, conservador da Biblioteca Nacional, M. Preaud, afirmou ter realizado um estudo 'sobre os astrólogos e não sobre a astrologia': 'que não se espere de nós nem uma apologia da astrologia, nem um ataque', acrescentou [32].

conferia um prestígio real. A astrologia era onipresente e conhecia larga difusão. Tomava parte na vida pública e social. Carlos V tinha seis astrólogos. Carlos VI, Luiz XI, o imperador Frederico III, o rei da Hungria, todos se valiam da astrologia e às vezes a estudavam pessoalmente. A corte dos papas (Inocêncio VIII, Paulo II), assim como muitos dignitários da Igreja abriam-se grandemente às suas técnicas. Em 1520, existia uma cadeira de astrologia na universidade papal.

Durante toda essa época, a astrologia era ensinada ao mesmo tempo que a medicina (lembramos que as "universidades" se constituíram em Paris, Montpellier, Bolonha, Oxford, etc., a partir do século XIII). No espírito da época, a ciência dos astros forma uma unidade: *scientia motus*, a ciência dos movimentos dos astros = astronomia, e *scientia judiciorum*, ciência dos julgamentos = astrologia.

As "natividades" — assim eram chamados os mapas astrais de nascimento — eram calculadas de modo muito exato e minuciosamente analisadas. Temos, por exemplo, a de Jean de la Goutte, estabelecido em 1469 pelo astrólogo Conrad Heingarter para o dia 12 de agosto de 1418 às 8 horas da noite. O texto da análise foi repartido em quinze capítulos, referindo-se ao temperamento, à família, ao intelecto, à fortuna, às honras, ao ofício, ao casamento, aos filhos, aos inimigos e amigos, às viagens, à morte. Evidentemente, só as pessoas muito ricas podiam encomendar um trabalho dessa natureza. C. Heingarter e Simon de Phares estavam a serviço do duque de Bourbon.

Muitos dados dessa época se encontram nos escritos de Simon de Phares, *Antologia dos mais célebres astrólogos e alguns homens doutos*.

Numerosas técnicas de detalhe foram então inventadas ou aperfeiçoadas por toda a parte, ao sabor das observações e das intuições dos autores. Elas se referiam, entre outros pontos, às conjunções dos planetas, aos cometas, aos eclipses (tendo um destes durado 3 horas e 20 minutos, isso significava que seus efeitos durariam 3 meses e 20 dias), e aos "pontos" (fez-se em Lyon o cálculo de um 'ponto do vinho'...). As técnicas das previsões ainda eram as anunciadas por Ptolomeu e pelos gregos da época helenística, mas seu uso se tornou preciso: as progressões

(direções secundárias) e as revoluções solares passaram a ser, um pouco mais tarde, de uso corrente, graças às efemérides impressas.

A contribuição da astrologia para a medicina da época foi grande. Era uma evidência para um homem da Idade Média, pois assim podia se conhecer a constituição do paciente; as pessoas eram desaconselhadas à entregarem-se aos cuidados de um médico que ignorasse as leis da astrologia, pois tal médico era declarado "incompleto" (*imperfectus*). O estudo das posições da Lua fora particularmente desenvolvido, e assim se podiam escolher os momentos propícios aos tratamentos (sangrias, laxativos), ou evitá-los, caso houvesse aspectos com os 'maléficos' Saturno e Marte.

Evidentemente, a antiga contradição com as posições da Igreja subsistia, embora alguns dignitários, como o cardeal universitário Pierre d'Ailly, tentassem uma conciliação. Assim, muitos textos astrológicos começavam com a frase de Ptolomeu: "O homem sábio domina os astros" ou terminavam com as palavras: 'Assim será, se tal for a vontade de Deus.'

A astrologia "mágica", de origem árabe, penetrou no Ocidente num nível mais popular. A prática dos amuletos astrológicos com fins medicinais foi tão comum entre os charlatões quanto entre os médicos universitários estabelecidos. Um metal — ouro, prata, cobre ou chumbo — era fundido no momento exato da entrada do Sol no signo regente da região do corpo afetada (por exemplo, Áries para a cabeça, Leão para os rins etc...). A medalha assim obtida trazia uma inscrição e podia até ser benzida por um padre no Domingo de Ramos. Contra essas práticas, as discussões, os processos e até a caça às bruxas viriam a ser mais freqüentes nos séculos XVI e XVII.

V. A IMPRENSA E O HELIOCENTRISMO: DO SÉCULO XV AO XVII

A imprensa apareceu em 1453 com Gutenberg e se difundiu no

Ocidente. A astrologia dela se beneficiou grandemente, com o aparecimento das Efemérides, que conferiu aos astrólogos a possibilidade de estabelecer horóscopos sem cálculos.

Campanus, que traduziu a geometria de Euclides no século XIII, já tentara recalculas as casa astrológicas. No século XV, Regiomontanus (1436-1475), pseudônimo de Johann Müller de Königsberg, calculou tábuas de direções para o arcebispo de Grass, na Hungria. Depois, fixou-se em Nuremberg, onde instalou um observatório e uma prensa. Publicou o primeiro calendário astrológico e as primeiras Efemérides impressas, a que se seguiram muitas outras (consta que Cristóvão Colombo e Vasco da Gama as levavam em suas viagens).

O beneditino italiano Placidus de Titis (1603-1668), outro grande calculista notável dessa época, matemático e físico, ensinou na universidade de Pavia. Considerava que as doze casas astrológicas não são construções geométricas, mas zonas de influência real no movimento diurno do sol. Decidiu pois adotar uma domificação natural de doze casas cada uma delas correspondentes a duas horas temporais. Esse é ainda hoje o método mais utilizado em nossas Efemérides.

Em geral, o Renascimento foi favorável à astrologia, pois ela se baseava numa volta às fontes antigas. A Reforma não deixou marcas, mas os historiadores possuem vestígios de uma astrologia protestante na Alemanha. O horóscopo de Lutero foi encontrado.

Há uma prova de sua subsistência tardia nos costumes ingleses: o observatório de Greenwich foi fundado em 1675 pelo astrônomo real J. Flamsteed. Fez-se então o mapa astral da colocação da pedra fundamental, que ocorreu em 16 de maio às 15 horas e 14 minutos. Diz-se que o horóscopo foi traçado pelo próprio punho de Flamsteed e conservado nos arquivos do observatório, com esta menção rabiscada: "Risum teneatis, amici" (Segurai o riso, amigos).

Entretanto, foi o fim, na Europa, dessa nova idade do ouro da astrologia, que durou vários séculos.

Ao mesmo tempo que o saber humano se ampliava de modo considerável com as viagens e os grandes descobrimentos (século XVI) e com o salto prodigioso em todos os domínios das

ciências da natureza (século XVII), assistiu-se a um rápido declínio da prática astrológica.

Por um lado, as mentes se desviaram de práticas não demonstradas, e, com a Contra-Reforma, a pressão da Igreja se fez mais estrita e mais forte. Por outro lado, a afirmação do heliocentrismo levou os últimos grandes astrólogos a tomarem posições arcaicas, defendendo as antigas teorias.

Com efeito, Copérnico (1473-1543) demonstrou pela primeira vez o duplo movimento dos planetas, inclusive da Terra, em torno de si mesmos e em torno do Sol. Depois, Galileu (1564-1642), matemático e astrônomo, partidário do sistema de Copérnico, foi condenado pela Igreja, que considerou a teoria herética.

Tycho Brahe (1546-1601) defendeu um sistema intermediário, segundo o qual a Terra é imóvel, o Sol gira em torno dela e os cinco planetas evoluem em torno do Sol. Transmitiu suas observações a seu discípulo Kepler. Este formulou as três leis que descrevem o movimento dos planetas em torno do Sol. Conhecendo bem a astrologia, como todos os astrônomos da época, e praticando-a com convicção, afirmou que a nova concepção não dizia respeito à astrologia. [35] 'Basta que o astrólogo veja como os raios vêm do Oriente, do Meio-Dia ou do Ocidente e desaparecem; basta que se saiba se dois planetas estão em conjunção, em oposição... o que os bons astrônomos podem mostrar à noite com seus instrumentos', escreve ele. "Será que o astrólogo pergunta como isso acontece? Na verdade, ele não o faz, assim como o camponês não pergunta como se forma o verão ou o inverno, e no entanto ele se guia pelas estações."⁷

Kepler situou assim, pela primeira vez, a astrologia entre as concepções científicas novas: ela permaneceu decididamente geocêntrica como ainda o é em nossos dias, e isso baseando-se em uma experiência terrestre afirmada, anunciando já posições modernas recentes (ver o capítulo V).

Em contrapartida, o célebre astrólogo Morin de Villefranche apegou-se à antiga concepção do mundo. Médico e matemático, J. B. Morin, nascido em Villefranche-sur-Saône (1583-1650), foi o

7 Em *Opera Omnia*, citado em [26].

astrólogo do duque de Luxemburgo, e depois, em 1630, tomou-se professor de matemática no Collège de France. A obra de sua vida, a volumosa *Astrologia Gallica* (Haia, 1661), faz um balanço completo da astrologia da época, com concepções próprias do autor, como esse *primum mobile*, que ele definiu como o lugar de onde emanam as forças siderais, que influenciam os corpos terrestres, ligado, pois, ao antigo sistema das esferas celestes. Seu colega no Collège de France, P. Gassendi (1592-1655), também matemático, atacou-o facilmente, afirmando que o sistema de Copérnico era o melhor, mas aderindo ao de Tycho Brahe como concessão aceitável pela Igreja.

A astrologia não teve mais crédito nos meios científicos. O *Discurso do método*, de Descartes, surgiu em 1637. A astrologia estava doravante condenada pela Igreja e pelas novas ciências. Quase não era mais ensinada nas universidades. Finalmente, Colbert proibiu-a na França em 1660.

capítulo IV

DO SÉCULO DAS LUZES À ÉPOCA MODERNA: DECLÍNIO E RENOVAÇÃO

O declínio da astrologia no Ocidente começara com os grandes descobrimentos dos séculos XVI-XVII e a oposição da Igreja. No século XVIII, o Século das Luzes, estava ela à beira do naufrágio, diante de uma ofensiva racionalista. Assim, o século XIX esqueceu a astrologia. As vezes, ela sobrevivia debilmente, de maneiras diferentes segundo os países.

O século XX tem testemunhado um impressionante reaquecimento da astrologia. No duplo movimento dessa história moderna, é mais uma curiosa evolução que vamos acompanhar [26, 36,¹ 37, 38].

I. O SÉCULO DAS LUZES

"A astrologia", diz a *Enciclopédia* de Diderot [38, p. 780], "é a arte de predizer os acontecimentos futuros pelos aspectos, as posições e as influências dos corpos celestes." Logo se percebe que, no espírito da época, a astrologia era limitada ao seu aspecto previsional. Não se fez nenhuma menção de sua influência sobre

1 O livro de E. Howe, extremamente documentado, foi publicado na Grã-Bretanha em 1967 e abarca todo o século XIX. 'Como eu não saberia 'explicar' a astrologia', diz o autor, 'abstive-me de atacá-la ou de defendê-la.'

os caracteres. Esse artigo de três páginas define bem a atitude de então: o texto refuta tudo. Fala da 'pretensa arte de anunciar os acontecimentos morais antes que eles se produzam; entendo por acontecimentos morais aqueles que dependem da vontade e das ações livres do Homem, como se os astros tivessem alguma influência sobre ele e o dirigissem', afirmando assim, claramente, a liberdade de ação do indivíduo. Evocando os períodos em que a astrologia desempenhava um papel oficial, o autor escreveu: 'Fomos infestados por essa superstição durante os últimos séculos. "Fazeis passar por verdades um milhão de mentiras infelizes, graças às outras sete ou oito que vos saíram bem", dizia ele aos astrólogos. E também: 'Hoje o nome de astrólogo se tornou tão ridículo, que nem o povo ignorante dá algum crédito às predições dos almanaques.'

Ao lado desses trechos fugitivos, muito característicos da época, houve refutações de ordem racional. Em primeiro lugar, a questão da precisão da hora do nascimento, admitida como importante. "Pensais talvez que o primeiro cuidado das parteiras é consultar todos os relógios na hora do nascimento de uma criança? Quantas deixam de fazê-lo, estando acima de semelhantes superstições. Além disso, serão os mostradores sempre suficientemente exatos?" Depois, um argumento importante, referente às numerosas mortes causadas por guerras ou catástrofes: 'Os que perecem na mesma batalha nasceram sob a mesma constelação?' Começava-se enfim a estabelecer questões racionais sobre o determinismo físico da influência dos astros: "Em que parte do céu se conservará essa primeira potência, que só deve aparecer e, por assim dizer, só deve desempenhar o seu papel vários anos depois, como quando a criança tiver quarenta anos?" E o autor concluía: "Acreditar... que o destino só deve fazer o seu efeito quando a criança chegar a uma idade mais avançada... é uma fantasia impertinente.'

Entretanto, o artigo constata ainda que "embora a astrologia tenha sido fortemente combatida... não se pode dizer que eles (os autores) tenham erradicado inteiramente essa ridícula credence", pois "quando um preconceito é geral, os melhores espíritos não podem impedir-se de curvar-se a ele".

Em suma, no Século das Luzes, a razão era todo-poderosa

e pôde libertar o homem de suas superstições, entre as quais a astrologia. A vida intelectual baseava-se no progresso das ciências.

Um acontecimento grave para a astrologia nessa época foi a supressão, a partir de 1710, da impressão das Efeméridas e tábuas que, desde a descoberta da imprensa, permitiam aos astrólogos um trabalho cômodo, evitando-lhes numerosos e difíceis cálculos. Os anuários astronômicos, indicando as posições planetárias em ascensão direta e em declinação — coordenadas equatoriais —, não foram imediatamente utilizados pelos astrólogos. Para converter esses dados em coordenadas eclípticas (longitude, latitude), as únicas utilizáveis em astrologia, devia-se realizar um trabalho de cálculo apropriado. Levantar um mapa astral exato e preciso tornou-se então tarefa reservada aos sábios. Mas os sábios da época, como vimos, desviaram-se totalmente da astrologia, desprezando-a. Sobreviveu apenas uma vaga astrologia de almanaques rurais e de charlatães. Privada de sua base objetiva e do apoio dos cientistas, a astrologia começou então a sua 'travessia do deserto', com assimilações a todo tipo de esoterismos, cabala, quiromancia, geomancia e outras artes ocultas.

Frederico II da Prússia, soberano esclarecido e aluno de Voltaire, desejou até proibir as predições nos calendários populares, mas os protestos o demoveram, ao passo que Maria Teresa da Áustria não hesitou em tomar essa medida. Certas bibliotecas de Estado foram expurgadas, como a de Darmstadt, da qual se retiraram todos os textos 'de metafísica, alquimia, quiromancia e outras tolices'.

Curiosamente, sociedades secretas acolheram as correntes ocultas perseguidas, em reação contra o racionalismo triunfante. Citemos os rosacruzes e os maçons. A astrologia não era praticada entre eles, mas conservada simbolicamente no seio de doutrinas filosóficas, como prova a obra *Figuras secretas dos rosacruzes dos séculos XVI e XVII*, publicada em Hamburgo em 1789, assim como o *Opus mago-cabbalisticum et theosophicum*, de G. Welling, 1735, reeditado em 1760 e 1785. A astrologia é apresentada como uma ciência louvável, fundada na natureza. Essas obras herméticas foram redescobertas e estudadas por

Goethe, que, em 1811, redige suas memórias *Dichtung und Wahrheit* (Poesia e Verdade), começando sua narração pelo comentário de seu horóscopo pessoal. A esse respeito, é significativo considerar o texto de uma carta de Goethe a Schiller, datada de 8 de dezembro de 1798 (citada em [26], p. 248): nela o romantismo alemão é anunciado, com suas aspirações à natureza e ao cosmo. Mas nem por isso a astrologia se salvou do esquecimento geral.

II. EVOLUÇÃO PARTICULAR DA ASTROLOGIA NA GRÃ-BRETANHA

A Grã-Bretanha foi o único país ocidental em que a ruptura do século XVIII não se produziu, ao menos com a mesma intensidade que no continente. O interesse pela astrologia decresceu, mas uma série ininterrupta de publicações e atividades atestam uma linha contínua entre o século XVII e a época moderna. Essa situação, interessante e única, merece nossa atenção; veremos suas conseqüências até nossos dias.

Os astrólogos ingleses sobreviveram, não tendo preconceitos ideológicos nem desejos de justificação teórica. O domínio do empirismo sobre os espíritos e provavelmente também a estabilidade social e política parecem explicar essa surpreendente continuidade.

Já durante a segunda metade do século XVII, Londres publicou mais manuais de astrologia e Efemérides que todos os países europeus reunidos. Apesar de um certo declínio nas primeiras décadas do século XVIII, os ingleses cultos continuaram a praticar a astrologia. O grande público continuou a acreditar que os astrólogos podiam predizer o futuro, crença mantida por almanaques publicados pela "Stationer's Company", antiqüíssima corporação medieval, que continuou a prosperar na City de Londres. Almanques e Efemérides de grande difusão foram redigidos por astrólogos conhecidos, como William Lilly, John Gadburry, William Andrews, John Partridge e outros. O célebre

almanaque *Vox Stellarum* de Francis Moore (1657-1715) foi publicado até 1896, e os direitos vendidos em 1927. Citam-se tiragens muito elevadas: 107.000 em 1768, 393.000 em 1808, 560.000 em 1839. Esse almanaque era dirigido ao grande público e não continha nenhuma indicação para a formação astrológica. Podemos evocar aqui pelo menos três estudos publicados sobre Napoleão (1805 e 1814). Como ninguém sabia a hora de seu nascimento, utilizou-se o princípio das "retificações": os autores concordaram que o nascimento ocorreria pela manhã, mas não chegaram a um consenso quanto à hora.

Em 1827, um novo almanaque de predições, *The Prophetic Messenger*, foi publicado por Smith e veio fazer concorrência ao precedente. Sob o pseudônimo de Raphaël, a obra devia durar e prolongar-se até nossos dias, pois a tábua das casas citada nessa obra ainda leva esse nome. [10] Efetivamente encontravam-se na Inglaterra as primeiras tábuas astrológicas dos tempos modernos. Quando Smith morreu, a publicação do almanaque prosseguiu a cargo de outros mantendo sempre o pseudônimo de Raphaël.

Logo apareceu um novo concorrente, personagem muito curioso, de nome Morrison, que adotou o pseudônimo de Zadkiel e concebeu o *Zadkiel Almanac*, em 1836. Sua tiragem mostrava-se muito inferior à do *Vox Stellarum*; os leitores e o conteúdo eram um pouco diferentes. Os dois almanaques davam predições anuais, expressas de modo suficientemente vago para que pudessem ocorrer, e, além disso, artigos sobre as perspectivas astrais dos membros da família real e das personalidades da época.

Assim, Morrison estabeleceu o horóscopo da princesa Vitória, nascida a 21 de setembro de 1840; uma resposta o informou de que "Sua Alteza Real estimou aceitar o horóscopo da princesa real" — o que mostra bem o clima que havia então na Inglaterra, tão diferente daquele do outro lado da Mancha.

A era vitoriana (reinado da rainha Vitória: 1838-1901) foi rica em publicações astrológicas de natureza popular; pessoas muito honradas se ocupavam de astrologia. Morrison, oficial da Marinha Real e homem muito culto, era muito conhecido na boa sociedade londrina. Por muito tempo dissimulou suas numerosas atividades

astrológicas sob o pseudônimo, o que era provavelmente necessário, apesar da tolerância reinante. Desejava ele a regularização legal da profissão de astrólogo, que, embora muito aceita, permanecia sob a ameaça jurídica da "lei contra a vagabundagem". Lembra ele que muitas pessoas cultas e de alto nível social aprendiam astrologia e tinham domicílio fixo. Tentou também organizar a profissão de astrólogo com a criação de um diploma sobre pergaminho, com o selo da 'Associação Britânica para a Ciência Astral', que todo bom astrólogo erudito teria obrigação de possuir.

O episódio mais marcante da vida de Morrison foi sem dúvida a morte do príncipe consorte, Alberto, marido da rainha Vitória. No almanaque Zadkiel de 1861, podia-se ler que a posição estacionária de Saturno naquele ano seria 'muito ruim para todas as pessoas nascidas a 26 de agosto ou depois dessa data; entre as pessoas afetadas, lamento ver o valoroso príncipe consorte...". Ora, o príncipe morreu a 14 de dezembro, o que impressionou a opinião pública. Zadkiel foi atacado pelo *Daily Telegraph* em janeiro de 1862: queriam saber o nome do redator da predição. Um almirante denunciou Morrison, e este lhe moveu um processo por difamação... e o ganhou, aproveitando-se assim de uma real publicidade.

O fato não teve precedentes na Europa: pessoas cultas (*educated people*) dedicaram-se à astrologia. Foi o caso, por exemplo, de W. J. Simmonite, de Sheffield, que, ao mesmo tempo que trabalhava como médico e professor, recebeu uma numerosa clientela de astrologia e redigiu obras didáticas. Sua posição foi a de um espírito científico, e sua técnica se baseava na matemática. Parece ter sido o primeiro, no século XIX, que não se contentou em reproduzir as fórmulas do século XVII. Como Morrison, Simmonite elegeu-se membro da Sociedade Meteorológica de Londres em 1839. Foi, aliás, nos anos 1830-1860 que a astrometeorologia suscitou o maior interesse. Citemos também T. Oxley e E. V. William entre os astrólogos de origem científica, a quem repugnavam o ocultismo e a tradição estrita. Oxley, vindo de Liverpool, fixou-se em Londres, onde ensinou matemática e astrologia. Com William, seu aluno, tornou-se especialista em desenho,

fabricação e venda de planisférios, assim como projetos de máquinas diversas.

Durante a era vitoriana, foram editados muitos manuais astrológicos, entre os quais os volumes de *Text-Book of Astrology*, de Pearse, publicados em 1879-1889, e reimpressos em 1911; assim também o *Guide to Astrology*, de R. T. Cross, publicado em 1877-1879, depois dos volumosos *Complete Dictionary of Astrology*, de J. Wilson (1819) e *Celestial Philosophy or Genethliacal Astrology* de Worsdale (1824).

No fim desse período um fenômeno e personagens novos apareceram no palco da astrologia inglesa. Referimo-nos ao movimento "teosófico", criado por Mme Blavatsky, que repercutiu até na Alemanha, e a um astrólogo cuja tendência foi simultaneamente esotérica e comercial: Alan Léo (pseudônimo de W. F. Allen -1860-1917).

Para compreender a conjunção européia entre o movimento teosófico e a astrologia, são necessárias algumas linhas de história.

Esse movimento esotérico nasceu em 1875 em Nova York. Criada por um grupo sob a direção de Mme H. P. Blavatsky, nascida na Ucrânia em 1831, no seio de uma família nobre, essa iniciativa teve um sucesso surpreendente nos países germânicos e anglo-saxões. Foi ela sugerida à sua fundadora pelo encontro com um príncipe indiano em Londres. Seu princípio se baseia na fraternidade e na religiosidade gerais e em concepções cósmicas esotéricas.

O movimento astrológico inglês, cuja penetração constatamos, foi influenciado então pelo encontro de Alan Léo com a Sociedade Teosófica. Esse astrólogo, de origem muito modesta (era caixeiro viajante), foi introduzido no círculo de Mme Blavatsky em Londres, onde esta se instalou em 1889. Teósofo por um lado, Léo mostraria, por outro, um grande tino comercial. Com Lacey, ofereceu, pela primeira vez, horóscopos gratuitos aos assinantes do *Astrologer's Magazine*. O sucesso foi grande, mas o trabalho, como se pode imaginar, tornou-se imenso.

Entre 1890-1894, Léo e Lacey enviaram mais de 4.000 horóscopos. Ficando só em 1895, Léo passou a ser o único proprietário da publicação, com novo título, *Modern Astrology*, e, em

1898, transformou-se em astrólogo profissional em tempo integral. Dirigiu o que se poderia qualificar de a primeira empresa astrológica do mundo, com uma dezena de empregados para realizar os cálculos e redigir os textos. A empresa prosperou durante os primeiros anos do novo século. Léó conseguiu aperfeiçoar uma técnica de confecção maciça de horóscopos, graças a textos pré-fabricados para cada tipo de mapa e a uma máquina copiadora. Era a empresa astrológica moderna antes da era do computador, cujo advento ainda esperaria sessenta anos. Assim, Léó enviou aproximadamente 20.000 horóscopos em três anos. Sua técnica fez escola e se difundiu na Inglaterra e nos Estados Unidos. Como teósofo, deixou seu nome em uma literatura astrológica esotérica (*Esoteric Astrology*, 1913), e, como astrólogo, em uma série de manuais célebres, sete volumes in quarto, que pôs a astrologia ao alcance de todos. Nunca publicou almanaques de repetição, rompendo assim completamente com a tradição secular, representada na Inglaterra, como vimos, pelos popularíssimos *Raphaël e Zadkiel*.

Chegou então o período que veio convergir historicamente com a evolução da astrologia renascente em outros países: por volta de 1930, a astrologia se difundiu na imprensa cotidiana. O *Sunday Express* foi o primeiro jornal a ter uma seção de astrologia, publicando o horóscopo da princesa Margaret Rose, irmã da rainha Elizabeth II (21 de agosto de 1930). Foi um grande sucesso. Um outro acontecimento logo acelerou esse movimento: o astrólogo redator Naylor predisse que um aparelho britânico se encontraria em grande perigo. Quase imediatamente, soube-se que o dirigível R-101, tendo partido de Cardington, caíra no norte da França. A partir de então uma página inteira do jornal foi reservada para os horóscopos semanais. Evidentemente, os concorrentes a imitaram, como o *The People*, o *Daily Express* etc. Deve-se dizer que nem todas as previsões eram tão exatas como a referente ao dirigível. Pode-se citar uma delas, que começava dizendo que 'hoje é um dia especialmente propício para as especulações na Bolsa'... Era domingo, a Bolsa estava fechada, e parece que o jornal mudou de astrólogo.

Uma corrente "anti-ocultista" desenvolveu-se particularmente nessa época, com astrólogos como W. J. Tucker, autor do livro

de espírito científico *The 'How' the Human Mind* (1930), e um periódico intitulado *Science and astrology*.

Seria em razão de sua longa história sem rupturas, de seu tradicional empirismo nacional, ou talvez pelas posições mais abertas dos astrólogos? Foi na Inglaterra que se deu o caso inédito da colaboração positiva entre Eysenck, renomado professor universitário de psicologia, e astrólogos, caso raro, de que voltaremos a falar, e que certamente não foi obra do acaso. Esse acontecimento contrasta muito com o que descobrimos no continente, especialmente na França.

III. ESQUECIMENTO E REAPARIÇÃO DA ASTROLOGIA NA FRANÇA

Grande época racionalista e positivista, o século XIX esqueceu completamente a astrologia na França. Sua reaparição no fim do século e as causas que a produziram não são fáceis de apreender.

Existiu efetivamente um movimento ocultista mais ou menos subterrâneo, mistura de magia, cabala, artes divinatórias, que, como vimos, tinham se refugiado, no século XVIII, em sociedades secretas. De fato, o último tratado francês de astrologia foi o de Morin de Villefranche... datado de 1661 e escrito em latim, que permaneceu durante muito tempo empoeirando-se nas bibliotecas.

A corrente teosófica de H. P. Blavatsky, que fomos encontrar na Grã-Bretanha, não teve nenhum sucesso na França, apesar de uma visita de sua fundadora.

Parece que, na origem do reaparecimento da astrologia, encontraram-se dois personagens. Um foi o conhecido membro da 'Ordem Kabbalística da Rosa-Cruz', F. C. Barlet (Albert Faucheux, 1838-1921), que teve contato com a literatura inglesa e escreveu um pequeno *Tratado de astrologia judiciária* (1895). O outro, o padre C. Nicoulaud (1854-1923), de pseudônimo Formalhaut, que publicou um *Manual de astrologia esférica e judiciária* (1897). Essa corrente viria a ser recriada.

H. Selva, funcionário da Bolsa de Paris, publicou um *Tratado de astrologia genetiáca* (1901), logo seguido de uma tradução do latim, sob o título *A teoria das determinações astrológicas de Morin de Villefranche* (1902).

E impressionante ver que as poucas publicações francesas que marcaram o reaparecimento da astrologia foram obra de amadores, a diferentes títulos mais ou menos marginais - enquanto os autores ingleses eram quase sempre profissionais.

Foi então que apareceu a personalidade eminente da astrologia da época: um engenheiro, oficial da artilharia, Paul Choissard (1867-1930). De modo muito original, ele tentou relacionar a astrologia tradicional reencontrada com as exigências estritas de sua formação científica racional. Autor de mais de vinte obras, publicou-as a partir de 1900, primeiramente sob o pseudônimo de Paul Flambard, depois sob seu verdadeiro nome. Sua tentativa significou uma verdadeira revolução na história da astrologia, cujo futuro acompanharemos no capítulo seguinte.

"Os elementos em jogo", escreveu ele [39], 'são constituídos, de um lado, pelas faculdades humanas ou os acontecimentos humanos, e, de outro lado, pelos dados astronômicos do céu de nascimento: a questão essencial é mostrar que a correspondência entre essas duas categorias de coisas é real, ou não o é. Ora, os tratados de astrologia — invariavelmente compostos de regras antigas, sem nenhuma preocupação com a crítica científica — nunca forneceram nenhuma prova válida sobre a questão; pois nem toda a habilidade dos fazedores de horóscopos modificará a verdade científica em jogo, verdade que só é demonstrável pelo cálculo das probabilidades'. "A hostilidade sistemática contra a tradição', precisou ele', não me parece mais legítima do que o fato de segui-la cegamente", e reconheceu que 'para estudar com proveito a astrologia, deve-se primeiro descartar o medo do ridículo'. Assim, para, o autor, a astrologia era — pela primeira vez no mundo — o objeto possível de uma pesquisa científica pelo cálculo das probabilidades. Mas ele estava consciente de que 'o encadeamento das causas e dos efeitos, longe de ser simples, encerra sempre fatores auxiliares, dos quais um grande número pode mostrar-se-nos desconhecido; assim é com resultantes variáveis, mais ou menos complexas, que trabalhamos,

e, para conhecer-lhes certas causas determinantes — isto é, para estabelecer correspondências entre estas e aquelas — só há um meio, é comparar as freqüências dos elementos em jogo... E a única maneira de provar que estamos em presença de uma lei e não de uma coincidência fortuita, ou seja, de uma observação que podemos repetir e não de um resultado cujas causas nos escapam'.

Choisnard passou assim muitos anos de sua vida pesquisando essas correspondências, afirmando-as em numerosas publicações e justificando a maioria das técnicas astrológicas. Descobriu até mesmo novas técnicas, pois estudou, e, em sua opinião, provou a existência da hereditariedade astral [40], segundo a qual os filhos nascem , mais freqüentemente do que por acaso, sob posições planetárias idênticas às de seus pais.

Entretanto, apesar da excelência do método e dos fins propostos, deve-se reconhecer que o resultado não estava à altura do que se esperava à luz dos estudos modernos. De fato, é lamentável que os dados experimentais e os detalhes dos cálculos não apareçam facilmente, como exigem os trabalhos científicos atuais. Mas pouco importa, surgira uma atitude nova. Ela foi significativa, mas reuniu contra si, ao mesmo tempo, os meios científicos, que ignoraram essa posição tão nova, e os meios astrológicos, que, sem nenhuma formação científica, sentiram-se atingidos por uma intrusão aberrante e incompreensível. Tivemos que esperar os trabalhos de Krafft na Alemanha, de Lasson e principalmente de Gauquelin na França, para reencontrar a mesma tendência. Nós os evocaremos no capítulo V.

Assim, antes e depois da última guerra, a astrologia retomou pé na França.

"De 1930 a 1970", escreveu o sociólogo C. Fischler [37], "assistimos ao impulso e ao desenvolvimento de uma astrologia de massa, produzida e difundida pela mídia... mas seria errôneo concluir que a astrologia moderna se orienta unicamente para a 'massa', para as camadas médias e populares. Pois, enquanto esse novo ramo prossegue seu crescimento, a astrologia, saindo de seu *underground* ocultista, estende-se também nas camadas superiores da burguesia, nas classes dirigentes técnicas e administrativas e nas profissões liberais. E esse desenvolvimento

elitista é certamente uma das formas mais características e mais significativas da astrologia moderna (na França)."

Alguns astrólogos se tornaram célebres, como A. Barbault [3], autor da coleção 'O Zodíaco', publicada pelas Éditions du Seuil [41].

A astrologia de elite se desenvolveu, e, ainda segundo C. Fischler, 'a cultura facilita o acesso à astrologia erudita, sincrética e aperfeiçoada... E principalmente a classe superior que colhe os frutos da pesquisa astrológica de ponta'. A análise dos mapas astrais de nascimento vai tornar-se "auxiliar de decisão, instrumento de investigação psicológica, arma entre outras, dos caça-dores de cérebros". Nesse nível culto, encontramos uma imprensa especializada, na qual podemos mencionar, entre outros, Horoscope (antigo, reunia ainda em sua publicidade astrologia, magia e vidência), *Astral*, e recentemente, *Astrologie Pratique*.

Paralelamente, nos mesmo anos que na Grã-Bretanha, perpetuava uma astrologia popular, largamente divulgada pela imprensa. Os primeiros horóscopos apareceram na imprensa feminina (*Journal de la Femme*, 1932) e na imprensa diária: primeira publicação em *Paris-Soir*, a 18 de abril de 1935. Nesse caso ainda, os horóscopos limitavam-se praticamente à previsão. O princípio dos cálculos era simples: para cada signo do zodíaco, consideravam-se os aspectos com os planetas do céu (do dia, da semana ou do mês). Essa técnica assimilava-se a uma previsão segundo as 'casas solares" pela associação feita a partir da casa 1 = Áries.

No outono de 1970, surgiu o que o sociólogo C. Fischler qualificou de "acontecimento considerável": o aparecimento, na estação de rádio Europa 1, de Mme Soleil, que dava consultas durante a transmissão. Desde o início, recebia ela de 15 a 18.000 chamadas telefônicas por dia. No auge de sua glória, Mme Soleil teria tido 300.000 cartas à espera de sua resposta. O sucesso foi além das previsões. A televisão também acolheu esse personagem, que se tornou célebre. Todos recordamos a resposta do presidente Pompidou: "Não sou Mme Soleil", a uma pergunta a que não podia responder, "fazendo passar para a linguagem comum", consoante C. Fischler, "um idiomatismo que situa a astróloga radiofônica ao lado dos grandes arquétipos oraculares do Ocidente".

De fato, Mme Soleil era realmente astróloga, mas seu sucesso, ao que parece, devia-se tanto ao seu carisma pessoal quanto ao fato de que "ela proporciona, com uma espécie de calor ríspido, o reconforto, o consolo, o encorajamento e a repreensão amistosa" [37] acompanhados de algumas referências astrais [42].

Organizaram-se associações astrológicas há algumas décadas, que prosseguem com suas atividades de orientação em níveis variados, e outras mais têm sido fundadas atualmente. A intensidade da vida astrológica francesa levou J. Halbronn a precisar de um volume inteiro para dar-lhe as referências em 1984 [43]²

Em contrapartida, a separação entre o mundo científico universitário oficial e a astrologia permaneceu total, depois da tentativa de Choisnard e dos resultados dos Gauquelin: veremos no próximo capítulo como estes últimos continuam sendo ridicularizados pelos racionalistas inimigos da astrologia.

IV. A ALEMANHA E O TERCEIRO REICH

Como na França, a astrologia foi esquecida na Alemanha no século XIX. Encontrava-se apenas a edição isolada do *Tetrabiblos* de Ptolomeu, por J. Pfaff, em 1816; a astrologia, reduzida a nada, era conhecida somente por alguns raros excêntricos.

Mas o movimento teosófico de H. P. Blavatsky implantou-se rapidamente, depois do encontro desta com o rico industrial G. Gerbhard, e da criação da seção alemã da organização; e também graças ao encontro com um outro teósofo alemão, F. Hartmann, célebre nos domínios ocultos da época, e seu secretário, H. Vollrath, que logo dirigiu uma casa editora de teosofia e

² Citamos o Réseau Astrologique Humanista (RAH) de A. Ruperti, o Mouvement Astrologique Unifié (MAU) de J. Halbronn, a Fédération Francophone d'Astrologie (FFA) de C. Aubier, o Centre d'Organisation du Mouvement Astrologia Conditionnaliste (COMAC) de J. P. Nicola, a Association pour la Recherche des Rythmes Cosmiques (ARRC) de Y. Leonable, o grupo Mercure, a SFA e muitos outros.

ocultismo. Como na Inglaterra, porém duas décadas mais tarde, esse movimento ocultista veio a favorecer o reaparecimento da astrologia antes da guerra de 1914.

O primeiro manual alemão de astrologia surgiu em 1905, mas foi em 1908-1909 que K Brandker-Pracht, entre outros, deu início à renovação moderna. O primeiro periódico, *Zodiakus*, nasceu em 1909. A primeira sociedade de astrologia foi fundada em Leipzig por Vollrath, enquanto o *Astrologische Rundschau* apareceu em 1908: foi a mais importante publicação, até sua interdição em 1938.

A influência inglesa penetrou através de um aluno de Alan Léo: W. Becker. Mas a guerra de 1914 interrompeu por um momento a evolução astrológica, logo retomada com vigor com o retorno da paz. Houve então, até os acontecimentos ligados ao nazismo, um período próspero. A astrologia se distinguiu de todos os outros movimentos. Publicou-se uma abundante literatura: manuais, Efemérides etc. O primeiro congresso europeu de astrologia se reuniu em Munique em 1922. Os astrólogos profissionais eram numerosos nessa época.

Esse período foi marcado, na Alemanha, pela aptidão da astrologia em atingir meios cultos, que se organizaram de modo original: existiu uma *Deutsche Kultur Gemeinschaft zur Pflege der Astrologia* (Associação Cultural Alemã para a Produção da Astrologia) que agrupava *Herren Doktor* cultos e universitários, caso único no mundo.

Precocemente, apareceu nesse país a astrologia psicológica, talvez relacionada com a publicação dos *Tipos psicológicos*, de C. G. Jung, e de *Física e caracteres*, de E. Kretschner.

A astrologia alemã e o nazismo. Em razão de suas conseqüências fundamentais, consideraremos mais especialmente este período trágico.

Depois da tomada do poder em janeiro de 1933, Hitler aplicou a toda a Alemanha a *Gleich Haltung*, ou reorganização de todas as atividades a partir dos princípios do nacional-socialismo. Os astrólogos, evidentemente, foram visados, pois para eles um judeu e um ariano nascidos no mesmo dia, no mesmo lugar e na mesma hora tinham o mesmo mapa astral. Assim, eles tiveram que ceder ou esconder-se para sobreviver. Entretanto, em 1923,

uma astróloga, E. Ebertin, publicara um horóscopo do futuro ditador unicamente com a data de nascimento (20 de abril de 1889), sem hora conhecida. Predisse ela para um futuro próximo, que 'um homem de ação, nascido (naquele dia) com o Sol a 29° de Áries... pode expor-se a um perigo pessoal, por uma ação excessivamente imprudente... As constelações indicam que esse homem deve ser levado muito a sério...' e a 8 de novembro de 1923 Hitler e seus partidários desencadearam um golpe fracassado em Munique; a 1° de abril, Hitler foi levado à prisão, onde escreveu *Mein Kampf*... A astróloga se tornou célebre³. Na realidade, parece que tudo se deveu ao acaso, pois Hitler nascera no fim da tarde, e seu Sol já estava no signo de Touro.

Sob o regime nazista, alguns astrólogos manifestaram um anti-semitismo propício à sua sobrevivência profissional... e outros se calaram. Um astrólogo, advogado em Düsseldorf, H. Korsch, editor da revista *Zenit*, publicou em 1931 um texto assinado "Spectador", que anunciava a 'queda inevitável de Hitler. Mais tarde, a Gestapo procurou o seu autor. Mas, apesar dos esforços de adaptação, a astrologia foi atacada. Em 1938, a sociedade de teosofia, a *Zenit*, o almanaque de E. Ebertin, tudo teve que desaparecer. Era o declínio.

Uma figura ficou particularmente ligada a esse período do nazismo: a do astrólogo K. E. Krafft (1900-1945). Nascido na Suíça, ligou seu destino ao da Alemanha. Personagem complexo, aparentemente ambicioso, anti-semita e antimaçon nas horas vagas; seu caso foi objeto de uma pesquisa aprofundada pelo inglês E. Howe [36]. Instalado na Alemanha, colaborou, em diferentes períodos, com os nazistas, provavelmente como tradutor. Foi realmente astrólogo de Hitler, como se disse? Parece que não, mas a história não ficou clara, embora seu fim seja conhecido: preso a 9 de junho de 1941, enviado ao campo de Oranienbourg e depois a Buchenwald, onde morreu de tifo. Trágica história.

3 Pode-se imaginar como foram numerosos os astrólogos do mundo inteiro que tentaram depois reconstituir e interpretar o tema de Hitler. 'As tendências amorais e associadas de Hitler tinham sua fonte na constituição íntima de seu ser,' concluiu E. Hentgès, depois de uma análise detalhada a partir de um nascimento entre 17 e 18 horas. Ver Cahier astrologique, 1950, 28.

Entretanto, seguindo Choisnard, publicou em francês, em 1939, um *Tratado de astrobiologia* [44], cujo conteúdo baseava-se sobre as mesmas boas intenções, mas de resultado hoje igualmente desconcertante.

O episódio do fim da vida de Krafft não seria bem compreendido se não se conhecesse outro, bastante rocambolesco mas verdadeiro, referente a Rudolf Hess.

A 10 de maio de 1941, este, *Reichminister* de Hitler, voou clandestinamente da Alemanha até a Escócia, onde desejava encontrar-se com Churchill, para negociar uma paz à parte. Hitler, furioso, viu-se obrigado a dar uma explicação. Rudolf Hess é um doente mental, que foi influenciado pelos astrólogos, dizem os nazistas (versão publicada a 14 de maio no *Völkische Beobachter*). Hitler mandou prender as pessoas ligadas a Hess, centenas de indivíduos, a começar por astrólogos, grafólogos e ocultistas conhecidos. A principal onda de prisões começou a 9 de junho. Krafft foi um dos primeiros e nunca mais voltou. Felizmente, isso não ocorreu com todas as pessoas detidas naquele dia.

Acrescente-se ainda que a astrologia foi usada na guerra como arma psicológica. Alguns indícios levam a supor que os dois lados utilizaram o sistema de predições astrológicas tendenciosas, sob forma de documentos infiltrados ou panfletos distribuídos para desmoralizar o adversário.

O desmoronamento do Terceiro Reich permitiu que a astrologia reaparecesse, progressivamente, na República Federal.

V. BALANÇO E TENDÊNCIAS DA ASTROLOGIA ATUAL

Pode-se dizer que a astrologia se difundiu no século XX por todos os continentes;⁴ os astrólogos só são atacados com palavras. A

4 Toda a Europa, inclusive países do leste (Hungria, Polônia...), por toda a parte em que o Ocidente teve influência, exceto, parece, alguns países do Extremo Oriente e certos Estados árabes. O Egito, entretanto, tem astrólogos, e jornais como *Al Wafd* ou *El Ahram* publicam horóscopos regularmente.

Índia é talvez o país em que ela está atualmente mais integrada aos costumes, presidindo o horóscopo aos diferentes acontecimentos da vida, casamentos etc. Os pequenos anúncios matrimoniais dos jornais pedem o horóscopo. O estrangeiro encontra em seu quarto de hotel o oferecimento de um encontro com o astrólogo do estabelecimento, coisa muito natural.

Entretanto, a astrologia mundial não é uniforme e elementos novos têm aparecido.

A astropsicologia. Descrita no primeiro capítulo como uma das duas técnicas de análise possíveis de um mapa astral, a tipologia psicológica está atualmente em pleno desenvolvimento, ao passo que, durante muito tempo, a astrologia foi sinônimo de 'predição'. Aliás, fala-se hoje de "previsões", palavra cuja conotação é menos mágica, mais racional.

Os primeiros astrólogos fazem um importante trabalho de psicologia (ver todas as referências citadas nesta obra, principalmente entre [1 e 24]. A velha disputa sobre o livre-arbítrio parece ultrapassada. O consultante esclarecido compreende hoje que o conhecimento de suas potencialidades psicológicas de nascimento pode ajudá-lo a conhecer-se melhor, aceitar-se mais e a ter um melhor relacionamento humano. E interessante ver que as análises psicológicas escritas se fazem geralmente em termos positivos e construtivos, o que prova o sentido de responsabilidade de muitos astrólogos. Um humorista, aliás, explorou a tendência inversa: reuniu todos os traços negativos do zodíaco e simulou um "zodíaco dos insetos" sarcástico [45].

A escola dita humanista. O autoconhecimento é exaltado pela escola humanista, que visa ao aperfeiçoamento do indivíduo. O célebre astrólogo e filósofo D. Rudhyar, nos Estados Unidos, e A. Ruperti, seu discípulo na França, são dois representantes importantes dessa tendência. 'Ainda que não seja livre para mudar o potencial de sua existência (a carta natal), um indivíduo pode, no entanto, decidir o que fará com esse potencial', escreve Ruperti [23] e prossegue: 'A atualização do indivíduo deve ser um processo consciente... O homem não está ligado a um *fatum*. Em

todos os momentos, novas situações se produzem no universo, mas homem algum está obrigado a responder-lhes de modo predeterminado. Essa é a sua liberdade, mas ele deve escolhê-la.' Em suma, esse é um eco, através dos séculos, das antigas querelas sobre o livre-arbítrio, e desta vez, de maneira nitidamente otimista.

A teoria das "eras". Sabe-se que o ponto vernal, ponto de referência em que o Sol parece nascer no equinócio da primavera,⁵ visto da Terra, aparenta retrogradar no zodíaco das constelações estelares. Um ciclo completo dura 26.000 anos.⁶ Os gregos da Antiguidade já tinham descoberto essa "precessão dos equinócios". A astrologia, como vimos, utiliza o zodíaco tropical, não ligado a essa precessão.

Ora, o século XX viu nascer a teoria das "eras", segundo a qual a humanidade passa sucessivamente pela influência de cada uma das constelações nas quais se acha o ponto vernal. Há aproximadamente 4.000 anos, o Sol no equinócio estava situado na constelação de Touro: foi a era dos cultos taurinos (Mitra, os emblemas dos templos japoneses etc.). Depois, passou-separa a "era de Áries", ou cordeiro celeste: a época do Apocalipse. Veio depois a 'era de Peixes": símbolo do cristianismo primitivo. Enfim, atualmente, aproximamo-nos da 'era de Aquário", cujo advento se dará no início do século XXI. Essa era deve ser preparada pelo homem, pois será marcada por impressionantes transformações, segundo os autores dessa teoria.

Trata-se, evidentemente, de uma construção intelectual recente, da qual não se pode dizer muito, mas que é freqüentemente mencionada.

Signos e símbolos. 'A astrologia simbólica se desenvolveu a partir das descobertas etnológicas, sociológicas e psicológicas", escreveu Knappich [26]; 'dedicou-se ela a controlar o valor real

5 Para o hemisfério norte. (N.R.T.)

6 Aproximadamente 25.920 anos. (N.R.T.)

7 Ver R. Amadou, "La précession des équinoxes, encore", in revista L'Autre Monde, 1986, 102.

dos símbolos astrais revelados por essas ciências e a utilizá-los como fatores de interpretação no trabalho astrológico". Nessa atitude descrita pelo autor, esses fatores astrológicos não devem ser considerados como realidades físicas. Para a astrologia simbólica, o horóscopo tem unicamente o valor de um mapa do céu, no qual os planetas portadores de signos simbolizam funções biopsíquicas reais." Num certo sentido, pode-se dizer que os astrólogos dessa escola se afastam do problema da compreensão dos fenômenos astrológicos através das ciências exatas. O signo é objetivo, o símbolo é subjetivo. Mas, no conjunto da literatura astrológica, esta é mais uma divergência lingüística do que uma oposição de fundo. Há os astrólogos — numerosos — que utilizam, sem fazer perguntas, os elementos astrológicos definidos pela tradição ou por sua experiência pessoal; há aqueles — menos numerosos — para quem esses elementos são signos de uma realidade física a descobrir. "Quanto mais a realidade objetiva da correlação entre a Terra e o Cosmo for constatada e explicada pelas ciências exatas, melhor se compreenderá que todo acontecimento que tenha uma causa natural possui o seu reflexo na vivência simbólica, e que essas duas maneiras de ver são apenas dois aspectos de uma única e mesma realidade", concluiu o autor.

A astrologia no computador. Em setembro de 1968, inaugurouse em Paris, nos Champs-Élysées, o Centro Astroflash, mais ou menos na mesma época que o de Oxford Street, em Londres.

O Astroflash programou em computador (atualmente um IBM 4331) vários tipos de estudos astrológicos. Os textos obedecem à tradição, mas utilizam as contribuições da linguagem psicológica moderna. Foram redigidos por dois astrólogos renomados: A. Barbault e J. P. Nicola. A partir da data, hora e lugar de nascimento, o computador estabelece em alguns instantes os dados pedidos, em forma de parágrafos sucessivos, em sete línguas, sem desenho, mas com os dados escritos do mapa astral. O primeiro programa, 'Estudo do caráter', é baseado nas posições do Sol, da Lua, de Vênus e de Mercúrio, combinadas com o signo ascendente. Esse programa concentra 39% dos pedidos [37]. O "Estudo especial para crianças" analisa particularmente

o regente zodiacal, o efeito do signo da Lua e de seus aspectos, a posição de Mercúrio e de seus aspectos (6,5% dos pedidos). O terceiro estudo, 'Adão e Eva', pesquisa as possibilidades de harmonia de um casal, comparando seus mapas astrais (5% dos pedidos). No domínio das previsões, o Astroflash oferece dois serviços, esclarecendo: "trata-se de informações que devem ajudá-lo a dominar o seu destino, e não a suportá-lo"; um utiliza a técnica da 'revolução solar' (ver capítulo 1); outro realiza um conjunto de previsões referentes a cinco anos, baseado em diferentes trânsitos. O número de clientes do Astroflash é de aproximadamente 100.000 por ano — um sucesso considerável.

É evidente que a decodificação astrológica, com seus sistemas de doze signos, dez elementos celestes e doze casas, se presta facilmente a um procedimento analítico informatizado. A divisão das análises em parágrafos bem redigidos é apresentada ao público em sua sucessão lógica, terminando com a menção: 'Não deixe de interpretar a descrição acima fazendo a síntese dos elementos que a compõem... Leve em conta o grau de evolução (do consulente), o seu tipo de vida e o seu ambiente'. Evidentemente, o computador não é mais inteligente que o seu cliente, e assim duas pessoas com as mesmas coordenadas de nascimento recebem o mesmo texto.

Certos astrólogos protestaram contra essa forma de astrologia "industrial", acessível ao grande público. "Apenas uma longa prática da astrologia e uma assimilação inteligente dos símbolos planetários permitirão que se faça uma análise individual válida. Pois um manual — ou um programa de computador — nunca fornecerá todas as manifestações no plano do vivido", protestou E. Teissier [46], falando dos 'computadores alimentados com alguns elementos básicos, que só servirão para desfigurar a astrologia' e não podem, segundo o autor, substituir "a arte do astrólogo". Efetivamente, como diz Colombet, "a diferença entre um trabalho efetuado por um computador e o trabalho do astrólogo é a mesma que existe entre o *prêt à porter* e a alta costura". Tem ele razão ao escrever que "essa experiência deve... o seu sucesso ao fato de que ela põe a astrologia ao alcance de todos... Essa fórmula, mesmo sendo comercial... fez desaparecer progressivamente uma certa censura... atingiu todas as camadas

da sociedade e conduziu a um verdadeiro renascimento popular da astrologia'.

Deve-se reconhecer também que a astrologia foi 'objetivizada' pela informatização: quando um traço de caráter é reconhecido, não se pode mais alegar a intuição psicológica do astrólogo diante de seu consulente.

O sociólogo C. Fischler estudou esse fenômeno da sociedade moderna (os computadores estão por toda a parte, principalmente nos Estados Unidos), procurando interpretar o sucesso psicológico dos textos. 'A psique', disse ele, 'se mira e se admira no horóscopo do Astroflash. Ao mesmo tempo, ela também espelho, reflete e inflete o horóscopo, operando a seleção e a decantação dos traços de caráter que ele lhe propõe. Assim, o perfil dado pelo Astroflash abarca tanto a busca de identidade quanto o jogo introspectivo'.

Acrescente-se que a astrologia está agora largamente disponível em Minitel,⁸ onde parece *ter função mais previsional* que o Astroflash.

O ponto de vista dos sociólogos. Uma pesquisa sociológica aprofundada foi feita por um grupo dirigido por E. Morin. Esse grupo compreende C. Fischler, P. Defrance e L. Petrossan. Tendo produzido um primeiro balanço em 1971, esse estudo foi atualizado e novamente publicado em 1981 [37].⁹ 'A corrente astrológica está longe de enfraquecer-se', prognosticou E. Morin. Três pesquisas sociológicas realizadas pelo IFOP e o IRES em 1971, e pela SOFRES em 1980 mostraram o impacto desse fenômeno. Os agricultores são mais refratários que os funcionários, os operários ou os executivos. O interesse pela astrologia aumenta com o grau de urbanização. 'A astrologia moderna não é o resíduo folclórico e supersticioso de uma sociedade rural não-desenvolvida. Pelo contrário, ela se difunde exatamente onde se concentram as características novas da civilização moderna e as

8 Pequeno terminal doméstico de consultas a bancos de dados. (N.T.)

9 Pode-se encontrar um relatório de uma reunião organizada na Faculdade de Ciências de Paris pelo grupo de sociólogos e a União Racionalista, com a presença de um astrólogo, em *Raison présente*, 1973, 25.

crises contemporâneas: nas cidades. Nas cidades, a astrologia tira proveito do enfraquecimento simultâneo do espírito religioso tradicional e da corrente racionalista leiga, e também dos progressos do novo individualismo... E a esse individualismo que responde a astrologia moderna: outrora aristocrática e principesca, ela se democratizou" (C. Fischler).

Desde 1960, sopra um "vento de psicologismo". Para o sociólogo, a onda da psicanálise avança paralelamente com a demanda de astrologia psicologizada. Deseja-se autoconhecer-se e conhecer os outros. "Não é o racionalismo como tal que é atingido, a confiança global nas ciências exatas é que parece um tanto abalada", prosseguem os sociólogos. Deve-se notar, entretanto, que a astrologia procura tornar-se científica, justificando o seu discurso com descobertas científicas. Trataremos disso no próximo capítulo.

É interessante considerar, com P. Defrance, que a astrologia parece fazer parte daquilo que os sociólogos qualificam de "nova gnose", compreendendo a paranormalidade, as místicas orientais, o ocultismo, a dietética, a psicologia profunda. Teríamos aí um curioso recuo, pois a astrologia moderna, como vimos, teve que individualizar-se em relação a esse conjunto esotérico para renascer. Mas simultaneidade não significa forçosamente ligação real.

Mais evidente é a constatação de que todos procuram, "implicitamente, reintegrar harmoniosamente o homem, corpo e alma, no universo" (C. Fischler), inclusive por meio da astrologia, através de uma liberação interior, para e por si.

Em todas as pesquisas, um fato parece emergir: mais de 50% da população teria na astrologia uma "crença hesitante", "crença semilúcida, indecisa, truncada, ambivalente", "(sendo) as fronteiras entre a meia-crença e a crença, de um lado, a meia-crença e o ceticismo, de outro, muito dificilmente discerníveis".

Enfim, todos os autores concordam em dizer que as mulheres são mais atraídas que os homens pela astrologia.

C. Fischler o constata claramente em suas pesquisas e observações. O mesmo acontece no hemisfério sul.¹⁰ Como explicar isso? O autor relaciona essa tendência feminina à "neo-incultura da mulher" (e diz o mesmo quanto aos jovens). "O desconhecimento das engrenagens do econômico e do político, do judiciário e do jurídico conduz a fundar a esperança sobre uma instância tutelar e protetora", escreveu ele. Mas não seria isso subestimar muito o nível mental da mulher moderna? Não haveria outras hipóteses possíveis, ligadas, por exemplo, à natureza biológica da feminilidade: ciclo, sensibilidade materna etc.? Sem dúvida, seria bom levantar a questão. O assunto está longe de esgotar-se.

10 Ver G. A. Tyson, "Who consults astrologers, a profile", *Person. Indiv. Diff.*, 1982, 3, 119-126. Para esse autor, a consulta a um astrólogo é sinal de um estresse do indivíduo.

capítulo V

A ASTROLOGIA DIANTE DA CIÊNCIA

Em 1975, em seu número de setembro, *The Humanist* publicou nos Estados Unidos um manifesto fundamental contra a astrologia: um apelo assinado por 186 cientistas, dos quais dezoito prêmios Nobel. Entre eles: F. Crick, Konrad Lorenz, A. Lwoff, L. Pauling, J. Tinbergen... O texto foi redigido por:

- B. J. Bok, professor emérito de astronomia, Universidade do Arizona;
- L. E. Jérôme, escritor cientista, Santa Clara, Califórnia;
- P. Kurtz, professor de filosofia, State University de Nova York, Buffalo.

Diz o manifesto:

Em grande número de disciplinas, cientistas se preocupam com a acolhida cada vez mais favorável que a astrologia tem recebido em grande parte do mundo. Nós, abaixo assinados — astrônomos, astrofísicos e cientistas de outras disciplinas —, devemos alertar a opinião pública contra o perigo da aceitação incondicional das predições e conselhos dados em particular ou publicamente pelos astrólogos. Aqueles que desejam crer na astrologia devem saber que seus princípios não se fundamentam em nenhuma base científica.

Outrora, os homens acreditavam nas predições e nos conselhos dos astrólogos, porque a astrologia fazia parte de sua visão mágica do mundo. Consideravam os objetos celestes como a morada dos deuses ou como presságios enviados por eles, estando, pois, intimamente ligados aos acontecimentos terrestres; não tinham

nenhuma noção da imensidade das distâncias que separam a Terra dos planetas e das estrelas. Hoje, essas distâncias foram calculadas, e sabemos até que ponto são infinitesimais os efeitos, gravitacionais ou de outra natureza, que podem produzir os planetas longínquos, e as estrelas, ainda mais longínquas. E pura e simples-mente falso imaginar que as forças exercidas pelas estrelas e pelos planetas no momento do nascimento podem de alguma forma modelar o nosso futuro. Também não é verdade que a posição de corpos celestes longínquos torne certos dias ou certos períodos mais favoráveis a certos tipos de ação, ou que o signo sob o qual nasceu determine a compatibilidade ou a incompatibilidade de um indivíduo com outros.

Por que se acredita na astrologia? Nestes tempos incertos, muitos são aqueles que gostariam de deixar-se guiar confortavelmente nas decisões que devem tomar. Desejariam crer num destino predeterminado pelas forças astrais, que escapasse a seu controle. Mas todos nós devemos enfrentar o mundo e compreender que nosso futuro está em nós e não nas estrelas.

Em uma época em que a informação e a educação estão largamente difundidas, seria de esperar que não fosse necessário destronar crenças fundadas na magia e nas superstições. Entretanto, a crença na astrologia invade a sociedade moderna. Estamos especialmente preocupados com o fato de que os meios de comunicação de massa, jornais, revistas e editores, apesar de sérios, difundem continuamente, de maneira não-crítica, mapas astrológicos, previsões e horóscopos. Isso só pode contribuir para o aumento do irracionalismo e do obscurantismo. Pensamos que chegou a hora de contestarmos direta e energicamente as afirmações pretensiosas dos charlatões da astrologia.

E preciso que fique claro que todo indivíduo que continue a dar crédito à astrologia o faz a despeito de que sua crença não se baseia em nenhum fundamento científico comprovado e de que existem até numerosos elementos de prova em contrário.

Diametralmente oposta é a frase do astrólogo E. Teissier [46] no fim do capítulo intitulado 'Provas científicas — aos montes — a favor da influência planetária': 'A astrologia pode considerar-se, à luz dessas experiências, *corroborada, verificada, legitimada, para não dizer totalmente explicada.*' (grifo do autor)

O que ocorreu, na realidade? Os princípios da astrologia descritos no capítulo 1 realmente não se fundamentam 'em nenhuma base científica' ou alguns trabalhos recentes os 'legitimaram' cientificamente?

Devemos percorrer um vasto panorama e vamos fazê-lo com a maior prudência possível. P. Thuillier¹ constata durante os últimos séculos que "a astrologia não foi refutada, mas caiu em desuso". Parece pois indispensável discutir amplamente as pesquisas realizadas no mundo sobre a astrologia — contra ou a favor — e levantar a questão em termos objetivos, como muito bem o fez H. J. Eysenck, em *Astrology, Science or Superstition?* [48].

Para isso vamos utilizar diversos resultados publicados em todo o mundo,² especialmente nestes últimos anos, nos domínios estatísticos, na psicologia, na biologia e na astronomia, antes de analisar a atitude racionalista definida pelos sociólogos e a polémica decorrente.

Então, mais bem informados, poderemos tentar uma conclusão.

I. AS ESTATÍSTICAS

Já mencionamos a justificação do uso das estatísticas em astrologia feita por Choissard [39] no começo do século, e por Krafft [44] mais tarde.

Os únicos resultados importantes, baseados em grandes cifras e em experiências repetidas, foram incontestavelmente os de M. Gauquelin, nos quais nos deteremos.

Entre as quinhentas páginas de análise muito crítica de pesquisas referentes à astrologia entre 1900 e 1976, publicadas por G. Dean e A. Mather,³ os trabalhos dos Gauquelin são praticamente os únicos a receber a aprovação dos autores.

O trabalho de Michel Gauquelin começou em 1949, continuou

1 Pierre Thuillier, professor na Universidade de Paris VII, especialista em história das ciências. Para a citação, ver *La Recherche*, n° 141, 1983, 267-268.

2 Até 1988, inclusive.

3 Embora muito crítico em relação aos trabalhos astrológicos, esse livro foi publicado sob a égide da Astrological Association da Grã-Bretanha.

alguns anos mais tarde em colaboração com sua esposa Françoise, e prosseguiu por mais de quarenta anos sem interrupção.

O método de partida consistiu em estabelecer listas de profissionais de alto nível, com data, lugar e hora de nascimento. Para isso, M. Gauquelin usou primeiramente o *Índice dos membros, correspondentes e sócios da Academia de Medicina (1820-1939)*, que dá as datas e lugares de nascimento. O registro de estado civil forneceu as horas declaradas.⁴ Uma primeira lista de 576 médicos eminentes foi assim constituída.

Logo se obteve o primeiro resultado, por um cálculo de probabilidades sobre os doze setores que dividem os 360 graus da rotação terrestre: esses médicos nasceram, mais do que se poderia atribuir ao acaso, durante o nascimento ou durante a culminação dos planetas Marte e Saturno.

Em 1952, o pesquisador repetiu a experiência com uma segunda lista independente da primeira, originária do *Dicionário nacional dos contemporâneos*, de N. Imbert: para os 508 novos médicos conhecidos, os mesmos resultados. Mas era necessário realizar contra-experiências com outras profissões.

Nos três anos seguintes, colheram-se os dados referentes a 6.000 nascimentos, reunindo dez profissões, ainda na França. Desta vez, constatou-se que Marte tinha nascimento ou culminação mais freqüentemente do que por acaso para os atletas de alto nível e os militares conhecidos, Júpiter para os atores e políticos e Saturno para os membros da Academia de Ciências. Apareceu a primeira publicação desses resultados em 1955 (M. Gauquelin, *L'influence des astres, étude critique et expérimentale*. Paris, Le Dauphin).

De 1956 a 1958, a repetição dos testes foi feita com populações homólogas em outros países europeus: Itália (1956, 7.000 nascimentos), Alemanha Federal (1957, 3.000 nascimentos), Bélgica (1958, 3.000 nascimentos) e Países Baixos (1958, 2.000

4 Segundo um estudo de M. - F. Gauquelin ("L'Heure de Naissance", in *Population*, 1959, n° 4, 683-702), as horas exatas dos nascimentos declaradas ao registro civil diferem pouco, tanto para mais quanto para menos, das horas registradas pelas parteiras nos hospitais.

nascimentos). Num total de treze repetições da mesma experiência, os resultados foram idênticos. Há uma correlação estatisticamente significativa entre o nascer e a culminação de certos planetas e os nascimentos de certos grupos de pessoas que se tornam célebres.

Em 1960, M. Gauquelin publicou uma síntese: *Les hommes et les astres* (Denoël). Dez anos mais tarde (1970 a 1977), os Gauquelin (Michel e Françoise) reuniram suas pesquisas em dezessete monografias volumosas que são:⁵

Série A: nascimento de pessoas importantes, 6 volumes,
2.089 campeões esportivos
3.647 cientistas,
3.439 militares,
2.722 pintores e músicos,
2.412 atores e políticos,
2.027 escritores e jornalistas;

Série B: experiências de hereditariedade, 6 volumes,
nascimentos de 1 a 24.949;

Série C: psicologia, 5 volumes,
Profissões — hereditárias, análise estatística das séries A e B,
Temperamento marciano e campeões esportivos,
Temperamento saturnino e cientistas,
Temperamento jupiteriano e atores,
Temperamento lunar e escritores,
às quais se seguem, entre 1976 e 1982, dez monografias de "Documentos Científicos" de autoria dos dois autores (5 volumes), só de M. Gauquelin (4 volumes) ou só de F. Gauquelin (1 volume).

É evidente que estamos diante de um trabalho considerável, para uma época sem computadores, e seria desejável que um laboratório de psicologia universitário pudesse acolher esses

⁵ Publicados pelo Laboratoire d'Étude des Relations entre les Rythmes Cosmiques e Psychologiques, criado pelos autores.

pesquisadores e dar-lhes os meios de desenvolver e estudar suas descobertas no seio da ciência fundamental. Infelizmente, o CNRS,⁶ ao qual M. Gauquelin foi candidato na época, não se abriu; a comissão que julgou sua candidatura acusou-o de praticar astrologia, embora isso não fosse nem sua intenção nem seu espírito. Formaram-se então polêmicas sem fim, como veremos, que continuam até hoje.

Na verdade, é admirável a perseverança desse pesquisador que, quarenta anos depois, continua seus estudos. M. Gauquelin exerceu sua profissão de psicólogo e prosseguiu suas investigações com sua mulher, por vocação, sem nunca professar a astrologia,⁷ que ele contesta.

Examinemos detalhadamente as suas análises.

OS MÉTODOS

A) *Cálculo das distribuições experimentais.* Os corpos celestiais, durante o que se convencionou chamar 'movimento diurno', percorrem 360 graus em 24 horas: Gauquelin dividiu o percurso em 12 ou em 36 setores, numerados no sentido dos ponteiros do relógio, contrariamente às casas astrológicas. As tábuas astronômicas permitem calcular os momentos exatos da entrada de cada planeta em cada setor. Quanto à hora, ao lugar e à data de nascimento de cada indivíduo de uma população testada, os setores onde se encontram os diferentes corpos celestes são determinados e as posições dos n indivíduos são adicionadas aos quadros de setores, dando a distribuição experimental observada.

B) *Cálculo das distribuições teóricas.* Devem estas ser calculadas

⁶ Centre National de la Recherche Scientifique.

⁷ O que, ironicamente, fez com que autores como E. Teissier [6] lhe conferissem o título de *membro do CNRS' e lhe atribuíssem outras funções oficiais que ele nunca pôde obter.

segundo a hipótese de uma distribuição ao acaso (= 2ª linha dos quadros de setores). Isso se faz levando em conta fatores complexos da realidade: os dados astronômicos (o comprimento do arco diurno ou noturno dependendo da latitude geográfica e da declinação do planeta) e demográficos (a proporção de nascimentos registrados durante o período durante o qual o planeta se situa em um dado setor). Os nascimentos em questão foram todos situados numa época em que as técnicas obstétricas modernas que tendem a modificar o ritmo natural dos nascimentos ainda não eram utilizadas.

C) *Análise estatística*. Esta é realizada pelo método do Quiquadrado,⁸ que permite uma apreciação da significatividade ou não das diferenças entre as duas linhas dos quadros, segundo uma probabilidade (Quiquadrado = *critica / ratio*, em inglês).

Os controles são realizados seja modificando ao acaso (por exemplo, por ordem alfabética), as horas de nascimento, seja comparando populações de pessoas "comuns", seja, evidentemente, comparando os resultados dos diferentes grupos profissionais que constituem controles entre si.

Os resultados. Um exemplo de resultado é fornecido no quadro abaixo (Quadro 5), referente ao nascimento de 3.647 eruditos e o planeta Saturno.

A probabilidade encontrada mostra que a repartição observada difere muito significativamente da calculada teoricamente. Os eruditos nascem mais freqüentemente do que por acaso com o planeta Saturno em posição nascente e em culminação (setores 1 e 4). O mesmo tipo de resultados é obtido com as outras categorias profissionais, que podemos resumir, segundo Gauquelin [51]:

8 No original francês, 'chi-carré (ou de l'écart réduit)'. Em português, Quiquadrado. Este método é aplicado em casos de pesquisa onde se procura averiguar se uma população se enquadra ou não à hipótese do pesquisador. A técnica usada é a do tipo de *prova de aderência* (por exemplo: para comprovar se existe diferença significativa entre o número observado de respostas numa categoria e o número esperado, pela hipótese de nulidade). Para maiores explicações consultar Sidney Siegel, *Estatística não-paramétrica (para ciências do comportamento)*, McGraw Hill do Brasil Ltda., 1975. (N.R.T.)

- eruditos = Saturno;
- atores, jornalistas, políticos = Júpiter;
- médicos = Marte e Saturno;
- atletas de alto nível = Marte;
- pintores, escritores = Lua.

mais freqüentemente que por acaso nos setores 1 e 4, ou seja, no horizonte leste ou no meridiano, e também, embora menos nitidamente, no horizonte oeste ou no meridiano inferior. Gráficos circulares ilustram bem essas flutuações em toda a obra de Gauquelin.

QUADRO V

Freqüências de posições de Saturno no nascimento de 3.647 eruditos nos doze setores de rotação da Terra: números observados e calculados teoricamente segundo uma repartição ao acaso. Comparação das duas colunas pelo método do Quiquadrado, p = probabilidade de que as repartições sejam idênticas (segundo Gauquelin [50]).

Setores	Observados	Teóricos
1	535	299
2	292	299
3	286	299
4	349	299
5	284	299
6	382	299
7	318	309
8	290	309
9	289	309
10	311	309
11	267	309
12	324	309
$X^2 = 30, p = \text{menos de } 0,001^\circ$		

Depois desses primeiros resultados, os esforços foram dirigidos para personalidades conhecidas que fizeram carreiras bem-sucedidas. Para isso, as 16.000 datas e horas de nascimento coletadas na Europa serviram para testar os 'traços de caráter tomados como 'unidade de base' em torno da qual se construiu a pesquisa. Os autores levantaram sistematicamente os qualificativos

empregados nas biografias, numerosas e fáceis de ser encontradas, já que se tratava de celebridades.

Os mesmos tipos de análises estatísticas foram realizados. O método dos traços de caráter aplicado aos atletas de alto nível mostrou duas coisas importantes:

a) os atletas de 'moral de ferro' deram os resultados mencionados acima, quanto à posição de Marte;

b) significativamente, os atletas de 'moral frágil' nasceram menos freqüentemente que os precedentes com Marte nos setores 1 e 4, e se aproximaram da repartição das pessoas 'comuns'. Assim, para os autores, 'a posição natal de Marte é realmente a expressão de um temperamento, e não tem grande coisa a ver com o destino profissional' [50].

Críticas e controles. Diante de resultados novos, que se aproximavam tanto da astrologia, sem que aliás os seus autores o desejassem, a opinião científica mundial reagiu. Não tendo a possibilidade de publicar em revistas universitárias oficiais, M. Gauquelin submeteu-se a três 'comitês", que, sucessivamente, deviam julgar suas descobertas: na Bélgica, o "Comitê belga para a investigação científica dos fenômenos reputados paranormais", criado em 1948 ('Comitê Para"); nos Estados Unidos, o "Committee for scientific investigation of claims of the paranormal" (CSI-COP) e enfim, na França, o 'Comitê francês para o estudo dos fenômenos paranormais' (CFEPP).

Por razões difíceis de compreender, o estudo dos trabalhos de Gauquelin foi limitado então, unicamente, aos resultados referentes ao planeta Marte e aos atletas: as discussões trataram sempre do que doravante passou a ser chamado 'efeito Marte'. Parece que isso se deveu ao fato de que um estatístico francês, J. Porte, com quem inicialmente Gauquelin entrou em contato, tenha estudado o caso de Marte, e talvez também ao fato de que a primeira publicação em *Science et Vie* tenha tratado também, especialmente, desse efeito.⁹ De qualquer forma, essa limitação veio

⁹ Science et Vie, 'Mars et le sport agressif, une statistique étrange', março, 1975, 54-56.

deformar, logo de saída, tanto o espírito quanto o conteúdo de um trabalho, muito mais vasto, e privar-se de controles já existentes.

O comitê belga refez o trabalho, deslocando as horas de cada setor nove vezes, a fim de verificar a metodologia estatística: as repartições dos setores 1 e 4 eram pois casuais. Os Quiquadrados foram calculados em comparação com a repartição de origem: existia sempre a probabilidade de que o efeito não se devesse ao acaso, pois o efeito Marte apareceu em todos os casos. O quadro foi publicado recentemente por Gauquelin,¹⁰ a quem o comitê belga o transmitiu.

As relações com o comitê dos Estados Unidos mostraram-se mais longas e mais complexas.¹¹ P. Kurtz, um dos autores do manifesto antiastrológico, membro do comitê americano CSICOP, recorreu a um estatístico, K. Zellen. Este pediu para trabalhar a partir de uma lista de atletas campeões e de nativos não-campeões nascidos sob o mesmo céu e no mesmo lugar, a fim de detectar um eventual erro de natureza astronômica: tratava-se do "teste Zellen". Evidentemente, essa lista foi mais difícil de preparar. Gauquelin reuniu um universo de tais campeões. O resultado veio a ser publicado no mesmo artigo.¹² Eram em número de 48 os não-campeões que tinham Marte nos setores 1 ou 4 = 12,8%, ao passo que 66 entre 303 dos campeões o apresentavam, ou seja, 21,8% — proporção clássica afirmada em todos os trabalhos dos Gauquelin. O efeito Marte pareceu estatisticamente comprovado.

Evidentemente, este resumo curto e sereno da situação não exprime a acrimônia que a dominou. Podemos imaginá-la por estas linhas do astrônomo francês E. Schatzman a propósito desse teste: 'Minha hipótese é a seguinte: será que a consulta astrológica feita pelas famílias dos campeões, e talvez pelos próprios campeões, não teria influenciado sua orientação profissional? Nesse caso, não se trata mais de influência dos astros, mas de influência da crença nos astros.' [52] Esse tipo de argumento

10 M. Gauquelin, 'Is there a Mars effect?', *J. Sc. Exploration*, 1988, 2, 29-52.

11 Um bom resumo da situação é o do artigo de Patrick Curry, historiador inglês: 'Research on the Mars effect', In *Zetetic Scholar*, 1982, 6, 34-52.

12 M. Gauquelin, 'Is there a Mars Effect?', art. *cit.*

parece, evidentemente, muito falacioso. No mesmo texto, Schatzman procura negar o valor do "Zellen Test", descrito acima, afirmando que o efeito Marte só afeta algumas dezenas de parisienses, e que a "anomalia" se refere aos nascimentos do 14° *arrondissement*. Essa observação parece realmente contrariar o espírito da estatística.

Também é verdade que o comitê americano realizou outros testes além do descrito acima, com resultados negativos: um deles diz respeito a 450 atletas americanos (é difícil obter horas de nascimento nos Estados Unidos). Consultado, Gauquelin mostrou que os 450 atletas não tinham todos um nível satisfatório. Modificou a amostra do universo, eliminando 70 indivíduos, que considerou de nível competitivo insuficiente. O efeito Marte reapareceu. Schatzman qualifica então de "escandalosa" essa afirmação [52], como se ela fosse um truque. Ora, em vários de seus trabalhos e publicações bem anteriores, Gauquelin demonstrou que apenas os atletas de alto nível apresentavam o efeito Marte. As publicações dos membros do comitê americano sobre esse assunto foram bem mais matizadas.¹³ Um de seus membros, R. Kammann, justificou os trabalhos incriminados e revelou que "esforços pessoais para resolver a situação levam a respostas hostis por parte do CSICOP".¹⁴

Quanto ao comitê francês, ele anunciou em 1982, através de *Science et Vie*,¹⁵ um projeto de repetição dos trabalhos em questão, segundo um método exposto e de acordo com Gauquelin. Os resultados ainda não foram publicados até a presente data. Numa carta a *Science et Vie*, Gauquelin se queixou da lentidão das investigações e indagou se o comitê ainda existia, pois não recebeu nenhuma informação em três anos (comunicação pessoal). Esse atraso é lamentável. Esperemos que os membros do comitê francês apresentem logo os resultados do trabalho, anunciando "em andamento" por Schatzman em 1985 [52].

13 "The Abell-Kurtz Zellen 'Mars effect' experiments: a reappraisal", *The Skeptical Inquirer*, 1983, 7, 3, 77-82.

14 'The true disbelievers: Mars effect drives skeptics to irrationality', *Zetetic Scholar*, 1982. 10, 50-65.

15 'L'effet Mars est-il réel?', *Science et Vie*, outubro, 1982, 44.

O Prof. Eysenck, depois de um amplo exame em seu livro concluiu: "Não encontrei absolutamente nada que fosse exatamente mau' nos seus trabalhos. Admitiu a importância das descobertas e afirmou em 1988 [51] que "se a repetição dos testes for positiva, Gauquelin deverá ter um lugar entre os grandes cientistas do passado que modificaram a nossa concepção do universo". Tal é o leque das opiniões...

E pois particularmente auspicioso que um novo país participe do estudo do fenômeno. Dois professores universitários alemães, S. Ertel e A. Müller, decidiram repetir as experiências dos Gauquelin, o primeiro dedicando-se ao efeito Marte, o segundo retomando um outro domínio: os médicos, com Saturno e Marte.

S. Ertel (Universidade de Göttingen)¹⁶ testou populações de atletas conhecidos e desconhecidos. Ele mostrou que o efeito Marte aumenta com a popularidade, refletida pelo número de citações na imprensa: quanto mais um atleta é nominalmente citado — e, logo, quanto mais célebre — maior probabilidade de o planeta Marte ter nascido ou culminado no céu na hora de seu nascimento.

A. Müller (Universidade de Saarland) confirmou também as pesquisas de Gauquelin sobre a tendência preponderante de Marte nos grupos de médicos alemães, enquanto Saturno só aparece para uma população de médicos franceses.¹⁷

Para encerrar os comentários sobre os trabalhos de Gauquelin, é necessário salientar que ele testou, com os mesmos métodos, conceitos mais tradicionalmente astrológicos e publicou resultados negativos. Os astrólogos já observaram que o nascimento e a culminância dos planetas se situam nas casas astrológicas 12 e 9, o que não corresponde às casas determinantes na personalidade e na profissão. Assim, o problema da interpretação

16 S. Ertel, 'Raising the hurdle for the athletes' Mars effect: association covaries with eminence', *J. Sc. Explor.*, 1988, 2, 53-82.

17 A. Müller, 'Lässt sich der Gauquelin Effekt bestingen? Untersuchungs Ergebnisse mit einer Stichprobe von 1.288 hervorragenden Ärzten', *Z. Parapsychol.*, 1986, 28, 87-103.

dos trabalhos dos Gauquelin em astrologia permanece. Mme. Gauquelin, embora separada, continuou a trabalhar por sua conta e publicou, em sua nova revista, a hipótese de um erro de numeração das casas, cometido por Ptolomeu.¹⁸

No que se refere aos signos do zodíaco, o método dos traços de caráter, confrontado ao dos signos astrológicos, só deu resultados negativos [53] e¹⁹ levou à conclusão de que "a influência dos signos do zodíaco não é confirmada pelo estudo objetivo do comportamento de milhares de pessoas". Assim, Gauquelin contestou fortemente a astrologia. "Embora tenhamos obtido", escreveu ele, "fatos positivos a partir de um material de aparência originariamente astrológica, é evidente que esses resultados, por mais impressionantes que sejam, devem explicar-se em termos científicos, não em termos astrológicos."²⁰

Entretanto, não se pode negar que os traços de caráter ligados, em seus trabalhos, aos diferentes planetas coincidem de modo surpreendente com a tipologia planetária astrológica tradicional [54]; não obstante os astrólogos profissionais negligenciam "o verdadeiro impacto da escola astroestatística francesa" [55].

II. A PSICOLOGIA

C. G. Jung manifestou por várias vezes o seu interesse pela astrologia. "Há muitos casos de analogias impressionantes entre a constelação astrológica e o acontecimento psicológico ou entre o horóscopo e a disposição caracterológica", disse ele. "Pode-se esperar com um grau de probabilidade bastante alto que uma certa situação psicológica bem definida seja acompanhada por

18 F. Gauquelin, in *Astropsychological Problems*, 1985, 3, 3, 5-11.

19 M. Gauquelin, "Zodiac and personality: an empirical study", *the Skeptical Inquirer*, 1982, 6, 57-65.

20 M. Gauquelin, *L'astrologie devant la science*, Encyclopédie revue *Planète*, Paris, 1965.

uma configuração astrológica análoga. A astrologia consiste em configurações simbólicas, assim como o inconsciente coletivo, do qual a psicologia se ocupa..²¹

Assim também A. Barbault, na França, desenvolveu a tese segundo a qual "no estudo do inconsciente, os astros aparecem como um reflexo do homem, de suas tendências, de seus complexos" [56].

Nos Estados Unidos, Rudhyar publicou um trabalho de índole comparável, situado entre a psicologia freudiana, o behaviorismo e a psicologia "humanista". O complexo nasce de uma abordagem negativa da vida; não há influência a priori maléfica ou benéfica em astrologia; esta não permite determinar os complexos, mas as crises psicológicas, que podem produzir complexos [57].

A astrologia é vista por diferentes autores como guia para a ação ou como terapia contra a ansiedade.²³

Extroversão-introversão. A escola inglesa testou em 1978, com Eysenck, uma das hipóteses tradicionais da astrologia: os signos zodiacais seriam alternativamente masculinos — espontâneos, ativos — e femininos — contidos, passivos —, ou seja, em psicologia: extrovertidos e introvertidos. Dois universos, um de 917 homens, outro de 1.407 mulheres, foram testados pelo EPI (Eysenck Personality Inventory), que permitiu calcular quantitativamente médias de escores de extroversão.

Os resultados concordaram com a hipótese astrológica, mostrando picos de extroversão para cada signo ímpar.²⁴ O próprio Eysenck analisou finamente esse novo resultado e não

21 In CIA, *Astrologia moderne*, 1954, 12, 2-4

22 T.S. Tiagy, *Astrology and mental health, J. of person. and clinic. studies*, 1987, 3, 63-66.

23 R. S. Peribanayagam, 'Self, other and astrology', *Psychiatry*, 1981, 44, 69-79.

24 J. Mayo, O. White, H. J. Eysenck, 'An empirical study of the relation between astrological factors and personality', *Social. Psychol.*, 1978, 105, 229-236.

excluiu a eventualidade de uma influência do conhecimento de seu signo solar por parte de certas pessoas testadas.

Aqui começou uma longa série de discussões sobre a auto-influência dos sujeitos em todas as experiências realizadas até hoje. E certo que todo tipo de investigação baseada em interrogações é de realização muito delicada.

Quatro repetições desse trabalho deram resultados negativos, duas no Canadá,^{25 26} uma na Grã-Bretanha²⁷ e a última na África do Sul²⁸ para a qual apareceu na escala da extroversão uma diferença ligada às estações, sendo os sujeitos nascidos no verão mais extrovertidos.

Entretanto, deve-se observar que, para um bom astrólogo, uma experiência baseada apenas no signo solar de nascimento tem poucas chances de êxito: assinalamos no capítulo 1 os numerosos componentes considerados na análise psicológica de um mapa astral; o acaso da amostragem das populações pode fazer com que a influência do signo solar não apareça, mascarado por outros componentes, mais importantes, como os planetas em ângulo.

E assim que se pode explicar o resultado aparentemente positivo, observado recentemente, não mais sobre os signos solares, mas sobre as posições dos planetas nos setores-chave (1 e 4) de Gauquelin. Segundo os critérios de análise da personalidade de Eysenck aplicados a populações de cientistas, atletas e atores franceses: Saturno para os introvertidos, Marte e

25 I. W. Kelly, D. H. Saklofske, 'Alternativa explanations in science. The extroversion-introversion astrological effect', *The Skeptical Inquirer*, 1981, 5, 33-37.

26 D. H. Saklofske, I. W. Kelly, D. W. Kerracher, 'An empirical study of personality and astrological factors', *J. Psychol.*, 1982, 110, 275-280

27 J. Russell, G. F. Wagstaff, 'Extroversion, neuroticism and time of birth', *British J. Soc. Psychol.*, 1983, 22, 27-31.

28 D. P. Fourié, 'Self attribution theory and the sun-sign', *J. Soc. Psychol.*, 1984, 122, 121-126

Júpiter para os extrovertidos nascem ou culminam mais freqüentemente que por acaso.²⁹ trabalho foi repetido pelos mesmos autores, com um universo de profissionais americanos: o resultado foi idêntico.³⁰

As profissões. Uma vasta pesquisa foi relatada pelo jornal inglês *The Guardian*, de 19 a 22 de março de 1984. O autor, A. Smithers,³¹ estudou a relação entre o signo solar e as profissões de 1.461.847 homens e 842.799 mulheres. A determinação das profissões astrológicamente mais previsíveis foi feita por quinze astrólogos. O autor encontrou então uma correlação entre as duas séries de dados. No ano seguinte, o *Skeptical Inquirer*³² publicou uma contestação desse trabalho, evocando a influência das estações, a "self-seleção" e a "self-atribuição". O problema já havia sido evocado por Eysenck [48].

Outros trabalhos não encontraram nenhuma relação entre as estações de nascimento e as profissões, no seio de uma população da África do Sul,³³ ao passo que, ao contrário, os oficiais do exército (Grã-Bretanha e Estados Unidos) parecem realmente nascer mais no verão e no outono.³⁴ Assim, é muito difícil chegar a uma conclusão.

29 M. Gauquelin, F. Gauquelin, S. B. G. Eysenck, 'Personality and the position of the planets at birth: an empirical study', *British J. Soc. and Clin. Psychol.*, 1979, 18, 71-75.

30 M. Gauquelin, F. Gauquelin, S. B. G. Eysenck, 'Eysenck's personality analysis and position of the planets at birth: a replication on american subjects', *Person. Indiv. Diff.*, 1981, 2, 346-350

31 Chefe do Departamento de Educação na Universidade de Manchester.

32 G. A. Dean, I. W. Kelly, J. Rotton, D. Saklofske, 'The Guardian' astrology study: a critique and reanalysis', *The Skeptical Inquirer*, 1985, 9, 327-338.

33 G. A. Tyson, 'Occupation and astrology or season of birth: a myth?', *J. Soc. Psychol.*, 1980, 110, 73-78.

34 H. J. Cooper, A. G. Smithers, 'Birth patterns among american army officers', *J. Soc. Psychol.*, 1975, 61-66.

Prova da astrologia genélica segundo o método dos testes psicológicos. Os testes quantitativos de personalidade são numerosos, mas de utilização sempre delicada. Entretanto, é tentador confrontar objetivamente os resultados de uma análise psicométrica com os da análise tipológica realizada pela astrologia. Vários autores se dedicaram a essa tarefa.

Na África do Sul,³⁵ Tyson utilizou o SAPQ (*South African Personality Questionnaire*) e Carlson, nos Estados Unidos, o CPI (*Californian Personality Inventory*), comportando 480 perguntas.

Tyson considerou um grupo de quinze estudantes, acompanhadas de quinze outras pessoas relacionadas com elas. Cada uma recebeu um grupo de cinco horóscopos (textos de 2.000 palavras), dos quais um era o seu próprio. Duas estudantes e duas pessoas próximas identificaram corretamente os seus textos. As outras inclinaram-se a identificar como seus os horóscopos "favoráveis". Quanto ao astrólogo, este não conseguiu prever o escore do teste. O autor concluiu: "o fato de que as estudantes e as pessoas próximas foram incapazes de identificar os seus horóscopos sugere que estes não são nem exatos nem específicos". O fracasso dos astrólogos corresponderia à incapacidade de realizar uma análise correta. Deve-se entretanto observar que a população estudada era muito pequena para um trabalho tão ambicioso, e logo de início muito difícil; a "pouca validade da astrologia" — dedução do autor — parece um julgamento apressado. E verdade que ele ressaltou: "apesar da boa reputação do astrólogo, outros astrólogos podem ser melhores".

Um pouco diferente foi a experiência de Carlson.³⁶ Sua organização metodológica é notável por seu rigor: a análise caracterológica por astrologia foi feita em computador. As experiências foram conduzidas em duplo-cego, com a concordância das duas comunidades, científica (supervisão de um professor de física de Berkeley, A. Müller) e astrológica (concordância do National Council for Geocosmic Research).

35 G. A. Tyson, 'An empirical test of the astrological theory of personality', *Person. Indiv. Diff.*, 1984, 5, 247-250. Esta pesquisa faz parte de um trabalho realizado para a obtenção do título de *Doctor of Philosophy*.

36 S. Carlson, 'A double-blind test of astrology', *Nature*, 1985, 318, 419-425.

A experiência constava de duas partes: a) cada sujeito devia escolher seu mapa astral entre três recebidos, o seu e dois tirados ao acaso no grupo, e atribuir uma nota de 1 a 10; b) os astrólogos eram postos diante de um mapa e três CPI; deviam fazer a mesma escolha, com notas de 1 a 10. Quanto a a), os estudantes hostis ou os que já tinham visto seu mapa antes da experiência eram eliminados; restavam no fim 83 indivíduos testados. Quanto a b), 224 dados eram fornecidos a 28 astrólogos; restavam no fim da experiência 116 sujeitos.

Infelizmente, os resultados não estavam à altura da preparação experimental: os estudantes não reconheciam nem seus mapas nem seus CPI; os astrólogos não encontravam os CPI correspondentes aos mapas apresentados. Parece que havia incompatibilidade de linguagem. Mas também, e principalmente, se os indivíduos não reconheciam nem seus mapas, nem seus CPI, devia-se esperar, evidentemente, uma má detecção por parte dos astrólogos. O próprio autor escreveu com razão: 'Atualmente não existe nenhuma prova científica da qual se pudesse concluir que os indivíduos possam selecionar de maneira exata as descrições de si mesmos em um nível significativo.' Analisando esse trabalho, H. J. Eysenck³⁷ sugeriu que "nenhuma conclusão pode ser tirada" e lamentou a ausência de psicólogos na experiência, pois, escreveu ele, "testar a astrologia é um campo complexo e difícil, como na verdade, todos os campos que dependem de variáveis psicológicas".

Entretanto Carlson concluiu, para grande espanto do leitor objetivo: 'As experiências refutam claramente a hipótese astrológica'

O público seria ingênuo? Se a astrologia vive hoje um renascimento tão grande, é porque ela é percebida como verdadeira por muitas pessoas. Muitos trabalhos analisaram a confiança

37 H. J. Eysenck, 'Critique of 'A double-blind test of astrology'', *Astropsychol. Problems*, 1986, 4, 7-8.

depositada em diferentes aspectos da astrologia. Citaremos alguns deles.

Uma aventura especialmente longa foi a de um teste de M. Gauquelin em 1968, no começo da utilização dos computadores em astrologia. O autor publicou o resultado desse teste em *Science et Vie*³⁸ (ver também [58] e [53]).

Eis o resumo do trabalho: Um anúncio no jornal *Ici-Paris*: "Totalmente gratuito, o seu horóscopo ultrapessoal, um documento de dez páginas... Envie nome, endereço, data e lugar de nascimento a Astral-électronique' — seguia o endereço pessoal do autor. A cada correspondente — cerca de 150, escreveu o autor — mandou ele o mesmo texto. Era o horóscopo de Astral-flash para um grande criminoso, o Dr. Petiot, acompanhado de um envelope selado para a resposta, e de um texto pedindo a opinião do correspondente, assim como de uma carta, onde havia a seguinte frase: "No caso muito provável de que você fique satisfeito com o seu horóscopo, Astral-électronique espera... fornecer-lhe dentro de alguns meses um horóscopo ainda mais completo... Esse horóscopo, também totalmente gratuito, compreenderá a previsão do seu futuro para dez anos." Não é surpreendente que, com essa promessa, "várias dezenas de depoimentos totalmente positivos" tenham sido recebidos, como disse o autor, com 94% de respostas positivas, ou "nove entre dez pessoas". Evidentemente, faltou a essa experiência a seriedade científica e a precisão dos números. (Um sociólogo também levaria em conta o perfil dos leitores de *Ici-Paris*.)

Se mencionamos esse teste detalhadamente, é porque ele é citado em muitos textos sob a denominação de 'teste Petiot', sem que se volte à sua fonte, tanto pelos astrólogos 'anticomputadores' [46] quanto pelos sociólogos [37], pelo *Dicionário de astrologia Larousse* [1] e pelo astrônomo E. Schatzman [52], contra o valor da astrologia. Ninguém, nem mesmo o autor, publicou o texto do mapa em questão, salvo fragmentos mostrando sua contradição com a criminalidade, como "este ser venusiano

38 M. Gauquelin, "L'astrologue paré de l'IBM", *Science et Vie*, agosto de 1968, 80-89.

é banhado por uma sensibilidade oceânica" — texto fornecido quando o planeta Vênus é angular, mas omitindo outros fragmentos mais de acordo com a sinistra personalidade do criminoso, como "a morte pode assumir um lugar de elemento promotor do destino" (Lua na casa 8), etc.

E evidente que essa história toda não é séria: o próprio Gauquelin não desejava fazer dela um estudo científico profundo. Tinha um tom polêmico, que conservou em todas as suas citações. Nada se pode concluir. Lamenta-se apenas que autores sérios a citem seriamente...

Em contrapartida, o método que consiste em distribuir um texto astrológico idêntico a sujeitos experimentados se encontra em bom número de trabalhos universitários. Citamos o de Snyder,³⁹ mostrando que um mesmo texto é mais bem aceito se é dado a partir de precisões sobre o momento do nascimento dos sujeitos. O mesmo ocorre com o trabalho de Stachnik.⁴⁰ Infelizmente, os efeitos dessas experiências são muito fracos (grupos de 21 e 18 sujeitos) e deve-se fazer uma reserva quanto aos controles, sempre ausentes: nenhum astrólogo ou psicólogo estuda a composição dos perfis reais dos sujeitos que podem, ao acaso, mostrar uma proporção de indivíduos que se aproximam dos textos apresentados.

A atualização desse problema por Tyson⁴¹ e uma publicação mais recente de Glick e Snyder⁴² permitem concluir, entretanto, que há um fator real de "ingenuidade" na atitude dos leitores de astrologia — ingenuidade que certamente não se limita a essa única área.

39 C. R. Snyder, 'Why horoscopes are true: the effect of specificity on acceptance of astrological interpretations', *Clinic Psychol.*, 1974, 30, 577-580.

40 T. Stachnik, B. Stachnik, 'Acceptance of non-specific astrological personality descriptions: an empirical demonstration', *Psychol. Reports*, 1980, 47, 537-538.

41 G. A. Tyson, 'Why people perceive horoscopes as being true: a review', *Bull. Br. Psychol. Soc.*, 1982, 35, 186-188.

42 P. Glick, M. Snyder, 'Self-fulfilling prophecy: the psychology on belief in astrology', *The Humanist*, 1986, 46, 3, 20-25.

III. A BIOLOGIA

O campo da biologia é diretamente afetado, pois afirmar uma influência do céu astral de nascimento é evidentemente acrescentar um novo determinismo aos outros dois admitidos atualmente: o determinismo genético via informação cromossômica e o determinismo ambiental (físico e sócio-cultural), que participam da ontogênese de cada ser humano durante a elaboração de seu fenótipo.

Ao contrário do que dizem alguns astrólogos não científicos, não há até agora nenhuma explicação científica de um mecanismo de determinação astrológica.

A hereditariedade. É muito interessante considerarmos agora o único trabalho referente a esse campo: o de Gauquelin sobre a hereditariedade astral.

A idéia de tal hereditariedade já fora apresentada por Choisnard, mas as provas numéricas dessa época não puderam ser verificadas depois [51].

'A criança teria tendência a vir ao mundo", escreveu Gauquelin [50], "em certas horas do dia durante as quais as influências planetárias atuariam os fenômenos de seu nascimento. Se você nasceu quando Marte nascia no horizonte, não é por acaso. Você tem um temperamento ativo, corajoso, dinâmico. Chegando o momento do seu nascimento, o seu organismo reagiu de preferência aos efeitos produzidos por esse astro. Você herdou de seus pais a tendência a nascer de preferência depois do horizonte ou do meridiano de Marte, como se herdaram olhos azuis ou cabelos louros... Seus pais, antes de você, devem ter nascido, de preferência, quando Marte atravessava o horizonte ou o meridiano, ou pelo menos aquele de quem você herdou o temperamento ativo, corajoso, dinâmico."

Para testar a eventual e maior semelhança planetária entre pais e filhos do que entre pessoas sem laços de parentesco, foi efetuado um trabalho estatístico com 25.000 dados de nascimentos anteriores a 1945. O efeito mais marcante foi obtido com a Lua, Vênus e Marte; menos nítido com Saturno e Júpiter, e nulo com Mercúrio e

os planetas longínquos. Esses resultados estavam de acordo com o fato de que, segundo alguns, é a criança que, por um mecanismo hormonal, desencadeia o processo do seu nascimento.

Além disso, uma curiosa observação levava à tentação de relacionar os efeitos observados com a atividade do Sol. De fato, a intensidade do efeito hereditário depende da agitação magnética terrestre: as posições-chave têm maior possibilidade de serem herdadas dos pais quando os nascimentos se produzem em dias magneticamente perturbados [53, 59, 60].

Evidentemente, no conjunto dessas opiniões, é fácil compreender que o autor se dava conta do efeito perturbador das técnicas obstétricas modernas, que permitem o desencadeamento e o controle do parto. Os efeitos planetários hereditários desaparecem.

Do ponto de vista do mecanismo, ou dos mecanismos, em jogo, é claro que só se faz recuar o problema, mas esses argumentos audaciosos têm o mérito de tentar construir uma primeira ponte entre o determinismo astral e o genético.

Estamos longe aqui das concepções astrológicas clássicas, segundo as quais o ser humano, no momento de seu nascimento, natural ou não, receberia choques extremamente violentos, que continuariam a agir durante toda a sua vida, sob a forma de experiências cósmicas [26].

Entretanto, essa hereditariedade astral não parece se confirmar por verificações recentes, efetuadas pelo próprio M. Gauquelin.^{43 44} Embora as experiências de 1984 atinjam grandes populações, parece, segundo um dos dois autores das primeiras experiências. F. Gauquelin, que os efeitos só são postos em evidência se a coleta dos dados não for correta e compreender um número excessivo de nascimentos não-naturais.⁴⁵

Assim, esse problema fundamental permanece aberto e só

43 M. Gauquelin, *Nouvelle étude de l'hérédité planétaire avec 50.000 données familiales, nouvelle série de données de naissance*, vol. 2, Paris, *Lab. étud. rel. rythm. cosm. et psychol.*, 1984.

44 M. Gauquelin, 'An heredity experiment: a computer re-analysis and new investigation on the same material', *Correlation, G-B.*, 1984, 4, 8-24.

45 F. Gauquelin, Comments, *Astropsychol. Problems*, Paris, 1985, 3, 2, 35-42.

podemos desejar novas pesquisas. Aliás, é curioso que os diferentes comitês de controle citados acima nunca tenham abordado esse fenômeno da hereditariedade astral.

O fotoperiodismo. A astrologia em geral e o zodíaco em particular foram fundados originariamente sobre as mudanças sazonais do hemisfério Norte. Devemos levar em consideração uma via de pesquisa que consista em detectar relações entre o devir humano e a evolução anual da alternância fotoperiódica.

O fotoperíodo é a relação entre as durações do dia e da noite. Essas durações variam ciclicamente com a data e o lugar. Uma abundante literatura, que foge ao âmbito desta obra, trata do papel de "sinal" da duração do dia para um grande número de fenômenos biológicos entre os animais, tanto vertebrados quanto invertebrados.

Citemos inicialmente a existência de trabalhos já antigos, relacionando a influência das estações e a inteligência, medida pelo QI, nos dois hemisférios.^{46 47}

De modo mais explícito, autores recentes aproximam-se mais do estudo das teses astrológicas, considerando diferentes aspectos da personalidade. Não há relação entre estação do nascimento e feminilidade (testado pelo California Psychological Inventory)⁴⁸ nem com diversos outros aspectos testados também psicometricamente.⁴⁹ Mesmo constatando que os testes são negativos, não se deve esquecer a dificuldade de utilização já mencionada dos interrogatórios psicométricos.

Alguns astrólogos tentaram reconsiderar o zodíaco sob o ângulo fotoperiódico: a tentativa é meritória, pois representa um esforço para criar uma astrologia que leve em conta certos conhecimentos da ciência atual.

46 J. E. Orme, 'Intelligence, season of birth and climatic temperatura.' *Brit. J. Psychol.*, 1963, 273-276.

47 P. J. M. McEwan, 'Climat and intelligence', *Brit. J. Soc. Clin. Psychol.*, 1965, 8-13.

48 G. A. Tyson, 'Astrology or seasons of birth, a 'split-sphere' test', *J. Psychol.*, 1977, 285-287.

49 U. Hentschel, M. Kiessline, 'Season of birth and personality: another instance of non-correspondence', *J. Soc. Psychol.*, 1985, 125, 577-585.

Rudhyar, nos Estados Unidos, escreveu, já em 1943:

Já que tentamos reformular a astrologia em termos de denominador comum da experiência humana, chamaremos 'força do dia' e 'força da noite' as duas forças cósmicas em constante alternância durante o ciclo anual. Essas apelações não só estão de acordo com a mais antiga terminologia astrológica, mas também lembram o ciclo permanentemente em evolução da extensão dos dias e das noites.

A partir dessa definição, o autor reconstituiu a descrição dos doze signos do zodíaco [61].

Mais fundamentado ainda é o trabalho do astrólogo J. P. Nicola, que construiu um sistema coerente a partir da tipologia de Pavlov [62].

De início, propôs a dupla noção de:

— dia = excitante positivo = excitação;

— noite = excitante negativo = inibição,

de que decorre a caracterização das quatro estações:

— primavera = aumento do dia = velocidade de excitação;

— verão = diminuição do dia = lentidão de excitação;

— outono = aumento da noite = velocidade de inibição;

— inverno = diminuição da noite = lentidão de inibição;

e, para utilizar os sinais F, V e L (força, velocidade e lentidão) dos tipos de Pavlov, as estações tornam-se globalmente:

— primavera = F+, V+;

— verão = F-, L+;

— outono = F+, V-;

— inverno = F-, L-.

— os signos vizinhos dos solstícios: Câncer, Capricórnio, Sagitário e Gêmeos = fase "ultraparadoxal";

— os signos intermediários = fase 'paradoxal'.

Assim, doze fórmulas-chave permitem a reconstrução das tipologias zodiacais fotoperiódicas, segundo a ótica neurofisiológica pavloviana:

— Áries: F+, V+,	fase igualitária;
— Touro: F-, V+,	paradoxal;
— Gêmeos: F+, V+,	ultraparadoxal;
— Câncer: F-, V+,	ultraparadoxal;
— Leão: F+, L+,	paradoxal;
— Virgem: F-, L+,	igualitária;
— Libra: F+, V-,	igualitária;
— Escorpião: F-, V-,	paradoxal;
— Sagitário: F+, V-,	ultraparadoxal;
— Capricórnio: F-, L-,	ultraparadoxal;
— Aquário: F+, L-,	paradoxal;
— Peixes: F-, L-,	igualitária,

de que decorrem as denominações de "zodiaco reflexológico" e "astrologia condicionalista", dadas por seu autor a esses sistemas. Além de ser uma nova teoria, é também uma tentativa de realizar um encontro entre a ciência e a astrologia, cuja necessidade nem todos os astrólogos compreendem.

IV. A ASTRONOMIA

É nesta área que o confronto entre a astrologia e a ciência se tem revelado mais difícil. Com efeito, há uma tal desproporção entre os conhecimentos atuais da astronomia e da astrofísica e o 'pequeno' sistema planetário visto pelos astrólogos há séculos, que é quase um desafio propor esse estudo [63, 64].

Em algumas décadas, as sondas espaciais *Explorer*, *Pioneer*, *Voyager*, *Giotto*, *Voga*, prestaram imensos serviços ao conhecimento do sistema planetário. Mas são necessárias ainda

mais precisões: não se esperava que as sondas *Pioneer 10* e *11*, lançadas em 1972 e 1973, fornecessem, informações sobre as perturbações inexplicadas das órbitas de Urano e Netuno, que poderiam ser causadas por um novo planeta? Não é a órbita da própria Lua tão complicada, que o observatório do CERGA (A.-M.) a estuda atualmente graças ao laser? Não se revelou o planeta Saturno um sistema complexo por si só?

A astrofísica, em particular, teve num passado recente progressos extraordinários: estudo do Sol em termos termonucleares — estudo da nossa galáxia e seus 150 bilhões de estrelas, entre as quais muitas parecem sóis possíveis — descoberta da galáxia mais longínqua, situada, estima-se, a 15 bilhões de anos-luz da Terra. Com esses elementos podemos nos situar, nós e nossa velha astrologia.

Esse desafio, nós tentaremos fazê-lo apesar de tudo, seguindo o exemplo de trabalhos que permitem imaginar um mecanismo de influência dos planetas sobre a Terra — freqüentemente citado por astrólogos — e considerando também alguns raros trabalhos de astrólogos que tentaram "atualizar" a astrologia.

Os trabalhos de Nelson. As ondas curtas de rádio (HF: *high frequency*) sofrem perturbações segundo o estado da ionosfera terrestre em relação com as manchas solares. A potente rede americana RCA (Radio Corporation America) decidiu em 1946 empreender um estudo avançado do fenômeno, através de uma centena de estações distribuídas pelo mundo, e confiou a missão a um engenheiro, John Nelson, que nela trabalhou até sua aposentadoria, em 1968. Numerosos artigos e dois livros relataram suas descobertas [65].

Para Nelson, o ciclo das manchas solares está correlacionado ao movimento dos planetas, por meio de forças gravitacionais, agindo não sobre o próprio Sol, mas sobre a atmosfera instável eletrificada que o cerca. E da posição respectiva dos diferentes planetas que depende, pois, a perturbação das ondas de rádio sobre a Terra. Assim, muitas vezes Nelson pôde prever os dias favoráveis e as datas das perturbações.

Esse trabalho, que logo interessou aos astrólogos, favorece evidentemente a crença na influência das posições planetárias

sobre acontecimentos terrestres, através das manchas solares. O trabalho também concorda com as observações de Gauquelin sobre a ligação entre os fenômenos da hereditariedade planetária e o magnetismo terrestre.

Eysenck estudou longamente a questão e conduziu uma pesquisa, com a participação de Nelson [48]. Constatou ele que os astrônomos "foram incapazes de fazer uma avaliação detalhada (desse trabalho)", e o julgamento final é pouco claro. Teria Nelson cometido um erro, ao publicar seu trabalho com os astrólogos, e por que o teria feito? Para os astrônomos de hoje, as manchas solares resultam de um mecanismo termonuclear endógeno. No entanto...

... **Outras pesquisas** levam a idéias análogas. M. Treillis, do Observatório de Nice, mostrou que "o nascimento de centros ativos (das manchas solares é) diretamente influenciado pelas posições planetárias". Para ele, "as influências planetárias introduzem uma modulação de uma atividade que tem uma origem especificamente solar. Nada, efetivamente, indica que um fenômeno tão complexo quanto o ciclo de onze anos e todas as suas manifestações dependam de uma causa única". E conclui: "Existe uma relação entre a geometria do sistema solar e os nascimentos dos centros de atividade, sem prejudicar de modo algum as causas reais do fenômeno observado ou os processos físicos em jogo."⁵⁰ Parece que, depois de sua aposentadoria, ninguém na França prosseguiu nessa via de pesquisa. Em contrapartida, trabalhos anglo-saxões descreveram novamente observações similares.

K. D. Wood, nos Estados Unidos, estudou a relação entre as marés planetárias sobre o Sol e o número de manchas.⁵¹ Descreveu uma estreita correlação entre o ciclo das manchas e o das marés planetárias, ligado às posições dos diferentes planetas, inclusive a Terra, em torno do Sol. Isso permite prever os

50 M. Treillis, 'Influence de la configuration du système solaire sur la naissance des centres d'activité', *CR Acad. Sc.*, Série B, Paris, 1966, 376-377.

51 D. Wood, 'Sunspots and planets', *Nature*, 1972, 240, 91-93.

futuros valores máximos das manchas solares através de outro cálculo, diferente daquele que utiliza a média de 11,1 anos.

Citemos, enfim, J. Gribbin, que retomou esse trabalho e estabeleceu um paralelo entre manchas solares e mudanças climáticas.⁵²

Não esqueçamos que, nesse campo da pesquisa das influências planetárias sobre a Terra, certos planetas possuem uma irradiação própria: as emissões de rádio de Júpiter são analisadas no Observatório de Nançay (Cher).

As tentativas dos astrólogos. "A astrologia necessita, evidentemente, de uma nova teoria", afirmou Y. Lenoble,⁵³ constatando que "a maioria (dos astrólogos) demonstra um espantoso desconhecimento da astronomia e da ciência". Foi por isso que ele passou em revista todos os problemas astrológicos que necessitavam, em sua opinião, de uma atualização: natureza dos planetas, confrontação com o heliocentrismo, significação das elipses, etc.

P. Heckel [66] utilizou dados relativos a cada planeta e deduziu o simbolismo dos astros dessas considerações objetivas. Por exemplo: "Saturno, por sua massa, sua lentidão, pela relativa estabilidade de sua tensão gravitacional, se aproxima de Júpiter. Ao contrário, a inclinação de seu eixo em sentido contrário ao da Terra e seu enorme anel fazem com que o planeta... intercepte o fluxo eletromagnético composto, que, do centro da galáxia e do Sol, se dirige para a Terra... Assim, a influência de Saturno é sempre privativa de energia, de vitalidade". Outro exemplo: "Júpiter apresenta sempre mais ou menos a mesma intensidade luminosa. Sua luz nos é refletida por um disco cujo diâmetro equivale a onze diâmetros terrestres, e seu eixo de rotação é praticamente reto... Traduzido em comportamento humano, isso significa largueza, amplidão, grande facilidade de movimento e de expressão..."

52 J. Gribbin, "Planetary alignments, solar activity and climatic change", *Nature*, 1973, 246, 453-454.

53 Y. Lenoble, *L'astronomie, base de l'astrologie*, ARRC, Documento n° 2, Paris, 1978.

Tudo isso representa, certamente, especulações do autor, mas também um esforço para levar em consideração dados astronômicos.

J-P. Nicola construiu um sistema coerente, a partir das distâncias dos planetas ao Sol. Esse sistema é complexo e vai bem além dos dados astronômicos. Entretanto, não podemos deixar de mencioná-lo, pois ele agita atualmente os meios astrológicos.

Retomando três vocábulos filosóficos usuais, o autor classifica os planetas em função de sua distância até o Sol em três grupos [24, 62, 67]:

- Representação (R): Sol, Mercúrio, Vênus;
- Existência (E): Marte, Júpiter, Saturno;
- Transcendência (T): Urano, Netuno, Plutão;

sendo a Lua considerada fora do sistema elaborado.

Depois, em cada grupo de três planetas, definido pelas maiúsculas R, E, T, uma minúscula das mesmas letras caracteriza mais finamente o planeta em sua tendência secundária. Construiu ele assim este quadro:

	<i>r</i>	<i>e</i>	<i>t</i>
R	Sol	Vênus	Mercúrio
E	Júpiter	Marte	Saturno
T	Urano	Netuno	Plutão

Vênus seria assim "a existência da representação", etc. A natureza astrológica dos planetas é assim reconstruída. De grande coerência interna, uma nova técnica é elaborada: ela hierarquiza os planetas num mapa, "funções" são qualificadas de fortes ou fracas, segundo a letra correspondente (RET ou ret) e interpretadas. Um diagrama do "sistema RET", traçado circularmente, visualiza de modo cômodo o perfil do indivíduo segundo suas tendências ou suas carências.

Em suma, trata-se de uma teorização sobre bases astronômicas, certamente, mas principalmente de um esforço de renovação e modernização na formulação da astrologia.

Problema dos pólos e do hemisfério Sul. São estes, visivelmente, problemas não resolvidos pelos astrólogos.

Para as regiões circumpolares, as domificações são difíceis. Durante meses, um grande número de planetas, assim como o Sol, permanecem sob o horizonte. É evidente que o astrólogo pode, adaptando-o, analisar um mapa dessas regiões, desde que considere principalmente as posições e os aspectos dos planetas entre si.

Mais difícil ainda é o problema do hemisfério Sul: a astrologia é filha do Norte, como se sabe. "A prática astrológica", escreveu Heckel [66], `finalmente estabeleceu que, sob todas as latitudes — Norte ou Sul — os planetas, no mesmo momento, devem ser situados nos mesmos signos. Isso abala", observou ele com razão, "a noção de um zodíaco sazonal *stricto sensu*, generalizando em torno do globo as significações que lhe foram sempre atribuídas no hemisfério Norte" — zodíaco sazonal do qual, como vimos, J. P. Nicola e outros fizeram uma utilização moderna. Heckel recorreu a uma explicação de ordem geográfica, em relação com a natureza das superfícies dos dois hemisférios. O Norte compreende quatro quintos das terras emersas, o Sul é majoritariamente marítimo, o que explicaria os contrastes climáticos e as estações mais marcadas no Norte. Assim, considerada nos domínios fotoperiódicos, a ação excitante da luz no Norte não teria seu equivalente no Sul ? Ninguém pode responder. Nesses domínios, tudo ainda está por fazer. A Austrália seria, evidentemente, um bom campo de experiências astrológicas. E, sem dúvida, Lenoble⁵⁴ teve razão ao escrever que "a astronomia era outrora a base da astrologia. Ela deve voltar a sê-lo".

V. O RACIONALISMO MILITANTE CONTRA A

ASTROLOGIA

A 15 de dezembro de 1970, em conseqüência do programa diário

de consultas astrológicas de Mme Soleil na rádio Europe 1, a União Racionalista redigiu uma carta aberta ao diretor da rádio, denunciando as "conseqüências inquietantes e perigosas que esses programas representam". Nas linhas seguintes, pode-se ver um resumo das posições que os sociólogos qualificam de "racionalismo militante" antiastrológico [37].

... A astrologia, como todas as falsas ciências, conserva e desenvolve na sociedade moderna algo que se acreditava em vias de desaparecimento: o velho espírito mágico, expressão fossilizada de um pensamento arcaico, que se tornou estéril ... os consulentes ... são vítimas da astrologia, que explora sua credulidade e faz com que eles aceitem as afirmações (pretensamente científicas) menos plausíveis. Esse método lhes ensina a recusar a objetividade, o espírito crítico, a reflexão pessoal... Os exemplos desastrosos não faltam... e o público, preferindo o "mistério" fácil às incertezas de difícil acesso, nutre-se dessas quimeras. Deve-se elevar homens e mulheres ao nível do seu tempo... Para isso, o que lhes oferece o Sr.? O Sr. lhes oferece uma série de tolices e mentiras: o horóscopo... Esperamos que, conscientizado, o Sr. ponha fim a uma atividade que não se deve ter medo de chamar de vigarice moral.

Nesse texto, encontram-se as duas idéias diretoras da posição da União Racionalista em relação à astrologia. A primeira diz respeito à crítica feita em nome da ciência real, objetiva e experimental, a segunda se refere ao aspecto moral da existência da astrologia: não se tem moralmente o direito de enganar os seus semelhantes. Científica e moralmente inaceitável, a astrologia deve ser energeticamente combatida.

Algumas publicações desenvolvem esses temas, principalmente os *Cahiers Racionalistes* com E. Schatzman e J. C. Pecker,⁵⁵ aos quais se deve acrescentar um texto do primeiro em livro recente já citado [52]. Os diferentes argumentos científicos — falta de provas, estatísticas não comprovadas, desproporção entre

55 E. Schatzman, "Propos de l'astrologie", *Cahiers Racionalistes*, 1977, 335, 3-6; E. Schatzman, "L'astronomie et les mythes", *C. Racionalistes*, 1982, 375, 135-150; J. C. Pecker, "L'astrologie est une drogue sans valeur", *C. Racionalistes*, 1985, 403, 192-196. Ambos são astrônomos conceituados. E. Schatzman é diretor de pesquisa no CNRS e J. C. Peckeré professor no Collège de France e membro da Academia de Ciências.

asserções astrológicas e conhecimentos astronômicos etc. — já foram abordados nesta obra, e não voltaremos ao assunto. Digamos que eles são largamente desenvolvidos nesses textos, mas em tom particularmente polêmico e sarcástico ("as baboseiras pseudocientíficas que os astrólogos recitam...), desencorajando a priori qualquer estudo da astrologia em bases científicas. A esse respeito, E. Schatzman escreveu que "a astrologia não pertence ao domínio da prova" [52], afirmando assim claramente que ela não é nem mesmo suscetível de ser estudada, que ela se situa por definição fora do mecanismo causal da ciência.

Um grande artigo de síntese de J. C. Pecker, publicado por *La Recherche* em 1983,⁵⁶ fez um balanço de todos os argumentos antiastrológicos, inclusive daqueles que os astrólogos costumam refutar facilmente, como vimos nesta obra, como o relativo à precessão dos equinócios ou à "ausência de horóscopo dos habitantes de Mourmansk". Esse artigo bem documentado mostra entretanto um grande desconhecimento dos progressos recentes da chamada astrologia erudita. No que se refere aos resultados estatísticos dos Gauquelin, J. C. Pecker escreveu que "os debates entre os Gauquelin e seus opositores pareceram dar razão, sem ambigüidade, a estes últimos. Evidentemente, fundamos em parte essa reação sobre um ceticismo a priori, assim como sobre considerações próprias ao trabalho, exposto rapidamente". E concluiu: "Consideramos que o efeito Marte não está provado". Gauquelin respondeu pessoalmente a essa afirmação no número seguinte da revista... A polêmica continua...

Sobre que bases se situam na sociedade esses detratores da astrologia? É interessante sabê-lo, graças aos estudos de sociólogos que trabalham com E. Morin [37].

"A antiastrologia racionalista", escreveu L. Petrossian, "é o apanágio da União Racionalista. Reunindo principalmente pesquisadores das ciências exatas, ela é mais ou menos controlada pela velha escola dos universitários comunistas do grupo *La Pensée*. Fundada originalmente contra a religião e militando

56 J. C. Pecker, 'L'astrologie et la science', *La Recherche*, Paris, 83, 140, e as respostas dos leitores no n° 142.

desde o início do século nesse sentido, a União Racionalista ampliou e dirigiu suas atividades contra as formas renascentes do ocultismo... e a renovação astrológica". Assim, para C. Fischler, no mesmo trabalho, o "racionalismo positivista" se apresenta como o guardião da "legitimidade científica", *erige-se peremptoriamente em autoridade epistemológica suprema", "silenciando sobre certas formas de delírio político, que, entretanto, sempre reivindicaram também um caráter científico". Esse sociólogo viu, pois, na polêmica evocada acima, não "o choque da racionalidade contra o irracional, da razão contra o obscurantismo, mas a colisão de dois racionalismos contraditórios...".

Entretanto, a polêmica e as posições violentamente antiastrológicas não são exclusivas da União Racionalista e existem em outros países. Os trabalhos de Tyson na África do Sul e principalmente de Carlson nos Estados Unidos têm o mesmo tom. Na realidade, parece que uma espécie de erupção antiastrológica caminha por toda a parte, paralelamente com a expansão da astrologia moderna. Carlson, cuja tentativa fracassada de experimentação científica da astrologia vimos acima, afirmou que esta "deve ser considerada como uma ameaça à saúde pública, e, como tal, combatida". "Apesar das numerosas afirmações de seus praticantes e dos que os seguem, uma investigação intensiva", escreveu ele, revela que a astrologia é "um grande monumento cambaleante da credulidade humana".⁵⁷

Com esse autor, a polêmica antiastrológica apareceu pela primeira vez nos grandes jornais científicos de renome mundial (*Nature* em Londres e *Experientia* na Suíça).

57 S. Carlson, 'Astrology, *Experientia*, 1988, 44, 290-297.

CONCLUSÕES

Concluir é uma tarefa delicada.

A astrologia — como afirmamos no início — é um fato de civilização: como tal, ela tem direito, a priori, a um certo respeito, o respeito que se dedica a um saber muito antigo e tradicional, perpetuado através dos tempos pelo ser humano, e cujas vicissitudes acompanhamos.

Assim sendo, toda polêmica acerba não apenas não faz avançar o conhecimento científico objetivo, como também traz em si uma real incongruidade. O detrator veemente deve dar lugar ao observador sereno, se quisermos progredir.

Primeiramente, seria bom não amalgamar todas as 'ciências ocultas'. Como vimos, a astrologia é bem distinta, suas regras bem definidas; não se pode confundi-la com outros saberes como a parapsicologia ou o espiritismo, que já foram objeto de análise nesta mesma coleção [68, 69].

A atitude dos 186 cientistas signatários do apelo antiastrológico que reproduzimos não contribui em nada para esta elucidação fundamental: "astrologia, ciência ou superstição?", para retomar o título da obra de H. Eysenck. Ao contrário, essa atitude põe em evidência um fato impressionante: esses cientistas eminentes não quiseram dar-se ao trabalho de estudar a astrologia seriamente, como tentamos fazer. Todo o texto o mostra: afirmações peremptórias, redundância do vocabulário astrológico empregado ("mapas astrológicos e horóscopos", que, como vimos,

são sinônimos), exemplo de proposição astrológica ("o signo sob o qual ele nasceu determina a compatibilidade ou a incompatibilidade de um indivíduo com outros") que nenhum astrólogo sério defenderia, etc.

De modo geral, os cientistas não conhecem a astrologia e muitos a julgam pela medida de uma simples e aparente coerência teórica. Goldberg, por exemplo,¹ declarou: "Não há nenhuma parcela de prova a favor da astrologia e uma enorme quantidade de provas teóricas contra ela."

Os trabalhos de pesquisa antiastrológica não parecem concludentes, como vimos, geralmente em razão de uma lamentável fraqueza metodológica.

Oposta e simetricamente, reproduzimos a afirmação do astrólogo contemporâneo E. Teissier, segundo a qual a astrologia é cientificamente comprovada. Ora, que balanço podemos fazer a favor da astrologia diante da ciência em nosso último capítulo? Duas séries de dados verdadeiramente válidos, e apenas duas, ao que parece:

— os trabalhos estatísticos dos Gauquelin,² referentes à influência dos planetas em seu nascer e em sua culminação;

— algumas pesquisas que parecem realmente corroborar uma relação sistema planetário / manchas solares / certos fenômenos terrestres.

Também os astrólogos, em sua maioria, não conhecem a ciência.

Tudo está por fazer — e tudo deveria ser feito antes de classificar a astrologia entre as superstições humanas, e isso nas

1 S. Goldberg, 'Is astrology a science?', *The Humanist* (EUA), março-abril de 1979, 9-16.

2 Por razões de objetividade e de síntese, utilizamos aqui o plural que empregam correntemente outros autores bem informados, como o Prof. Eysenk (48) ou o Prof. J. A. Hynck no prefácio que escreveu para o livro de Michel Gauquelin, *Le dossier des influences cosmiques*, publicado em 1973 por Denoël, Paris, do qual destacamos a seguinte frase: "a presente obra é a exposição de uma longa e séria enquete feita pelos Gauquelin ...". Na verdade, as pesquisas foram efetuadas, em comum, por Michel e Françoise desde seu casamento até sua separação em 1982.

duas direções que analisamos separadamente: a da tipologia psicológica e a das previsões no plano de uma vida individual.

A atitude histórica de Choisnard, exigindo estudos de correlações, continua seguramente atual. Não é mais desculpável que hoje não se empreendam essas pesquisas, pois dispomos do computador. Como escreveu acertadamente D. Verney³ [70], este é um "instrumento essencial" para "pôr em prática a astrologia", o que, segundo ele, "depende de um trabalho de fôlego, que deveria fazer apelo a competências diversas, que um único homem não é capaz de reunir, as do astrólogo, do estatístico, também as dos estudiosos de outras disciplinas".

Entre essas outras disciplinas está evidentemente em primeiro lugar a psicologia, área difícil e diversificada como poucas. Basta que se refira à obra de S. Clapier-Valadon [71], publicada nesta mesma coleção, para ter uma idéia da complexidade das teorias da personalidade. .

Mas parece que não há muito a esperar da astronomia e da astrofísica num futuro próximo. Essas ciências tiveram um considerável e súbito progresso em suas possibilidades materiais: a astrologia não recolhe disso nenhum benefício, ao contrário, parece aumentar o escárnio dos astrônomos para com ela.

Um grande problema interno da astrologia é o da contradição entre a utilização do zodíaco tropical (sazonal, ponto vernal = 0° de Áries) e a não-inversão dos signos de hemisfério para outro. Esta também é uma pesquisa a ser conduzida científica-mente. Mas não é porque há problemas a resolver que o conjunto do saber deve ser considerado caduco e obsoleto.

Numerosos foram os debates sobre a astrologia: são eles completamente vãos, se não repousam sobre experimentações novas, pois só elas importam, aos olhos do cientista. Será preciso, progressivamente, separar o trigo do joio... Assim, é com satisfação que vemos a criação de um "Committee for Objective Research in Astrology", que organiza "Seminários Eysenck" (três já se realizaram), e, como diria este último, sejamos "open minded"...

BIBLIOGRAFIA

- [1] J.L. BRAU, *Dictionnaire de l'astrologie*, Paris, Larousse, 1987.
- [2] D. NÉROMAN, *Traité d'astrologie rationnelle*, Paris, Ed. "Sous le ciel", 1943.
- [3] A. BARBAULT, *Traité pratique d'astrologie*, Paris, Seuil, 1961.
- [4] HADES, *Manuel complet d'astrologie scientifique et traditionnelle*, Paris, Ed. Brussiere, 1967.
- [5] DEREK e PARKER. *L'art de l'astrologie* (tradução do inglês), Paris, Club Français du Livre, Ed. Laffont, 1971.
- [6] J.P. Nicot.A. *Le grand livre de l'astrologue*, Paris, Ed. Sand et Tchou, 1983.
- [7] C. AUBIER, *Dictionnaire pratique d'astrologie*, Paris, MA Editions, 1986.
- [8] *The Concise Planetary Ephemeris for 1950 to 2000 AD*, Medford, Mass. (EUA), Hieractic Publishing Co., 1977.
- [9] G. REYNAUD-DULAURIER e W. WILLETT, *Atlas de poche*, Paris, Larousse, 1982.
- [10] *Raphaël's Tables of Houses for Northern Latitudes*, Bucks (GB), W. Foulsham and Co. Ltd.
- [11] H. LE CORRE, *Régimes horaires pour le monde entier*, Paris, Ed. Traditionnelles, Paris, 1987.
- [12] D. RUDHYAR, *La dimension galactique de l'astrologie*, Ed. du Rocher, 1983.
- [13] J.P. NICOLA, *Pluton*. Paris, Ed. Sand, 1985.
- [14] P. COLOMBET, *Soyez votre astrologue*, Paris, Ed. Denoël, 1961.
- [15] G. ANTARÈS, *Manuel pratique d'astrologie*, Tourcoing, Ed. Flandres-Artois, 1959.
- [16] J. REVERCHON, *Notions d'astrologie*, Paris, Ed. Dangles, 1946.
- [17] H.J. GOUCHON, *Dictionnaire d'astrologie*, t.3: Bases de l'interprétation, Paris, Gouchon édit., 1940.

- [18] C. SANTAGOSTINI, *L'horoscopie cartésienne*, Paris, Ea. Traditionnelles, 1976.
- [19] G. HOLLEY, *Comment comprendre votre horoscope?*, Ed. du Rocher, 1980.
- [20] À. VOLGUINE, *La technique des révolutions solaires*, Paris, Dervy-Livres, 1986.
- [21] M. DUVAL, *La domification et les transits*, Paris, Ed. Traditionnelles, 1984.
- [22] R. ZOLLER, *La clé perdue des prédictions, les parts arabes en astrologie*, Dervy-Livres, 1982.
- [23] À. RUPERTI, *Les cycles du devenir*, Ed. du Rocher, 1981.
- [24] J.P. NICOLA, *Pour une astrologie moderne*, Paris, Ed. du Seuil, 1977.
- [25] C. PTOLÉMÉE, *Tetrabiblos*, Vernal/P. Lebaud, 1986.
- [26] W. KNAPPICH, *Histoire de l'astrologie*, Vernal/P. Lebaud, 1986.
- [27] BOUCHÉ-LECLERCQ, *Histoire de l'astrologie grecque*, Paris, Ed. Leroux, 1899.
- [28] R. BERTHELOT, *La pensée de l'Asie et l'astrobiologie*. Paris, Ed. Payot. 1972.
- [29] W. KENTON, *Astrologie, le miroir céleste*. Paris, Ed. du Seuil, 1974.
- [30] S. DE MAILLY-NESLÉ. *L'astrologie, l'histoire, les symboles, les signes*. Paris, Ed. Nathan, 1981.
- [31] W. E. PEUCKERT, *L'astrologie, son histoire, ses doctrines*, Paris, Ed. Payot, 1980.
- [32] M. PÉAUD. *Les astrologues à la fin du Moyen Age*, J.C. Lattès, 1984.
- [33] P. CHOISNARD, *Saint Thomas d'Aquin et l'influence des astres*. Ed. Traditionnelles, 1983.
- [34] J. HALBRONN, *Le monde juif et l'astrologie*, Arché-Milano, 1985.
- [35] G. SIMON, *Kepler, astronome et astrologue*. Paris, Ed. Gallimard, 1979.
- [36] E. HOWE, *Le monde étrange des astrologues*. Paris, Ed. Laffont, 1968.
- [37] E. MORIN, *La croyance astrologique moderne*, Lausanne, Ed. L'Âge d'homme, 1985.
- [38] D. DIDEROT. *Encyclopédie*, Paris, 1751.
- [39] P. CHOISNARD, *Langage astral*, Paris, Ed. Traditionnelles, 6. ed. 1963.
- [40] P. FLAMBART, *La loi d'hérédité astrale*, Paris, Chacornac, 1919.
- [41] A. BARBAULT. *Le Zodiaque*. Paris, 12 vol., Ed. du Seuil, 1957.
- [42] G. SOLEIL, *Le coeur dans les étoiles*, Paris, Desclée de Brouwer, 1985.
- [43] J. HALBRONN, *Le guide de la vie astrologique*, Paris, Ed. G. Trédaniel, "La Grande conjonction, 1984.
- [44] K. E. KRAFFT. *Traité d'astrobiologie*, Paris, Ed. A. Legrand, 1939.
- [45] F. THIERY, *L'astrologie des insectes*, Paris, Ed. Aubépine, 1987.

- [46] E. TEISSIER, *L'astrologie, science du XXI^e siècle*, Paris, Ed. n. 1, 1988.
- [47] P. COLOMBET, *Secrets et techniques de l'astrologie*, Genève, Ed. Famot, 1979.
- [48] H. J. EYSENCK e D. K. B. Nias, *Astrology, Science or Superstition?*, Penguin Books (GB), 1982.
- [49] G. DEAN e A. MATHER, *Recent Advances in Natal Astrology, a critica! review 1900-1976*. Ed. Astrological Association, (GB) 1977.
- [50] M. GAUQUELIN, *Le dossier des influences cosmiques*, Paris, Ed. Denoël, 1973.
- [51] M. GAUQUELIN, *Written in the Stars*. The Aquarian Press. (GB), 1988.
- [52] S. DE MAILLY-NESLE, *L'être cosmique*, Paris, Ed. Flammarion, 1985.
- [53] M. GAUQUELIN, *La vérité sur l'astrologie*, Ed. du Rocher, 1983.
- [54] F. GAUQUELIN, *Psychology of the Planets*, Astro Computing Service (EUA), 1982.
- [55] J. HALBRONN e S. Hutin, *Histoire de l'astrologie*. Ed. Artéfact, 1986.
- [56] A. BARBAULT, *Dela psychanalyse à l'astrologie*, Paris, Ed. du Seuil, 1961.
- [57] D. RUDHYAR, *Approche astrologique des complexes psychologiques*, Paris, Libr. Médicis, 1987.
- [58] M. GAUQUELIN, *Songes et mensonges de l'astrologie*, Paris, Ed. Hachette, 1969.
- [59] M. GAUQUELIN, *L'héritité planétaire*, Ed. Planètes, 1966.
- [60] M. GAUQUELIN, *Planetary Heredity*, ACS Pub., (EVA), 1988.
- [61] D. RUDHYAR, *Le rythme du zodiaque*, Ed. du Rocher, 1981.
- [62] J.P. NICOLA, *La condition solaire*, Paris, Ed. Traditionnelles, 1971 (1^a. ed., 1964).
- [63] J.C. PECKER, *Clefs pour l'astronomie*, Paris, Ed. Seghers, 1981.
- [64] A. UNSÖLD e B. BASCHEK, *The New Cosmos*, Springer-Verlag, N. York, 1983.
- [65] J.H. NELSON, *Cosmic Patterns: their influence on man and his communication*, Washington, American Federation of Astrologers, 1975.
- [66] P. HECKEL, *L'homme et /es influences astrales, essai de cosmologie appliquée*, Paris, EPI, 1983.
- [67] F. HARDY, *L'astrologie universelle*, Paris, Ed. Albian Michel, 1986.
- [68] Y. CASTELLAN. *La parapsychologie*, Paris, PUF, col. "Que sais-je?" 6. ed., 1985.
- [69] Y. CASTELLAN, *Le spiritisme*, Paris, PUF, col. "Que sais-je?" 6.ed., 1982.
- [70] D. VERNEY, *Fondements et avenir de l'astrologie*, Fayard edit., 1974.
- [71] S. CAPIER-VALADON, *Les théories de la personnalité*, Paris, PUF, col. "Que sais-je?", 1986.

A ASTROLOGIA

A astrologia é um fascinante e complexo sistema a ser compreendido, tanto como um estudo da influência dos astros sobre o comportamento humano, quanto como um estudo da sincronicidade entre os fenômenos macrocósmicos e os microcósmicos. Aprofundar-se em suas definições e simbologia requer um trabalho sério e lento. Mas, por ter se tornado um tema tão popular, a astrologia provoca curiosidade e dúvidas quanto à sua consistência e veracidade. A chave da questão está, portanto, na forma como a astrologia é abordada, uma vez que seu uso abarca os mais diversos níveis de seriedade e motivação como, por exemplo, do horóscopo preditivo nas revistas e jornais aos aconselhamentos individuais e empresariais.

Nesta obra a autora apresenta, de maneira sucinta e brilhante, uma introdução à astrologia, para os leigos, e uma pesquisa histórica sobre seu desenvolvimento, para aqueles já iniciados no seu estudo. Da introdução geral ao sistema simbólico, o leitor poderá acompanhar temas polêmicos como o debate entre a astrologia e determinadas ciências exatas — a astronomia, a psicometria ou a estatística — e as diversas interpretações de um mapa astrológico.

Valendo-se de sua formação, a autora, doutora em ciências pela Universidade de Paris, conclui com um apelo a um estudo científico da astrologia, uma vez que, em plena era da informática, os recursos para realização de pesquisas sobre temas e aspectos aparentemente contraditórios já estão bastante avançados.

STELLA VAN WEERELT *Astróloga e psicóloga clínica*

COLEÇÃO CULTURA CONTEMPORÂNEA

- 1 *A Filosofia da Arte*
Jean Lacoste
- 2 *A Acupuntura*
Jean-Claude Tymowski,
M. J. Guillaume,
M. Fiévet-Izard
- 3 *Curso de Filosofia Antonio*
Rezende (org.)
- 4 *A Imaginação*
Jeanne Bernis
- 5 *A Arte do Ator* Jean-
Jacques Roubine
- 6 *A Persuasão Lionel*
Bellenger
- 7 *As Teorias Econômicas*
Pierre Delfauld
- 8 *O Movimento Psicanalítico*
Ernest Gellner
- 9 *O Expressionismo*
Roger Cardinal
- 10 *A Poética* Henry
Suhamy
- 11 *A República de Weimar*
Rita Thalmann
- 12 *A Feitiçaria*
Jean Palou
- 13 *O Impressionismo*
Maurice Serullaz
- 14 *A Revolução Francesa*
Frédéric Bluche, S. Riáis,
J. Tulard
- 15 *A Filosofia Medieval*
Alain de Libera
- 16 *Darwin e o Darwinismo*
Denis Buican
- 17 *História do Anti-Semitismo*
François de Fontette
- 18 *A Astrologia*
Suzel Fuzeau-Braesch

